



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**ITAMAR MATEUS MUNIZ DE MELO**

**UM NOVO OLHAR PARA A VIRILIDADE: A RESSIGNIFICAÇÃO DO FENÔMENO  
A PARTIR DE PROTAGONISTAS DE DANIEL GALERA E ANTONIO DE PÁDUA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

**ITAMAR MATEUS MUNIZ DE MELO**

**UM NOVO OLHAR PARA A VIRILIDADE: A RESSIGNIFICAÇÃO DO FENÔMENO  
A PARTIR DE PROTAGONISTAS DE DANIEL GALERA E ANTONIO DE PÁDUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

**Área de concentração:** Literatura, memória e estudos culturais.

**Orientador: Antonio de Pádua Dias da Silva**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528u Melo, Itamar Mateus Muniz de.

Um novo olhar para a virilidade [manuscrito] : a ressignificação do fenômeno a partir de protagonistas de Daniel Galera e Antonio de Pádua / Itamar Mateus Muniz de Melo. - 2022.

123 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Masculinidade. 2. Virilidade. 3. Homens. 4. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

**ITAMAR MATEUS MUNIZ DE MELO**

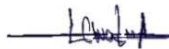
**UM NOVO OLHAR PARA A VIRILIDADE: A RESSIGNIFICAÇÃO DO FENÔMENO  
A PARTIR DE PROTAGONISTAS DE DANIEL GALERA E ANTONIO DE PÁDUA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

**Área de concentração:** Literatura, memória e estudos culturais.

**Aprovada em: 27/06/2022**

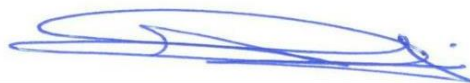
**BANCA EXAMINADORA**



---

Orientador

Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva



---

Examinador Externo

Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo



---

Examinador Interno

Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos



Pai, mãe, a vós dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao término dessa jornada, o sentimento que fica é de gratidão e realização, por isso agradeço:

A Deus pelo dom da vida e pela coragem necessária para enfrentar os dias angustiantes e desfrutar dos felizes em meio à pandemia.

Aos meus pais que foram o meu alicerce e refúgio nesse difícil período. A minha irmã, que sempre acompanhou minha jornada e hoje mostra os frutos que o exemplo dá, se despertando para a importância e beleza das ciências da linguagem e humanas.

A Nicolý por ser tudo aquilo que nem as palavras mais belas podem descrever e nem os ecos da sua presença em minha vida podem ser enumerados. Agradeço também a Joaldo, Kaio, Gerusa e Maria Alice por se tornarem minha segunda família. Obrigado!

A Adalberto, Jean, Anderton, Pedro Caio, Pedro, Eduarda, Letícia, Amanda, Armistroang, Bonny, Thalysson e João Pedro, pelo amor, carinho e transcendências através de sorrisos proporcionados pelos nossos encontros.

À Universidade Estadual da Paraíba que foi onde me encontrei e pretendo minha vida ou parte dela formando pessoas, assim como ela fez comigo.

À CAPES por fazer com que eu pudesse me dedicar ao Mestrado e estudar dignamente através do programa de bolsas. Viva a educação pública!

Aos professores Flávio e Gilvan por participarem desse momento tão importante da minha vida.

Ao meu mestre, Antonio de Pádua, por tudo que fez e faz por mim, por ter entrado em minha vida e mostrado os caminhos da jornada acadêmica. Gratidão pelos ensinamentos, paciência, sinceridade, amor e, sobretudo, pela amizade.

## RESUMO

A virilidade é um fenômeno que configura as *performances* masculinas. Com o passar dos séculos, ela foi ganhando os atributos construídos por cada época como ideal de masculinidade, como a agressividade, a violência, a honra, a heterossexualidade e dominação. Contudo, a sociedade mudou com o advento de algumas transformações sociais, como os movimentos feministas, mudanças no pensamento social e nas formas de produção. Assim, a virilidade, pouco a pouco, perdeu espaço nesse novo mundo. Diante desse cenário, nasce o problema desta dissertação, que consiste indagação sobre a existência de virilidade nas masculinidades representadas na literatura atual, haja vista que eles mudaram, então o que sobrou? Levanto a hipótese de que, embora os protagonistas se distanciem do conceito de *homem de verdade* entendido na perspectiva de Nolasco (1997), eles são viris. Defendo a tese de que a virilidade sofreu um processo de sedimentação, que a impediu de prosseguir o processo evolutivo como aconteceu ao longo das civilizações. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é analisar as obras *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) e *Por enquanto... outra estação* (PÁDUA, 2014) a fim de lançar um novo olhar sobre a virilidade de acordo com performances ou práticas culturais dos protagonistas. Para alcançar o que foi proposto, busquei embasamento teórico nos estudos empreendidos por Georges Vigarello (2013) com sua investigação sobre a virilidade desde sua gênese até a chegada da modernidade, mostrando as mudanças que o fenômeno sofreu com as trocas culturais da época. Alain Courbin (2013) que discute a virilidade dentro da modernidade e como as revoluções industrial e do pensamento racional influenciaram nos modos de ser e estar do homem. Jean-Jacques Courtine (2013) com suas discussões sobre as mudanças no que é entendido como viril na passagem da modernidade para o mundo contemporâneo. Em Nolasco (1995; 1997) encontro ideias importantes para pensar a masculinidade do ponto de vista psicanalítico e comportamental. Outro autor crucial é Robert Connell (1995) na medida em que ele foi o pioneiro e dono de um dos trabalhos mais importantes sobre a masculinidade enquanto um gênero plural. Por fim, Albuquerque Júnior (2013) com seu estudo sobre o homem do cenário nordestino.

**Palavras-chave:** Masculinidades; Virilidade; Comportamento masculino; Daniel Galera; Antonio de Pádua.

## ABSTRACT

Virility is a phenomenon that is configured as masculine performances. As the centuries passed, elagression came to be the ideal attributes of masculinity, such as violence, violence, honor, heterosexuality, and the time. However, society has changed with the advent of social transformations, such as feminist movements, in social thought and forms of production. Thus, virility, little by little, lost space in this new world. In view of this, it is born from this dissertation, which consists of asking about the existence of virility in masculinities what exists in the current literature, how are they? I raise the hypothesis that, although the protagonists distance themselves from the concept of the real man understood in the perspective of Nolasco (1997), they are virile. The thesis is defended that virility underwent a process of sedimentation, that the impediment of how the evolutionary process happened throughout civilizations. In this sense, the objective of the research is analyzed as the works *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) and *Por enquanto, outra estação* (PÁDUA, 2014) in order to launch a new look at virility according to performances or cultural practices. of the protagonists. To achieve what was proposed, I sought theoretical basis in the studies undertaken by Georges Vigarello (2013) with his investigation of virility, its genesis until the arrival of modernity, projected as changes that the phenomenon projected with the cultural exchanges of the time. Alain Courbin (2013) that discusses virility within modernity and how industrial revolutions and rational thinking can influence the ways of being and being human. Jean-Jacques Courtine (2013) with his reflections on the changes in what is understood as virile in the passage from modernity to the contemporary world. In Nolasco (1995; 1997) I find ideas for thinking about masculinity from a psychoanalytic and behavioral point of view. Another crucial author is Robert Connell (1995) as he was the pioneer and owner of one of the most important works on masculinity as a plural gender. Finally, Albuquerque Júnior (2013) with his study on the man from the northeastern scenario.

**Keywords:** Masculinities; Virility; Male behavior; Daniel Galera; Antonio de Pádua.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. REVISITANDO AS RUÍNAS DOS HOMENS: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA VIRILIDADE .....	14
2.1 Apontamentos teóricos sobre a virilidade e as masculinidades.....	14
2.1.1 A desmistificação do masculino: as masculinidades nos estudos de gênero.....	15
2.1.2 A virilidade e suas transformações longo da história.....	24
2.2 A problematização de masculinidades a partir das obras de Daniel Galera .....	45
1.2 Um olhar para as representações das masculinidades <i>gays</i> em Antônio de Pádua.....	51
3. UMA NOVA VIRILIDADE? OS PRIMEIROS LANCES DA MASCULINIDADE EM <i>BARBA ENSOPADA DE SANGUE</i> .....	57
3.1 As noções de virilidade a partir dos primeiros elementos da obra .....	58
3.1 O protagonista e sua relação com a família .....	62
3.2 O modo de ser e estar no mundo.....	71
3.3 A virilidade do professor diante da traição .....	76
4. A VIRILIDADE PENSADA A PARTIR DE MASCULINIDADES <i>GAYS</i> EM <i>POR ENQUANTO, OUTRA ESTAÇÃO</i> .....	88
4.1 Uma virilidade <i>gay</i> ? .....	90
4.2 Uma ética baseada nos prazeres e desejos.....	101
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	122

## 1. INTRODUÇÃO

Não se nasce homem, torna-se homem. Dizer isso é muito mais do que uma simples adaptação da ideia de Simone de Beauvoir (1960) sobre a mulher como uma construção social, é uma forma de dizer que há um novo cenário para as masculinidades e, além disso, é a forma com a qual início esta dissertação. Muitos foram os impasses, opções de caminhos, limitações, inquietações, receios e equívocos até aqui, mas, uma das maiores dificuldades no empreendimento dessa pesquisa foi a linha tênue entre a condição de pesquisador e minha condição masculina, tendo em vista a necessidade de falar sobre outros homens de diferentes contextos.

Elaborando a hipótese da sua pesquisa sobre o porquê do silenciamento dos estudos de gênero com relação às masculinidades, Carlos Ceccarelli (2013) propõe que dar revelo às outras categorias de gênero em detrimento das masculinidades é uma forma de mantê-la em silêncio e naturalizada. Olhando para esta proposição acerca do tema, penso que ao tecer os caminhos desta dissertação na condição de homem e de pesquisador que reflete sobre sua categoria, abro uma ferida necessária na armadura densa e invisível das masculinidades.

Essa questão não é algo recente, visto que o interesse sobre o tema vem desde a graduação. Há alguns anos, pesquisava sobre a mudança de comportamento dos personagens da literatura brasileira, observando e vibrando com as constatações de uma espécie de deslocamento comportamental. Algumas condutas rejeitadas por protagonistas entendidos no padrão do *homem de verdade* eram incorporadas por protagonistas das obras estudadas. Entretanto, o que esses homens aceitavam, os contemporâneos descartaram, Itamar Mateus Muniz de Melo (2019).

O deslocamento, contudo, acabou desaguando em um mar do não-ser. O personagem masculino da literatura contemporânea não é mais valorativo, não é mais honroso, não é mais forte, despindo a malha de códigos estipulados para um homem de verdade. Nesse sentido, Regina Dalcanstagnè (2001) diz que “vão nos sobrando, então, uns sujeitinhos confusos, que tropeçam no discurso, esbarram nas quinas do livro, perdem o fio da meada.” (p. 114). A autora, em seu trabalho sobre os narradores e personagens da literatura brasileira contemporânea, se apoia na

tese de que o ponto central da narrativa contemporânea é o escritor, fazendo com que a linha entre ficção e realidade torne-se mais tênue do que é.

Tomando como base seus apontamentos, na pesquisa empreendida defendi a tese de que os personagens acompanharam a cultura e passaram a representar esse novo homem, na medida em que sujeito e cultura estão em uma relação simbiótica de constituição, os sujeitos criam a cultura e a cultura molda sujeitos, logo, as masculinidades da literatura são respaldadas no homem atual.

Ora, se esse protagonista não é, então o que ele é? Esse sujeito homem precisa de predicados, não para reafirmar uma posição de superioridade, mas para entender seu papel diante das demandas socioculturais dos nossos tempos. Sendo assim, tomando como base os resultados do trabalho que desenvolvi, a questão que impulsiona esta dissertação consiste na indagação sobre se os personagens masculinos da literatura contemporânea perderam sua virilidade, em outras palavras, representar os personagens como sujeitos cujas masculinidades se diferenciam em muito do padrão tradicionalista significa que não existe mais virilidade nesses homens? A hipótese prévia à questão é que esses protagonistas não perderam a virilidade, minha grande busca é a possibilidade de uma ressignificação desse conceito.

Partindo desses levantamentos, a tese que alicerça esta dissertação e explica a hipótese adotada é a solidificação da virilidade dentro de um certo padrão e sua evolução natural como aconteceu nos séculos anteriores fora interrompida. Esse fenômeno não é estável, ele sofreu mutações, mas ao atingirmos um certo esquema concreto de comportamentos, ele parou de mudar e foi sofrendo uma carga desvalorativa pelas novas tendências culturais e movimentos sociais já citados, pois ao falarmos em virilidade estamos falando também em patriarcado. A virilidade tradicional, então, foi perdendo espaço, à medida que não era mais necessária à cultura atual. Esse movimento fez com que os defensores de uma sociedade conservadora cujos homens deveriam ser viris à moda antiga aumentassem os reforços para trazer à tona o modelo. Por outro lado, os movimentos sociais representando as minorias foram ganhando espaço e mostrando o quanto essa virilidade, que dava força ao patriarcado, era nociva aos sujeitos que não faziam parte da hegemonia. Portanto, esse embate entre forças impossibilitou a mutação, sedimentando a virilidade e fazendo com que o modelo parasse de evoluir.

Diante disso, o objetivo da presente dissertação é analisar as condutas e códigos de masculinidade dos protagonistas de *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) e *Por enquanto... outra estação* (PÁDUA, 2014), com o intuito de repensar a virilidade, mostrando um novo olhar sobre o fenômeno de acordo com a tendência cultural na qual estão inseridos.

Alguns esclarecimentos se fazem necessários diante do tema que será trabalhado, pois ele poderia encontrar barreiras em sua relevância por trazer à tona um tema que seria uma espécie de regressão diante de tudo o que a cultura de gênero conquistou. Poderiam usar os próprios argumentos do historiador Maurice Sartre (2013) e de Geoges Vigarello (2013) para afirmar que a virilidade diz respeito à dominação masculina e resgatar o conceito seria reestabelecer o domínio apenas dos homens nas esferas sociais, dando margem para a reestruturação do patriarcado. Todavia, a cultura atual, segundo Linda Hutcheon (1991), encontra-se em um *off-centro*, o qual reside “na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico.” (p. 89) O pensamento da autora releva as condições que moldam as noções de virilidade aqui trabalhadas, ou seja, o fenômeno aqui estudado não anularia o contexto sociocultural que vivemos, nem seria regressivo na tentativa de tentar reerguer uma sociedade cujo controle voltasse às mãos dos homens, mas sim acompanharia a tendência, retirando a carga negativa da virilidade e abrindo espaço para um novo diálogo e um modo de identidade masculino, mostrando, além disso que há um caminho de condutas e comportamentos aceitáveis dentro do que o mundo atual permite.

Para proceder com este diálogo faremos uma volta ao passado, pois partiremos de onde a virilidade nasceu para quebrar suas rochas, ou seja, da literatura. A literatura é o berço de muitos ideais e de muitas crenças; ora, o que seria dos deuses gregos sem a *Teogonia* de Hesíodo? O que seriam dos heróis sem as epopeias de Homero? A virilidade, conforme Sartre (2012), chegou até nós através da literatura, o historiador desenvolve sua pesquisa acerca das virilidades gregas principalmente pelos escritos de Plutarque, Tucídides e Aristophanes. Portanto, partiremos da literatura e abriremos um novo caminho para o fenômeno.

A primeira obra analisada é *Barba ensopada de sangue* de Daniel Galera (2012), a qual traz a história do anônimo professor de educação física que sofre de uma doença chamada prosopagnosia. Além disso é um homem com muitas

questões e problemas em busca de respostas. Durante sua vida, passa por enfrentamentos nas suas relações afetivas, tanto conjugais quanto familiares, a maior dessas foi a traição da sua noiva com seu irmão, que fez o professor se distanciar da sua família. Além dessas problemáticas, há, no início da obra, o suicídio de seu pai, do qual ele era o único a saber e recebeu a tarefa de executar o último desejo dele. Após o ato fatídico, muda-se para uma cidade no litoral do Rio Grande do Sul chamada Garopaba, com o intuito de buscar refúgio dos demônios que assolavam sua mente e encontrar respostas sobre a suposta morte do avô. A escolha da obra de Galera (2012) para esta dissertação se justifica pelos modos com os quais o protagonista da obra enfrenta seus percalços durante sua jornada. Desde o início da narrativa, o professor dá sinais de que a palavra honra, no sentido da tradição viril, não existe em seu vocabulário, isso faz com que seus comportamentos se distanciem daquilo que entendemos por condutas masculinas do ponto de vista tradicional.

A segunda obra em análise é de Antonio de Pádua e seu romance *Por enquanto... outra estação*, lançado em 2014, que problematiza o que entendemos por gênero em todos os sentidos, visto que traz a história do anônimo velho, que sofre com *Alzheimer* e depende do filho mais novo, Dalton. O jogo de palavras do título faz menção ao modo de narrar a história, pois as cenas trazidas aos leitores são, em sua maioria, lembranças da vida do velho, ou seja, vez ou outra, estamos em outra estação. Essas lembranças evocam os percalços que marcaram uma vida dupla, a do homem casado hétero e pai de família, e a do homem gay que estava em busca da realização dos seus desejos e afetos. A consequência desse embate foi o assassinato do seu grande amor, o falecimento da sua esposa, o sucumbir da família e o afastamento dos filhos. A escolha de *Por enquanto... outra estação* (2014) para esta dissertação, cujo objetivo é lançar um novo olhar sobre a virilidade com base nas problemáticas contemporâneas, se justifica pelo modo como o protagonista enfrenta o que o separa da sua felicidade, o *status* de pai e hétero. Ora, por que não existiria virilidade em uma masculinidade *gay*?

Os estudos voltados às masculinidades ainda são poucos se comparados aos outros gêneros. Com isto não queremos esmaecer os problemas causados pelo patriarcado à humanidade, nem diminuir a importância de se estudar a mulher e o grupo LGBTQIA+, contudo, se estamos falando em estudos de gênero é necessário

que todos os grupos estejam em foco, inclusive as masculinidades. A importância desta dissertação, portanto, reside na expansão deste diálogo entre as masculinidades e os estudos de gênero. Além disso, trazer o tema da virilidade à tona é entender o que este fenômeno representou para as masculinidades e suas representações atualmente em sujeitos que obrigatoriamente não devem mais ocupar a posição hegemônica, mas buscam se situar e entender o que este novo mundo proporciona para si. Não obstante, é importante apontar para o meu lugar de fala, um homem branco e hétero que possui limitações por não estar no lugar de outros homens para falar sobre suas jornadas.

Para iniciar com as problematizações sobre a virilidade, inicio os capítulos desta dissertação com as bases teóricas que alicerçam minhas ideias. Inicialmente, discuto sobre como os homens foram sendo inseridos nos estudos de gênero e sua condição foi se desmistificando. Para isso, tomo como referência os estudos de Karen Giffin (2014), Pierre Bourdieu (2004), Sócrates Nolasco (1997), Antonio Cuschnir e Mardegan Júnior (2001), Bernardo Jablonski (2001) Caldas e Queiroz (1997) e Robert W. Connell (1995). Todos esses pesquisadores se debruçam sobre o estudo do homem do ponto de vista comportamental e social, ou seja, em suas análises, o foco são as práticas culturais de gênero, por isso são importantes, na medida em que contribuem para o entendimento do homem como um ser social. Após isso, volto para as sociedades fundadoras do ocidente para revisitar as ruínas da virilidade, através dos estudos de Sartre (2013), Vigarello (2013), Thuillier (2013), Thomasset (2013) e Courtine (2013), os autores dissertaram sobre a virilidade ao longo dos séculos, registrando suas mutações de acordo com as culturas, esse momento é de extrema importância, visto que é a partir dele que minha tese ganha sustentação, evidenciando a virilidade como um fenômeno mutável e adaptável. No momento posterior, discuto o problema da virilidade ser pensada, historicamente, apenas como pertencente ao heterossexual, embasando meus argumentos a partir de Didier Eribon (2008), Michel Foucault (2014; 2021), Nolasco (1995; 1997) e Jonathan Katz (1996). Por fim, apresento as principais temáticas das trajetórias literárias de Antônio de Pádua e Daniel Galera, além de trazer pesquisas já feitas sobre os autores que contribuem para o meu trabalho.

No segundo capítulo, faço a análise de *Barba ensopada de sangue* (2012). A obra apresenta um protagonista hétero, de classe média, com alguns problemas na

estrutura familiar, nas suas relações de afeto e subjetivo. Pensando nisso, o capítulo parte de uma problematização do modo como os aspectos primordiais do romance dão indícios da masculinidade que será apresentada. Neste momento, a discussão gira em torno do nome da obra e do anonimato do protagonista. Após essa análise dos elementos mais básicos, adentro na narrativa, empreendendo uma discussão sobre a estrutura familiar do professor procurando os códigos de masculinidades que são estabelecidos entre ele, seu pai e seu avô. Posteriormente, o foco sai da relação familiar e vai ao seu modo de ser e estar no mundo, investigando o modo como ele, enquanto homem, compreende e vê o mundo e as pessoas ao seu redor. Por fim, a problematização se centra na traição que há na obra, para, através dessa análise, entender como funciona a virilidade desse homem contemporâneo diante de situações tão caras às masculinidades tradicionais.

No terceiro, me volto a *Por enquanto... outra estação* (2014). A obra apresenta um protagonista já de idade avançada, sem nome revelado, intitulado apenas como velho, homem *gay* de classe média alta, que vive problemas com sua sexualidade, crenças e estrutura familiar. Neste capítulo, o foco de análise inteiro gira em torno das questões: pode existir uma virilidade *gay*? Se sim, como ela se constitui? O caminho adotado para buscar tais respostas parte da desconstrução da virilidade como um elemento ligado à heterossexualidade. Após esse momento, a discussão vai para o campo da metafísica, visto que discuto a ideia de ética que pode ser pensada a partir de como essa masculinidade vive e pensa sua vida e suas subjetividades. Esse salto temático se justifica pelo fato de que uma virilidade é constituída a partir de alguns elementos já discutidos e, um dos mais importantes é a ética. A obra apreciada apresenta um novo projeto de ética para as masculinidades, configurando mais um aspecto dessa virilidade contemporânea.

## **2. REVISITANDO AS RUÍNAS DOS HOMENS: UM OLHAR PARA A HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA VIRILIDADE**

É preciso pensar sobre o passado, para compreender o presente e idealizar o futuro. A frase do Historiador grego, Heródoto, é uma síntese desde capítulo, porque nele revisitarei algumas sociedades antigas e importantes para entender as práticas culturais que temos atualmente.

O capítulo é dividido em dois grandes blocos. O primeiro deles faz essa volta ao passado, analisando as práticas culturais e como se configurava o homem viril nas altas cúpulas sociais gregas, do homem romano, dos povos considerados bárbaros e do homem moderno, no intuito de entender as raízes do comportamento das masculinidades atuais. Além disso, discorro sobre o porquê a virilidade ser historicamente ligada à heterossexualidade. A segunda parte consiste na apresentação das obras estudadas nesta dissertação.

### **2.1 Apontamentos teóricos sobre a virilidade e as masculinidades**

A virilidade não é algo que se pode definir de maneira simplista ou então atribuir um conceito sem que se entenda o que significa portar esse atributo simbólico. Ela requer um debruçar-se sobre as ruínas da história dos homens, que, conforme Del Priore (2013) é uma jornada marcada por guerras, conflitos e tensões. Por outro lado, Albuquerque Júnior (2013) questiona: qual a história que não é dos homens? Nesse sentido, as estruturas da humanidade serão analisadas e investigadas, a fim de entender o fenômeno do que é ser viril.

Dividirei, então, este capítulo em dois grandes momentos. A primeira parte discorre sobre os aspectos teóricos em torno das masculinidades e da virilidade. Objetivo, inicialmente, apresentar as masculinidades dentro da perspectiva dos estudos de gênero, mostrando o início das problematizações sobre o masculino enquanto um gênero, o que trouxe o desvelamento da condição natural masculina, e a separação que houve entre os estudos sobre as masculinidades e os feminismos. A segunda etapa desta primeira parte entra no objeto de discussão da presente dissertação, a virilidade. O objetivo, portanto, é situar as mudanças do fenômeno ao longo do tempo, reforçando a tese de que a virilidade não é algo estável, mas mutável e adaptável. Para isso, o caminho traçado dar-se-á diacronicamente, passando por momentos marcantes para as mudanças das práticas culturais das



virilidades e apresentando como a ela se transforma de acordo com as demandas sociais.

O último ponto da primeira parte reflete sobre como a virilidade foi se sedimentando junto à heterossexualidade, dentro de um período no qual os termos hétero e homo começam a ser problematizados e categorizados por instituições como a Igreja e a medicina e a psiquiatria.

A segunda parte se centra nos autores e nas obras selecionadas para análise. Inicialmente, discorro sobre Antônio de Pádua, mostrando sua carreira como pesquisador e escritor de literatura de temática homoerótica. Após isso, discuto sobre a obra e vida de Daniel Galera, apresentando, principalmente, a crítica ao romance *Barba ensopada de sangue* (2012), sobre o qual há pesquisas que problematizam o universo masculino da obra.

### **2.1.1 A desmistificação do masculino: as masculinidades nos estudos de gênero**

Os feminismos surgem como movimentos de libertação das mulheres dos papéis da dona de casa, da servidão, da doçura, do recato, da mãe, reivindicando outros lugares sociais e desconstruindo discursos que as naturalizavam a uma condição de submissão. Diante desse cenário, a grande organização que estruturava a sociedade ocidental, o patriarcado, foi se esfacelando, perdendo forças, visto que para sua materialização, era necessário um conjunto de elementos que sustentassem sua estrutura.

Essa organização social se baseava na dominação masculina. O homem, então, era o centro do patriarcado, entendido como o ser universal, configurando o que Bourdieu (2004) chama de *dóxa*, ou seja, um conjunto de ideias e juízos vistos como naturais. No entanto, conforme os feminismos foram ganhando espaço, essa naturalização do masculino como o normal e como aquele detentor da Ordem da sociedade foi sendo enfraquecida. A partir disso, as mulheres tanto lutaram por seu espaço, quanto abriram portas para outras massas que não se sentiam representadas pelo masculino de classe dominante, como homens do proletariado, intelectuais que defendiam ideais diferentes, negros e gays.

Seria incoerente com a história dos estudos sobre masculinidades não mencionar a importância do feminismo, pois, ainda que o homem fosse visto como o

sujeito do patriarcado, muitos não se identificavam com os padrões de comportamento impostos, aderindo aos movimentos feministas. No entanto, essa união entre estudos sobre o homem e feministas não perdurou, visto que havia um arquétipo sobre a figura masculina: o dominador. Segundo Karen Giffin (2004),

Havia homens interessados em participar da reflexão sobre essas questões. Sua aproximação às discussões em pequenos grupos e seminários, no entanto, foi vetada naquele momento por nós, mulheres. Exercer este poder de veto foi visto como necessário, ao menos num primeiro momento, dada nossa experiência cotidiana com a dominação masculina. (p. 48).

Em seu estudo sobre a inserção dos homens nos estudos de gênero, a pesquisadora aponta para uma participação de público masculino em rodas de debate na fase embrionária dos feminismos enquanto movimentos organizados. Contudo, os homens foram afastados, tendo em vista que as mulheres temiam uma possível perda de controle e de domínio daquele movimento que nascia justamente contra a estrutura social patriarcal.

Olhando para o cenário masculino, isso não foi benéfico, pois excluiu os homens que não se identificavam ou não assumiam a postura daqueles que estavam no centro do poder. No entanto, do ponto de vista dos feminismos, há a importância dessa decisão para a autonomia das mulheres. A partir dessa fase, conforme a autora, foi-se descobrindo o sistema de binarização que dava movimento às relações sociais “na oposição e hierarquização de cultural/natural, social/biológico, ciência/ arte, razão/emoção, produção/reprodução, público/privado, ativo/passivo, corpo/mente etc. consolidou-se a noção de dois ‘sexos oposto’”. (GIFFIN, p. 48, 2004). O patriarcado, nesse sentido, teve seus véus que encobrem a organização social desvelados e, com isso, o homem não era mais entendido como um sujeito biologicamente determinado ao posto da dominação, pois o que acontece, na verdade, é um condicionamento social para designar os papéis de gênero.

Pierre Bourdieu, em sua obra, *A dominação masculina* (2004), explora e apresenta as nuances dessa estrutura social. Para o sociólogo, o mundo funciona a partir de uma visão androcêntrica, ou seja, sob a visão masculina. Contudo, essa visão não é percebida, pois “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2004, p. 24), ou seja, a dominação masculina se desenvolve silenciosamente, sem a

necessidade de legitimação, pois aquilo que se movimenta usando a força chama a atenção, é visto e é ouvido. Essa dominação, entretanto, se dá através dos esquemas de organização mínimos, o que ele chama de máquina simbólica, que consiste nas estruturas objetivas e cognitivas, ou seja, trabalho, noções de certo e errado, roupas, divisão de tarefas que são designadas a homens e mulheres, com o objetivo de, naturalmente, manter a ordem.

Com o advento dos estudos feministas essas estruturas *dóxicas* foram perdendo seu caráter e apresentadas como construções sociais. Contudo, os homens não representados ou não contemplados totalmente pelas regalias do patriarcado, ficaram à margem, à deriva. A história, até esse momento, não abarca ou menciona esses homens, porque eles não constituíam a regra. A história enquanto escrita do vencedor, do dominador não poderia deixar registrados traços ou caracteres dos sujeitos fracassados.

Mesmo com essa prioridade discursiva dos grupos feministas dos homens, os estudos de gênero que discutiam as masculinidades surgiram, mas se estabeleceram a partir de diversas áreas sem uma unidade. Os próprios termos que nomeiam os movimentos mostram como não há uma organização nos estudos sobre o homem, na medida em que os estudos sobre as mulheres, a condição e representação feminina recebem o termo feminismo. Em contrapartida, quando pensamos nos estudos sobre a condição masculina, não há a mesma organização, mas isso acontecia porque não havia um motivo plausível, visto que os homens que queriam mudança eram a minoria. Isso mostra como a história e a escrita sempre foi dos homens, que preferiam manter uma ordem silenciosa e era contra eles que os discursos se levantavam. As masculinidades quase sempre ocuparam posições de poder, estudo nenhum seria necessário para corroborar o que era norma, preceito ou regra. A ausência de discursos em favor dos homens só evidencia o quanto de domínio eles exerceram ao longo de séculos. Onipotentes e hegemônicos. Tendo em vista esses apontamentos, Segundo Botton (2007), os estudos sobre as masculinidades ainda é um campo inovador – embora tenham surgido há mais de 50 anos -, para o qual confluem diversas abordagens de áreas como Letras, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Psicologia.

É necessário entender, todavia, que sem o feminismo não haveria espaço para se discutir a condição masculina, pois, conforme Caldas e Queiroz (1997) “a

luta da mulher por igualdade de direitos interferiu decisivamente na figura do ‘machão’” (p. 152), ou seja, a partir do momento em que a mulher passou a questionar sua posição na sociedade, a ordem patriarcal foi perdendo aos poucos seu alicerce, porque a estrutura dependia da sujeição feminina, por isso essa figura do *machão* começou a perder seu trono.

A partir disso, as masculinidades começaram a ser percebidas e desnaturalizadas. Portanto, a questão mais importante, nesse cenário, foi a desmistificação do masculino enquanto um sujeito biologicamente determinado aos papéis que cumpria. Nessa perspectiva, significava ser homem ter um conjunto de condutas que o caracterizassem como tal, essas condutas eram consideradas como inerentes ao sujeito masculino, formando o que Nolasco (1997) considera como *homem de verdade*. Para o psicólogo brasileiro, há uma categoria que, no senso comum, configura esse *homem de verdade*, destinada ao sujeito que está dentro da tríade sexo-gênero-sexualidade, assumindo o papel de provedor da casa, hétero, violento, sem nenhuma fraqueza e virtuoso, estando abaixo apenas de Deus.

O conceito cunhado por Nolasco (1997) reúne uma série de ideias acerca desse arquétipo de homem. Cuschnir e Mardegan Junior (2001), discorrendo sobre as diversas máscaras que o homem usa na sociedade para camuflar seu lado interior, aponta para aqueles que são pedagogizados em um contexto patriarcal, afirmando que suas condutas devem ser heroicas, estoicas e todos os momentos vistos como decisivos, além disso os sentimentalismos não podem fazer parte do acervo da sua personalidade. Os termos são diferentes, mas os fios dos discursos se entrelaçam na construção de uma imagem do que é o masculino como um ser configurado em ideais patriarcais.

Outro autor que debate o tema é Jablonski (2001), em seu artigo sobre a dificuldade em desconstruir a figura do *boçalossauro*. O pesquisador reúne dois termos para problematizar o homem culturalizado pelas normas patriarcais, são eles boçal e dinossauro. A utilização desses dois nomes se dá porque seu objetivo é falar sobre a masculinidade bruta, tosca, rude e agressiva, presa a moldes de ser homens antigos. No artigo, Jablonski (2001) aponta para um condicionamento social gerador dessa visão de masculinidade, colocando que essa ideia sobre a condição masculina ligada a esses termos está no inconsciente coletivo, fazendo com que

homens e mulheres pensem no masculino como sujeitos restritos aos sentidos da nomenclatura do artigo.

Até aqui, os pesquisadores se centraram na figura de uma masculinidade que, embora considerado como universal e *homem de verdade*, como se não houvesse outro padrão comportamental, já havia uma cisão de modelos e práticas culturais. No entanto, há, não apenas um, mas vários são os papéis desempenhados por homens a depender de sua educação e meio cultural. Nesse sentido, a partir do momento em que os homens foram colocados como pauta nos estudos de gênero, essa figura padrão foi, aos poucos, se desmistificando e outros modelo ganharam espaço, mostrando a não unidade que há no que diz respeito às masculinidades.

Elucidando essas questões, um dos pioneiros a adentrar nesse campo e revelar e desmistificar essa masculinidade padrão, apontando para os outros papéis que os homens desempenham na sociedade é Robert Connell.

Quando mencionei as masculinidades nesta dissertação, o fiz com o substantivo no plural, mas essa forma de apresentar essa categoria só é possível graças aos estudos de Connell (1995), quando problematizou não apenas a condição masculina e suas consequências, mas sim o próprio gênero masculino enquanto uma construção social, permitindo que os homens fossem problematizados como um produto sociocultural, pois a masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente e é histórica, mutável e relacional, ou seja, o homem passou a ser visto como um sujeito problematizado sobre sua pedagogização, herança cultural e simbólica e relações interpessoais. A partir dessa visão, não há apenas um modelo de masculinidade, tendo em vista que as culturas são diversas, os intercâmbios interpessoais são múltiplos e as culturas educam de maneiras diferentes seus meninos. Dessa forma, falar em uma única masculinidade seria incoerente diante das várias possibilidades existentes, por isso o autor traz para o debate a ideia de *masculinidades*.

O autor, com esse conceito, questiona a ideia de uma masculinidade padrão e única, observando os diversos códigos e comportamentos desenvolvidos pelos homens na sociedade. Ele nos apresenta quatro categorias que dão forma às

condutas sociais masculinas: a masculinidade hegemônica, subordinada, cúmplice e marginalizada.

A primeira dessas categorias é a masculinidade hegemônica. Durante toda a discussão empreendida até aqui, problematizei um tipo de masculinidade mitificada como a verdadeira, o padrão a ser seguido. No entanto, Connell (1995) observa que esse é apenas um modo de organização dos comportamentos masculino.

A masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração da prática de gênero que encarna a resposta atualmente aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é tomado como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. (CONNELL, 1995, p. 78).<sup>1</sup>

O autor, inicialmente, discorre sobre a noção de *gender practice*, ou seja, sua análise não parte de um papel de gênero previamente definido, mas sim das práticas ou ações cotidianas que configuram o gênero. Nesse sentido, a partir dessa observação, há uma categoria de masculinidade que reforça as ideias patriarcais, a hegemônica, cujos comportamentos visam garantir a perpetuação da dominação masculina em todas as instâncias sociais. Não que as outras não o façam, mas essa tarefa é reforçada em especial por esse modelo de masculinidade, pois ela está no topo do poder.

Essa ideia de masculinidade hegemônica se assemelha às ideias dos autores que trouxe anteriormente nessa discussão, contudo ela é mais abrangente, na medida em que enquanto a noção de *homem de verdade* se centra no homem, a hegemonia masculina vai além, porque, segundo Connell (1995, p. 78) “Podem ser exemplares, como atores de cinema, ou até figuras de fantasia, como personagens de filmes. Indivíduos detentores de poder institucional ou de grande riqueza podem estar longe do padrão hegemônico em suas vidas pessoais”<sup>2</sup>, ou seja, ela é uma ideia que pode estar representada em diversas formas de expressão, nem sempre o é homem mais bem sucedido que reforça a masculinidade hegemônica, uma instituição pode endossar esse papel, dependendo dos ideais que ele defende. Sendo assim, percebe-se que o conceito defendido por Connell (1995) vai além do

---

<sup>1</sup> “Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women.”

<sup>2</sup> “They may be exemplars, such as film actors, or even fantasy figures, such as film characters. Individual holders of institutional power or great wealth may be far from the hegemonic pattern in their personal lives”

sujeito masculino, branco e burguês, faz referência a qualquer elemento social que endosse seu discurso.

A ideia mitificada do homem como um sujeito naturalmente hegemônico, uno e sem variações se diluiu com as pesquisas de Connell, pois o autor percebeu que, embora houvesse um sistema androcêntrico, poucos homens exerciam esse papel:

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNEL, 2013, p. 245)

O autor discute a hegemonia enquanto um padrão normativo para todos os homens, o que não acontece na realidade, na medida em que dentro das relações de poder, apenas alguns podem estar no topo, por outro lado a grande maioria é subordinado às altas cúpulas. Dentro das masculinidades isso não é diferente, visto que apenas alguns homens ocupam esse posto da hegemonia, mas, devido à assimilação de condutas e da tentativa de buscar um ideal de comportamentos, outras masculinidades se comportam e almejam o *status* regente da vida hegemônica, como pode ser observado na obra da autora Conceição Evaristo (2003) na qual o irmão da protagonista, embora seja de família extremamente pobre ex-escravizada e refém de um sistema cruel, mantém um desejo de se tornar soldado, ou seja, alcançar o lugar discursivo daqueles homens para, então, poder desfrutar dos poderes da hegemonia.

O segundo tipo de masculinidade é a subordinada. Pensando em uma relação hierárquica das masculinidades, não pode haver outra que se equipare à hegemônica, logo os outros modelos estarão abaixo. Essa breve descrição traz traços do nome que designa a categoria, contudo, antes de qualquer problematização, vale salientar que essas subordinações acontecem de maneira intragênero, pois o mundo, como lembra Bourdieu (2004), é operado sob uma visão androcêntrica de organização, ou seja, o homem está no topo e a mulher abaixo dele. No entanto, dentro das masculinidades acontece da mesma forma com homens estando subordinados socialmente a outros. Connell (1995) diz que essa subordinação está principalmente para as masculinidades *gays*, haja vista que “A opressão posiciona as masculinidades homossexuais na base de uma hierarquia de

gênero entre os homens”<sup>3</sup> (p. 78), ou seja, além das questões sociais e comportamentais, a sexualidade também é um dos itens principais regentes dessa organização, fazendo com que a masculinidade gay seja colocada na base da hierarquia, subordinada às outras masculinidades.

A explicação para isso se dá na oposição entre feminino e o masculino que baseou as primeiras ideias do que era ser homem. É comum entre os pesquisadores da área das masculinidades o fato de que a explicação para o homem, no início das distinções, era a apenas não ser mulher. Connell (1995), então, diz que “A homossexualidade, na ideologia patriarcal, é o repositório do que é simbolicamente expelido da masculinidade hegemônica, os itens que vão desde o gosto meticuloso na decoração da casa até o prazer anal receptivo.”<sup>4</sup> (p. 79), as masculinidades *gays*, por essa tradição, estariam distantes de masculinidades hegemônica.

Como já havia discutido, a maioria dos homens não atendem ao padrão hegemônico, mas isso não significa que não reforcem ou estejam distantes do patriarcado. Pelo contrário, por não se configurarem como hegemônicos, endossam práticas e discursos que se associam à perspectiva patriarcal. Connell (1995) chama essas masculinidades de cúmplices e, sobre elas, diz que

Outra relação entre grupos de homens, a relação de cumplicidade com o projeto hegemônico. Masculinidades construídas de forma a concretizar o dividendo patriarcal, sem as tensões ou riscos de serem as tropas da linha de frente do patriarcado, são cúmplices nesse sentido. (p. 80)<sup>5</sup>

As masculinidades cúmplices recebem essa nomeação devido a sua relação com os homens que estão na linha de frente da sociedade. Nesse sentido, elas não estão à frente das disputas por poder como o autor pontua, apenas corroboram a ideologia e os ideais daqueles que a comandam.

Até aqui está claro que o jogo que há entre as masculinidades é apenas intragênero, pois “Hegemonia, subordinação e cumplicidade, como acabamos de definir, são relações internas à ordem de gênero” (CONNELL, 1995, p. 80)<sup>6</sup>, ou seja, são condutas cujos efeitos só se observam dentro da ordem masculina. Uma mulher

---

<sup>3</sup> “Oppression positions homosexual masculinities at the bottom of a gender hierarchy among men.”

<sup>4</sup> “Gayness, in patriarchal ideology, is the repository of whatever is symbolically expelled from hegemonic masculinity, the items ranging from fastidious taste in home decoration to receptive anal pleasure”.

<sup>5</sup> “Another relationship among groups of men, the relationship of complicity with the hegemonic project. Masculinities constructed in ways that realize the patriarchal dividend, without the tensions or risks of being the front’ line troops of patriarchy, are complicit in this sense.”

<sup>6</sup> “Hegemony, subordination and complicity, as just defined, are relations internal to the gender order.”



sempre estará à margem nessas trocas. Diante disso, está claro que esses modos de viver se situam na hierarquia das classes sociais e dentro de cada esfera, embora não tenha um poderio econômico considerável ou esteja dentro do alto escalão social, o homem é hegemônico, pois em cada contexto há líderes, chefes, ou seja, há masculinidades hegemônicas, subordinadas e cúmplices

Ainda há um último modelo elaborado por Connell (1995), as marginalizadas. Essa categoria de masculinidades, dentro da hierarquia masculina de dominação, está situada abaixo de todas as outras. O autor, sobre elas, diz que:

As relações raciais também podem se tornar parte integrante da dinâmica entre as masculinidades. Em um contexto de supremacia branca, as masculinidades negras desempenham papéis simbólicos para a construção do gênero branco. Por exemplo, estrelas esportivas negras tornam-se exemplos de dureza masculina, enquanto a figura fantasiosa do estuprador negro desempenha um papel importante na política sexual entre os brancos, um papel muito explorado pela política de direita nos Estados Unidos. Por outro lado, a masculinidade hegemônica entre os brancos sustenta a opressão institucional e o terror físico que moldaram a construção das masculinidades nas comunidades negras. (CONNELL, 1995, p. 81)<sup>7</sup>.

Dentro das relações sociais existem várias formas de discriminação de um sujeito em detrimento de outro, no caso das masculinidades, além de elementos como economia, sexualidade e comportamento, Connell aponta para mais uma forma pela qual os homens podem estar abaixo de outros, a raça. O autor problematiza o caso dos negros dentro da supremacia dos brancos, cujas ações para reforçar a hegemonia se baseiam em certos estigmas – no caso dos Estados Unidos, a figura do negro estuprador -, para gerar terror e opressão nas comunidades, deixando os negros no fim da hierarquia por sua raça.

Connell (1995), com esses apontamentos, trouxe ao mundo ocidental uma nova perspectiva para a visão que se tinha do masculino, pois apresentou os processos danosos que perpassam as masculinidades. No entanto, mesmo revelando que os homens também são vítimas das violências e discriminações que as relações do patriarcado produzem, não invalida os problemas que o patriarcado e o machismo causaram e causam à sociedade. Todavia, essa nova perspectiva de

---

<sup>7</sup> Race relations may also become an integral part of the dynamic between masculinities. In a white-supremacist context, black masculinities play symbolic roles for white gender construction. For instance, black sporting stars become exemplars of masculine toughness, while the fantasy figure of the black rapist plays an important role in sexual politics among whites, a role much exploited by right-wing politics in the United States. Conversely, hegemonic masculinity among whites sustains the institutional oppression and physical terror that have framed the making of masculinities in black communities

ver o homem e suas relações intragênero mostraram aquilo que Bourdieu (2004), e Nolasco (1997; 2001) pontuaram em seus estudos: o homem também é vítima do patriarcado. Não há como negar as opressões que o sujeito masculino sofre desde a infância, como a negação de uma subjetividade, a desconexão com seu lado emocional, o desentendimento com seus sentimentos, a necessidade de adotar a violência como modo de ação e o julgamento quando alguma conduta foge a isso.

Essas configurações elaboradas por todos os autores para explicar o sujeito masculino com base nas suas relações com os outros partem de um conjunto de elementos como comportamentos, condutas, códigos culturais, atitudes, ou seja, aspectos que mostrem o *modus operandi* dos homens na sociedade. Essas práticas culturais masculinistas se aproximam da ideia de *performatividade* de Judith Butler (2004). A filósofa aponta para uma série de padrões que são repetidos e interpretados pelos sujeitos desempenhando seus papéis de gênero, ela diz que configuram a *performatividade* atos, gestos e atuações fabricadas de maneira manufatureira e sustentados por signos corpóreos discursivos. Em outras palavras, a *performatividade* de gênero é uma forma de incorporar e performar determinados signos na vivência em sociedade.

O que faz de um homem, homem, pensando nas ideias tradicionais sobre o sujeito masculino? Um conjunto de comportamentos e atitudes consideradas como “coisas de homem”. Essa falsa essência é, na verdade, um condicionamento cultural cujos sujeitos, para alcançarem determinados status, *performam*. Nesse sentido, *homem de verdade, hegemônico, cúmplice, subordinado ou marginalizado* são, na verdade, *performances* que os homens assumem. Portanto, o conceito da filósofa também será utilizado para se referir às práticas culturais masculinas.

### **2.1.2 A virilidade e suas transformações longo da história**

Perfeito. Ideal. Exemplo. Esses nomes criaram modos de educação, glórias e heróis, mas também foram motivos de negação, dor, opressão e sacrifícios. A dualidade presente nesse discurso representa aquilo que é ser viril: a busca incessante por alcançar a “perfeição” masculina. A virilidade, então, é um conjunto de atributos que são associados ao homem em sua máxima potência. Sobre essa ideia, Thuillier (2013) aponta para uma virilidade cujas características remetem à virtude, ao valor, à sexualidade forte. Vigarello (2013), por outro lado, diz que o termo faz referência a “princípios de comportamentos e de ações designando, no

Ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais 'perfeito' do masculino" (p. 11). O viril, segundo Thomasset (2013):

É sempre colocar sobre os olhos dos outros a afirmação da própria existência, impor a expansão do próprio eu e a própria vontade, fazer acreditar-se gozando de uma vida mais rica, leia-se, multiplicada. Ao longo dos séculos, os meios adotados mudam, mas a motivação inicial continua (p. 201).

Os autores dos volumes *História da Virilidade* I, II e III usam de diversas maneiras para definir o que é a virilidade. Thuillier (2013) aponta para as virtudes, Vigarello (2013) para uma união de atributos que são considerados a perfeição do indivíduo, Thomasset (2013) para a coragem, bravura e violência de sempre estar pronto para se autoafirmar. Esses aspectos reunidos constroem o arquétipo do homem viril, ou seja, aquele semelhante aos heróis, com características de coragem, bravura, virtudes e violência, configurando a *performance* da masculinidade que serviu de padrão para as outras durante séculos. No entanto, as definições dos autores são excludentes, explicando apenas uma das muitas masculinidades presentes no corpo social.

A partir desses autores e dessas colocações, entendo a virilidade como um fenômeno mutável cuja função é ser o conjunto de *performances* ou práticas culturais que configuram o ideal masculino, de acordo com as convenções de época vigentes. A definição que adoto diverge em termos de construção da definição dos autores, haja vista que eles deram características do que era ser viril, eu, por outro lado, não nomeei aspectos que fazem do homem viril, mas sim busquei a função básica do fenômeno. Os pesquisadores apontados, trouxeram a virilidade com base no que era observado nas masculinidades, mas o conceito que adoto não busca em nenhuma característica seu conceito, visto que tomo por base a ideia do aprimoramento das *performances* masculinas. Essa forma como uso o conceito permite que a análise dos personagens masculinos ganhe forma, pois eles se distanciam das masculinidades de outras épocas e não poderiam ser analisados caso o conceito de virilidade não fosse atualizado também.

Olhando para o horizonte das *performances* viris, a Grécia é o ponto de partida – pelo menos é onde nascem os primeiros registros – do que é ser viril. Os gregos não apenas viviam numa perspectiva androcêntrica, mas criavam normas para as *performances* masculinas, no intuito de construir aquele que queriam como

perfeito. O historiador Maurice Sartre (2013), em *Virilidades gregas*, discorre sobre os aspectos dos homens viris dentro daquela conjuntura. As batalhas travadas pelo homem na jornada árdua para ser viril começavam ainda na mais tenra infância, pois o pesquisador, fazendo uma análise dos escritos de Pultrarco, diz que assim que nasciam, os filhos eram levados a um local chamado *léskhe*, onde anciãos avaliavam os meninos e julgavam se deveria ou não viver, caso fosse forte e robusto, o pai poderia voltar e criá-lo, do contrário, ele era atirado de um penhasco, para que não se tornasse um adulto vil. Assim cresciam os cidadãos gregos, numa espécie de seleção que não dá chance àqueles cuja composição corporal não pudesse sustentar uma vida viril.

Percebe-se que sobreviver era a primeira batalha para se enquadrar no padrão da época, a vida do jovem grego era dura e ele era provado em todos os momentos, por isso sua educação era baseada na competição:

O adestramento coletivo por faixas etárias é primeiramente um meio de, ao mesmo tempo, fazer nascer e consolidar o espírito de competição (*agon*) entre os membros de uma mesma faixa etária, e o sentido da solidariedade (*philia*) do grupo em relação aos outros. [...] Assim, antes de um espetáculo de resistência ao sofrimento, podendo chegar à morte, a flagelação dos jovens nus diante do altar de Ártemis Ortia é primeiramente um *agon* no quadro de um ritual sagrado. O sentido de *agon*, da competição, que encontramos em todos os aspectos da vida pública do cidadão, é adquirido desde a infância e se encontra vivamente encorajado pelas instâncias cívicas. (SARTRE, 2013, p. 24)

A importância desse discurso para a análise da virilidade dos cidadãos gregos é imensurável, haja vista que um dos primeiros atributos impingidos aos homens é o da competição. No entanto, a competição em si não é um elemento constituinte desse homem viril, mas ela serve para instigar o espírito da violência, da necessidade de vencer e do não fracasso. Assim, as *performances* que apresentei anteriormente da *masculinidade hegemônica* ou do *homem de verdade* têm raízes nessa época, pois a ideia de que o homem deve ter esses atributos perdura até hoje, na mentalidade de boa parte da sociedade.

Esses homens eram regidos por uma espécie de simbologia cujas características beiravam aquelas que adornam as histórias dos deuses, pois a eles tudo era permitido, dentro do padrão de regras da sociedade. O androcentrismo vigente fazia com que as mulheres ficassem apenas responsáveis pelo doméstico, pela criação e educação dos filhos enquanto ainda não tinham idade suficiente para iniciar sua vida pública, não como os outros homens adultos, mas com sua

educação guiada não mais pela família, mas sim pelos rituais pelos quais os garotos eram submetidos, no intuito de se tornarem verdadeiros homens viris.

Dentro desse universo simbólico que cercava o homem da elite grega, as virtudes eram um dos pontos mais importantes e que deveriam ser passados aos jovens para que não fossem adultos vis – eram considerados assim homens fracos, afeminados e poucos desenvolvidos cognitivamente. Para que isso não acontecesse, era necessário que o jovem passasse pelo período da inversão que, conforme Sartre (2013), consistia em um ritual de passagem cujo protagonista desse momento, o jovem, *eromeno*, tinha uma passagem pelo lado feminino:

Durante esta fase em que está afastado, o garoto se comporta ao inverso daquilo que se espera dele como cidadão, como se a integração ao grupo dos homens devesse ser precedida de uma viagem a outro mundo onde astúcia, a enganação, a feminidade fossem regras. (SARTRE, 2013, p. 39)

Esse ritual de passagem da vida pueril para a vida adulta consistia, conforme o historiador, em um momento de inversão, no qual o garoto assumia as posturas consideradas não viris, ou seja, *performances* relacionadas ao feminino, à vileza, a não virtude. Nesse momento, o jovem *performava* esse papel e recebia do seu *erasta* virtudes, como o cuidado com o corpo, o culto à intelectualidade, a excelência em desempenhar suas tarefas, o controle emocional, entre outras.

O processo consistia em três etapas: na primeira delas o jovem é afastado da cidade, seja para os campos ou para as margens, apenas com os materiais básicos para a sobrevivência através da caça. A segunda fase dar-se-ia com as relações entre os garotos e os adultos. A terceira etapa é a reintegração do jovem à cidade. (SARTRE, 2013).

Destas três fases da passagem de um jovem para a vida adulta, a que, segundo o autor, mais chama a atenção das pessoas cultas da época é o momento em que há a inversão sexual. No léxico grego ainda não havia o termo homossexualidade e, vale ressaltar, essa era uma forma de educação. Nesse sentido, a inversão do jovem não se dava por prazer, pois “nem a atração física nem os sentimentos parecem fazer parte da escolha de um amante, e insiste-se, ao contrário, na necessidade de encontrar um amante de um estrato social equivalente, e que se destaca por suas qualidades morais.” (SARTRE, 2013, p. 39). A relação entre *eromeno* e *erasta* não visava o carnal, pois as relações sexuais tinham quase um significado semelhantes a de um tutor e de um educando, visto que esse tutor

deveria fazer parte de uma alta casta social, para que pudesse passar esses valores ao jovem e, “assim, no momento em que o garoto, do qual se espera evidentemente que mais tarde engendre filhos legítimos e que, portanto, use de sua virilidade para perpetuar o corpo cívico, submete-se, como uma mulher, ao poder de um varão que o domine.” (SARTRE, 2013, p. 39). Não se menciona o prazer dentro dessa relação, mas apenas sua finalidade que é tornar o futuro adulto em um homem verdadeiramente viril, por isso esse momento se chama de inversão, pois, ao fim da segunda fase, ele não poderá mais voltar a ela, deverá *performar* como um homem viril.

Através desses mecanismos de educação e androcentrismo, nasciam os adultos considerados como modelos de masculinidade, mas a ideia de uma virilidade ligada apenas aos valores e atributos morais é negar uma das partes mais importantes da virilidade grega, pois “a Grécia antiga impôs um modelo onde a nudez masculina ocupa um lugar maior, com a preocupação de um aparente realismo que valoriza o corpo todo inteiro.” (SARTRE, 2013, p. 41), com isso, se perpetuou pelo ocidente a ideia de uma estética do belo voltada ao masculino cujos registros datam dessa época.

De acordo com o historiador, alguns pontos são seminais para construir o ideal de beleza viril. O primeiro ponto é a piliosidade, pois para os gregos, a opção pela depilação é a tentativa de uma volta à vida juvenil, na qual o garoto passou pela inversão. A segunda marca importante da beleza masculina é o corpo atlético e exposto através da nudeza e banhado a óleo, para realçar suas curvas. Uma terceira marca de beleza masculina é a cor da pele, que nunca deveria ser branca, pelo contrário, deveria estar com uma coloração dourada, demonstrando a diferença entre o confinamento feminino em casa, levando à clareza da pele e a vida pública masculina nos centros de concentração da alta cúpula social. O quarto ponto destacado por Sartre (2013) é o tamanho do pênis: um membro exagerado era considerado vil, enquanto um tamanho que se assemelhe à maioria era visto como bom.

Nas entrelinhas do meu discurso, mostrando a ideia do autor, há momentos em que os atributos físicos tinham relação com os morais, como por exemplo a ideia do pênis grande como uma característica da vileza. Isso se explica porque essa beleza masculina não fica apenas no plano estético, na medida em que “os gregos

veem de bom grado uma relação entre beleza física e qualidade morais, entre educação e beleza” (SARTRE. 2013, p. 42), logo, o belo tinha relação com o que era bom e virtuoso. Nesse sentido, um pênis longo, por exemplo, era associado ao descontrole às paixões da carne e o descuido com a aparência física demonstrava traços negativos da intelectualidade do sujeito.

Esse era o modelo viril elaborado na Grécia para os cidadãos e perpetuado, mas os historiadores deixam uma lacuna, não trazendo outros homens de estratos sociais diferentes. Então, é válido destacar que esse não era o modelo único de ser homem. No entanto, não adentrarei nos demais, pois o objetivo não é reescrever a história da virilidade, mas sim entender o fenômeno, por isso fico com as ideias elitistas que, embora sejam um contraponto ao que problematizo neste trabalho, foram as registradas e perpetuadas para influenciar os homens do ocidente. Destaco, também, que não defendo um modelo único de virilidade, entendo-a como um fenômeno mutável cuja função é ser o conjunto de performances que configuram o ideal masculino, de acordo com as convenções de época vigentes. Essas convenções sociais não permaneceram as mesmas durante ao longo dos séculos, logo a virilidade passou por mutações. Após os gregos, os romanos e os povos considerados bárbaros mudaram essa virilidade ao modo deles, tomando como base, sobretudo os ideais cristãos.

Jean-Paul Thuillier (2013) estudou as nuances apresentadas pelas virilidades romanas e, tomando como base a virilidade grega, aponto para as principais mudanças de uma sociedade para a outra. Um dos primeiros pontos, portanto, a ser discutido é o modo como os romanos enxergavam a relação sexual entre homens, tanto com o intuito de educar o jovem para a vida adulta, quanto as que eram feitas por prazer, mostrando como houve uma mudança em toda a conjuntura que envolve as relações entre homens.

Inicialmente, é importante frisar que em Roma “o *pater* familiar não podia admitir que outro homem, a não ser ele, exercesse a função educativa de seu filho” (THUILLIER, 2013, p. 91). Fica claro que a função paterna na educação familiar começa a ser repensada, não sendo mais atribuída a outro homem. Além disso, o ato sexual de um jovem com um homem passa a ser condenado, pois “deitar-se [...] com um garoto nascido livre, em Roma, é objeto de escândalo, de reprovação, e pode inclusive levar a punições de diversas ordens.” (THUILLIER, 2013, p. 91. A

partir disso, é notório como alguns códigos viris mudaram de uma sociedade para outra. No entanto, é preciso lembrar que a Grécia era um Estado guerreiro, os homens eram criados para conduzir a sociedade, fosse na política ou na defesa. Assim, a pederastia também era um modo de tornar os laços entre os homens mais estreitos, os laços de afeto, de amizade, de lealdade, de confiança. Quando se envolviam ou aprendiam pela sensibilidade, tornavam-se fieis ou leais uns aos outros. Na guerra, por exemplo, é mais fácil ajudar e proteger o companheiro com quem mantém a amizade do que alguém desconhecido, cuja educação é diferente. Todavia, a sociedade romana atribuiu uma carga extremamente negativa à pederastia, perpassando essa visão para os séculos seguintes.

Mas só a mudança não é suficiente, entendo que ela existe, mas o que causa essa mudança de pensamento? A partir dessa questão, a discussão passa para o próximo elemento da virilidade romana que está para aquele que estoca, ou seja, o penetrante, e não naquele que é estocado. Enquanto na Grécia, o jovem passava por essa fase para se tornar um adulto viril, em Roma essa conduta não configurava educação alguma. Na verdade, era desprezível para homens livres serem passivos da relação. Roma, então, desvirtua a ideia e a faz ganhar um teor meramente sexual.

Um dos pontos que destacava o homem viril romano dos que não *performavam* como tal era seu papel na relação sexual, pois

A virilidade se caracteriza primeiramente por uma sexualidade ativa e não passiva ou, para falar mais precisamente, visto que alguns contestam esta ideia de uma atitude passiva – o parceiro “passivo” num casal não o sendo totalmente -, homem é aquele que penetra sexualmente seu parceiro seja qual for o modo de penetração bem como o parceiro penetrado. (THUILLIER, 2013, p. 82-83)

O lado sexual é um dos primeiros pontos para se pensar a virilidade, seja ela grega ou romana. As duas civilizações que deixaram seus ideais como sementes para as sociedades ocidentais tinham como base o sexo, o que se fazia com ele e como se fazia para caracterizar os homens como viris ou não. É a partir desse uso da sexualidade considerado bom, – se relacionar apenas com mulheres e, caso com homens, ser ativo – é que se constrói um homem viril em Roma.

Essa virilidade advinda do sexo estava estritamente ligada àqueles que ocupavam o espaço ativo nas relações sexuais, logo o homem. Chamo a atenção



para os termos que o autor usa para mostrar que o passivo não era nem considerado homem, pois apenas o estocador o era. O passivo abdicava da sua condição para assumir uma *performance* de efeminado. Fica claro, portanto, nessa explicação, como a sociedade da época era problemática e estava preocupada em justificar as atitudes de alguns homens, para deixá-los distante do papel que as mulheres cumpriam nas relações sexuais e, assim, afastando-os da “feminilidade”, fazendo com que, cada vez mais, a misoginia e homofobia fossem instauradas, através do passivo que, no imaginário da época, por ser um homem *performando* como mulher – ou como achavam que ela deveria *performar* -, perdia seu *status* de *homem de verdade*.

Além desse uso problemático da sexualidade, outros elementos faziam com que o homem romano *performasse* como viril, um deles é a coragem para a guerra, visto que o homem romano era caracterizado por um forte amor à pátria e sua virilidade se mostrava através disso: “Uma coragem que [...] se manifesta principalmente no exército, visando à defesa da pátria: é na guerra que se manifesta prioritariamente a virilidade romana.” (THUILLIER, 2013, p. 114). Esse amor à pátria se traduzia na coragem para guerrear por ela e, a partir disso, diversos outros atributos da virilidade surgem como consequência dessa necessidade de coragem, na medida em que, segundo o autor, ele deveria “dominar a mulher, o outro, o estrangeiro: eis [...] uma das características do homem romano” (p. 116). A partir dessas colocações, se evidencia como a coragem se espalha para além dos campos de batalha nas guerras entre nações, adentrando na vida pessoal e vendo as relações interpessoais com mulheres, outros homens e estrangeiros como batalhas que ele deveria vencer, embora simbolicamente através de uma forma ativa de manter essas relações.

Além desses aspectos, já imbuídos das ideias do cristianismo, os romanos não viam com bons olhos a ideia de que a nudez grega pudesse indicar uma virilidade. O pudor, nesse sentido, torna-se um importante atributo do cidadão romano, não apenas pudor nas vestimentas, como afirma Thuillier (2013), mas sim um pudor sentimental, na medida em que, da mesma forma que o homem esconde seu corpo, deveria guardar seus sentimentos: “pudor igualmente na expressão dos sentimentos! Se o homem romano sente emoções, é a mulher que abertamente as manifesta.” (p. 119), ou seja, não é que o homem não tenha emoções, mas o

*homem de verdade* não as poderia expor, pois as mulheres faziam isso frequentemente. Portanto, seria menos *macho* o sujeito que expusesse o que sente abertamente. Ora, mas há uma maneira de expor sem que seja abertamente? As convenções sociais romanas, segundo o autor, estavam preocupadas com a vida pública do homem, pois “um dirigente político de hoje, que adora andar de mãos dadas com sua mulher [...] e acariciá-la diante das câmeras, certamente não teria uma boa reputação virtuosa.” (p. 120). Então o homem, entendido como a esfera pública da relação dicotômica homem x mulher de Bourdieu (2004) tem origem nas mais remotas sociedades, visto que tanto os gregos quanto os romanos entendem o masculino viril como um sujeito público e com pudor sentimental, enquanto a mulher é o contrário disso.

Entre o mundo romano e o grego, as diferenças do que era considerado viril se situaram sobretudo no papel assumido na relação sexual e na *performance* física pública. O homem verdadeiramente viril era ativo sexualmente, dominador e não demonstrava suas inclinações sentimentais. A partir desses apontamentos, nasce o que conhecemos até hoje como virilidade, e ainda é possível observar alguns desses traços nas *performances* dos homens atuais. Todavia, com o passar dos séculos, outros traços foram sendo incorporados e outros descartados, é o que aconteceu na passagem do mundo antigo para o medieval.

No mundo medieval, o grande centro da sociedade ocidental tinha o cristianismo como norte de fé e *modus operandi* de vida, logo as nuances da virilidade assumidas pelos homens estavam dentro do que a Igreja considerava certo ou errado. Nesse meio, a virilidade não sofre grandes mutações do que já estava estabelecido, no entanto, alguns traços novos são atribuídos como o arquétipo do homem guerreiro. Segundo Thomasset (2013), o homem guerreiro se tornou o símbolo da virilidade, mas não apenas por sua coragem, mas sim como ela era transmitida para a sociedade.

Os atos públicos herdados dos romanos não se caracterizavam apenas pela falta de sentimentalismos, a virilidade do cavaleiro medieval se constituía publicamente afirmando

Sua superioridade sobre os outros. É preciso fazer mais para poder destacar-se. As tropas de cavaleiros não brilham pelo respeito à disciplina. Colocar-se em evidência, realizar uma proeza aos olhos de todos, é parte

integrante desta sede de ostentação que motiva os atos cavaleirescos. (THOMASSET, 2013, p. 166)

O sentimento da competição dos gregos e a necessidade de dominação dos romanos, são elementos que resistiram às mudanças e sobreviveram dentro dos homens do medievo. No entanto, o contexto é diferente, a competição e dominação estão no sentido de se sobrepôr ao outro homem, ao seu semelhante, não é apenas ganhar em uma disputa, mas estar acima do outro em uma relação simbólica. Esse aspecto viril fica mais evidente com a sede de ostentação, pois o cavaleiro não queria apenas ter para si a virilidade, mas fazer o outro reconhecer que ele é viril.

A virilidade se constrói a partir do outro, nesse caso, é o reconhecimento dos outros, mais do que em outras épocas, que faz do homem viril. O caso das guerras, por exemplo, como a sociedade saberia dos fatos se não contados pelos participantes? “Numa sociedade militar e guerreira, a gabarolice é moeda corrente. Ela se refere tanto às façanhas quanto à capacidade sexual” (THOMASSET, 2013, p. 167), ou seja, o ato de gabar-se é uma forma de expor, de forma aumentada, os feitos do guerreiro, para que o outro tenha noção de que ele realmente um homem viril e, a partir disso, ele se autoafirme como tal, pois “ ser viril, na Idade média, é possuir aquilo que é reconhecido como um conjunto de qualidades por seus companheiros, por seus pares, conjunto no qual as vozes da juventude, dos adolescentes são dominantes.” (THOMASSET, 2013, p. 165).

Além dos elementos supracitados, as sociedades medievais também tinham seu universo caracterizado como masculino, assim como os gregos tinham suas ágoras, ginásios e os romanos o exército. A taberna, então, segundo Thomasset (2013) se torna um local tido pelos homens para bebida e reunião, pois

São partes da cultura masculina. Ajudada pelo vinho, a bravata toma livre curso, assim como as manifestações repentinas dos discursos hostis em relação às mulheres, bem como gozações grosseiras, tudo isso geralmente terminando numa enorme pancadaria (p. 169-170).

A partir da construção dessa cultura, as tabernas se tornam um símbolo da virilidade, na medida em que frequentar este local era estar no centro do masculinismo, onde as grandes façanhas de guerras e sexuais eram contadas, onde a bebida era atributo comum e o domínio sobre o outro, seja através dos discursos ou das brigas acontecia.

O que fica claro nessa virilidade medieval é um certo aspecto de grosseria e uma virilidade quase animalesca. Isso se explica em partes pelas guerras e lutas pela sobrevivência, que se estendiam ao campo social. Todavia, esse modelo de virilidade voltada à guerra sofre uma profunda transformação com a chegada da idade moderna, na medida em que as bases do mundo ocidental foram mudadas. Na modernidade, segundo Vigarello (2013), o sujeito masculino, agora, “seria um homem de ‘controle’ antes de ser um homem de efervescência, de profusão. Ele seria um homem de fineza, de engenhosidade. Todas as referências opostas à potência imediata, aquela mesma que a virilidade tradicionalmente parecia dever projetar.” (p. 206), as nuances que construíam a imagem da virilidade eram outras, o homem necessitava de controle, antes de qualquer outro atributo.

A virilidade propagada pelos medievais era a da força e coragem, a dos romanos consistia na dominação e coragem, bem como a dos gregos que instigavam a competição e o não fracasso aos seus cidadãos, ou seja, entre as três sociedades havia esse ponto comum. Contudo, com a chegada das ideias modernas,

o viril não seria mais um vigor prontamente afirmado, mas realmente uma prudência prontamente adocicada, senão refletida. [...] O viril perderia aquilo que sempre o definiu: rudeza e firmeza. A inquietação existe e se mostra. O termo “viril, seja como for, permanece fortemente reivindicado, ancorado nestes textos ou nestes comportamentos assumindo polidez e doçura. (VIGARELLO, 2013, p. 206).

A descrição oferecida por Vigarello (2013) parece ser uma antítese frente à virilidade de outras épocas. Os aspectos que configuravam a *performance* viril deram lugar à doçura e à fineza de ações. A força não parece mais ter lugar para esses homens que necessitavam deixar o lado animalesco das batalhas e a vida heroica para viver diante das relações sociais do mundo moderno. No entanto, essa explicação deixa uma lacuna: o que houve ou qual a motivação para uma mudança tão brusca? Se defendo que a virilidade muda de acordo com as convenções e necessidades da época vigente, o que fez com que o homem viril deixasse de ser a figura guerreira e passasse a ser o homem polido, doce e controlado em seus instintos?

A explicação para essas questões se situa no fato de que, segundo Vigarello (2013) houve uma complexificação das relações sociais: “a acentuação das hierarquizações sociais amplia, com o século XVI, distâncias e distinções: as

delicadezas se tornam mais rígidas, as conformidades às regras sociais se banalizam.” (p. 208), ou seja, conforme a sociedade foi mudando sua forma de organização, as pessoas precisaram mudar o modo como lidavam umas com as outras. Os homens, nesse novo mundo, precisavam, segundo o pesquisador, pacificar as relações entre as pessoas, regrar seus intercâmbios, favorecer o razoável sobre o sensual, as relações sociais estavam complexas, não eram tão simples como antes. Nesse sentido, a virilidade passa a ser configurada como uma arte de relacionamentos sociais amenos e dominação simbólica, sem exageros ou gabarolices.

Pensando nessa perspectiva, a virilidade pede uma *performance* diferente daquela em sua gênese e primeiras mutações, pois a organização social havia mudado e a guerra não era mais uma necessidade. Segundo Vigarello (2013), o masculino ainda tinha o caráter da dominação, mas esta era mais sutil, mais delicada e se dava através do poder das palavras, dos gestos, da eloquência, do silêncio e do domínio de si. A partir de então, o domínio cauteloso se torna a principal característica viril e na esteira dessas transformações, a virilidade atual vai ganhando seus tons.

No caso do Brasil não é diferente, visto que, por receber as influências das práticas culturais europeias, as masculinidades acompanharam o seu processo de pedagogização, mas pelos poucos séculos de história do país, os homens brasileiros logo tiveram que lidar com o enfraquecimento das estruturas que facilitavam uma virilidade à moda europeia. Cabe, então, pontuar as principais mudanças sociais que diminuíram a força do patriarcado e mudaram as *performances* desses homens, nesse sentido julgo as transformações nos valores, a revolução industrial e o feminismo como os motores que impulsionaram uma profunda mudança na virilidade que conhecemos atualmente.

Como já discuti o ponto voltado à importância dos femininos, darei ênfase aos outros dois aspectos também importantes que regem a problemática. Inicialmente, destaco as mudanças macroestruturais na economia cujo eco fez com que os homens brasileiros se perdessem diante da nova dinâmica das Indústrias, levando a mudanças nas masculinidades que viviam na base de uma economia manufatureira. Albuquerque Júnior (2013) discute o tema tomando como base o Nordeste, cuja cultura do engenho foi a grande base econômica da região na

primeira metade do séc. XX. Ele aponta para um esfacelamento das virilidades à medida em que a cultura do engenho vai se perdendo:

Tipos de homens barbados, fortes, inteligentes e simpáticos mesmo, se diluíram, se apagaram na vida, apática e preguiçosamente. Tornaram-se homens de palmas das mãos moles e mulherengas, feitos para viver na sombra da casa-grande como 'filhos de papai'. [...] Neste processo de desvirilização dos homens, eles vinham perdendo, portanto, um dos traços definidores da masculinidade [...] a vontade e o monopólio do mando, do exercício da autoridade e da explicitação do poder (p. 48-49).

O fim da vida na casa grande dos engenhos, a chegada da industrialização, a nova forma econômica contribuiu para o enfraquecimento do patriarcado, na medida em que o modelo patriarcal por excelência era representado no senhor do engenho. Contudo, os filhos desses homens, a partir dessas mudanças, se tornaram homens dedicados aos estudos e não dariam segmento à tradição do pai, ou então os engenhos iam à falência por causa da abolição dos escravos e da industrialização, tornando a vida àquela maneira insustentável. Observa-se essas situações em romances como *Fogo Morto* de José Lins do Rêgo (2018) ou na peça *A moratória* do dramaturgo Jorge de Andrade (1993). Em ambos, o tema central é o esfacelamento da vida nos engenhos, levando ao leitor imagens de dor das famílias que viam suas esperanças da vida antiga se esvaírem no horizonte da nova sociedade.

O segundo ponto de transformação que enfraqueceu o patriarcado e trouxe transformações à virilidade e foi a quebra dos valores. Nolasco (1997) diz que a sociedade atual paira sobre um vácuo moral cujas características são:

O materialismo, essa busca desenfreada por reconhecimento pessoal através do dinheiro; o hedonismo, que se caracteriza pela negação dos ideais e de sentido da vida e sua substituição pela busca de sensações novas e excitantes; a permissividade, que cria um clima de vale-tudo e elimina qualquer possibilidade de luta por ideais que estejam além dos indivíduos; o relativismo, que se articula com a permissividade, predispondo à existência de uma ética da subjetividade, em que cada um pode criar suas próprias regras a cada momento. (p. 15)

Esses aspectos elencados pelo autor formam um terreno movediço no qual todos os tradicionalismos afundaram. As revoluções filosóficas, a própria mudança do que é ser homem, as revoluções feministas e industriais trouxeram ao mundo que conhecemos esses valores que Nolasco (1997) apontou e desprenderam os sujeitos dessas amarras. Os pontos elencados acima enfraqueceram o patriarcalismo, os homens agora estavam desobrigados a um padrão comportamental, e poderiam, ainda que em mínima escala, experimentar experiências antes restritas para eles.

Novas maneiras de subjetivação com os afetos, com os desejos e com o corpo, portanto, foram permitidas aos homens.

A literatura acompanhando a tendência de época passou a representar essas novas masculinidades e o universo de nuances que as cerca. Os homens e obras que falavam de homens foram deixando seus costumes antigos, aderindo às novas tendências, perdendo alguns comportamentos e códigos como a virilidade. O personagem masculino apresentado sob essa nova ótica traz consigo um repertório de códigos e condutas que o distanciam do que Nolasco (1997) colocava como *homem de verdade*.

Alicerçando esses apontamentos, trago os resultados da minha pesquisa sobre a mudança de comportamento dos personagens da literatura brasileira. Em *Homens na literatura brasileira: masculinidades ora negadas, ora incorporadas* (MELO, 2019) comparei alguns protagonistas contemporâneos com protagonistas que estão no padrão do *homem de verdade*. Concluí que algumas condutas rejeitadas por protagonistas entendidos no padrão do *homem de verdade* foram incorporadas pelos protagonistas da literatura contemporânea, da mesma forma que o que esses homens de verdade aceitavam, os contemporâneos descartaram. Entre os elementos descartados pelas masculinidades atuais estão aspectos de bravura, de honra, de virilidade e da sexualidade unicamente hétero. Esse deslocamento comportamental, entretanto, acabou desaguando em um mar do não-ser, pois o personagem masculino da literatura contemporânea não é mais valorativo, não é mais honroso, não é mais forte, ele despe a malha de códigos estipulados para um *homem de verdade*.

Sobre essa masculinidade, Dalcanstagnè (2001) diz que “vão nos sobrando, então, uns sujeitinhos confusos, que tropeçam no discurso, esbarram nas quinas do livro, perdem o fio da meada.” (p. 114). A autora, em seu trabalho sobre os narradores e personagens da literatura brasileira contemporânea, se apoia na tese de que o ponto central da narrativa contemporânea é o escritor, fazendo com que a linha entre ficção e realidade torne-se mais tênue do que é. Tomando como base seus apontamentos, na pesquisa empreendida defendi a tese de que os personagens acompanharam a cultura e passaram a representar esse novo homem, visto que sujeito e cultura estão em uma relação simbiótica de constituição. Os sujeitos criam a cultura e a cultura molda sujeitos, logo, as masculinidades da

literatura estudada são pensadas a partir dos dilemas desse homem contemporâneo.

Nesse cenário de transformações, de deslocamentos comportamentais, surge a questão: não há mais virilidade? Courtine (2013) em seu capítulo *Impossível Virilidade* discute esse tema, apontando para as perdas dessas bases viris por parte dos homens. Ele cita o historiador americano Arthur Schlesinger, usando seu questionamento sobre o que aconteceu sobre o homem americano para iniciar sua discussão:

O que houve exatamente com o macho americano? Durante muito tempo ele pareceu absolutamente confiante na sua virilidade, seguro do seu papel de homem na sociedade, confortavelmente, e seguro de si na percepção da sua identidade sexual. Hoje em dia, os homens estão cada vez mais conscientes da virilidade não como um fato, mas como um problema. Os meios utilizados pelos americanos para afirmar sua virilidade são incertos e obscuros. Na verdade, multiplicam-se os sinais que mostram que nada funciona na concepção que o macho americano faz de si mesmo. (SHLESINGER, 1985, apud., VIGARELLO, 2013, p. 7)

A indagação do historiador é enfática: o que há com a virilidade do *macho* americano? Courtine (2013) comenta a citação apontando para a virilidade como um fenômeno mutável, pois diz que o diagnóstico feito por Shlesinger nada mais é do que um reflexo do jogo de dominação que acontece na sociedade de um momento histórico para outro. Isso se explica pelo fato de que, agora, essa ideia de masculinidade viril, *homem hegemônico* ou *homem de verdade* não é mais bem aceita pela sociedade ou tida como natural. Ao longo da história, virilidade sempre mudou de acordo com a época e com interesses da hegemonia, mas, com a ascensão dos movimentos sociais, essa virilidade passou a não ser vista com bons olhos, pois pedagogiza os homens a serem excludentes, machistas, violentos, misóginos e homofóbicos.

Estaria, então, o mundo desvirilizado? A hipótese levantada é a de que não há uma desvirilização, o homem continua viril, mas essa virilidade é outra, transformada, assim como em épocas anteriores, naquilo que a sociedade quer dela. Não mais apenas o que a hegemonia masculina quer dela. Não é mais preciso, nem cabível, por exemplo, que o homem seja o único provedor da casa, muito menos que ele precise esconder seus sentimentos ou emoções. Os apontamentos de Hutcheon (1991) são seminais para alicerçar essa ideia, sobretudo com sua tese do off-centro, que consegue abarcar essa discussão, pois esse “movimento off-



centro encontra-se na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico” (p. 89), ou seja, a noção de centro e margens foi se perdendo, a virilidade, então, não é modulada por aqueles da hegemonia, ou seja, homens com práticas culturais periféricas ganham cada vez mais espaço no cotidiano.

### **2.1.3 A virilidade associada à heterossexualidade**

Ao passo que vou tecendo esses apontamentos metodológicos e teóricos, a estranheza argumentativa no uso de alguns termos faz com que inquietações surjam e a principal delas é: pode existir uma virilidade *gay*? Defendo que sim e essa questão ao longo da história é problemática, apesar de que até o momento venho conduzindo a discussão como se não houvesse problema nenhum entre os dois termos, mas a virilidade foi afastada das masculinidades *gays*.

Os termos virilidade e homossexualidade, devido a um passado não tão distante e um poder muito coercitivo de tradição religiosa, não parecem ter um enlace quando estão na mesma sentença, haja vista que virilidade e homossexualidade são vistas por um campo teórico e histórico, não defendidos nesta dissertação, como termos opostos. Contudo, nem sempre foi assim, pois as nomeações hétero e homo são muito recentes e a virilidade se construiu há séculos. Portanto, a associação direta da virilidade à heterossexualidade não é algo longínquo, mas para o senso-comum parece ser uma verdade que sempre existiu.

Olhando para esses levantamentos, é necessário começar esta discussão respondendo à questão sobre o porquê de a virilidade ser algo que parece ser inato aos heterossexuais. Sendo assim, vamos às bases do fenômeno viril, fazendo um percurso. Mais uma vez recorro à investigação temporal para mostrar em que ponto e por que a virilidade ficou estritamente associada à heterossexualidade. De início, destaco que a ideia de hétero ou homossexualidade não tem mais do que 300 anos, mas a história antes desse termo é negada ou não considerada para a discussão do fato.

A prática sexual entre iguais é fato comum na história da humanidade, o ensinamento dos valores e virtudes aos cidadãos gregos se dava através do enlace entre um homem mais velho, o erasta, cujos atributos viris deveriam ser abundantes, e um adolescente entre 13 e 17 anos, o erômeno, que preferencialmente deveria ser

belo, de corpo atlético e sem pelos ainda, conforme Sartre (2013). Esse era um costume comum entre homens e valorizado pela sociedade, não havia um discurso forte contrário à tradição grega. Nas sociedades egípcias e na mesopotâmia antiga, consideradas como importantes antecedentes da cultura ocidental, segundo Eskridge (1993), não apenas eram toleradas as relações entre homens, como também elas tinham reconhecimento em seus meios culturais.

No entanto, esse comportamento não se reverberou na sociedade romana, pois a educação do jovem deveria ser dada pelo pai e não por outro homem, logo essa sociedade não via com bons olhos esse modo de transformar o jovem em um homem viril, mas não havia condenação na relação sexual entre homens, a virilidade, inclusive, poderia vir desse enlace:

Virilidade, portanto, é penetrar analmente os garotos, penetrar vaginalmente as mulheres (futuere, 'transar'), e fazer-se fazer uma felação. Quanto a Sexto, ele não pode ser efeminado ao ponto de deixar que alguém pratique sodomia com ele, mas deve praticar algumas felações e chupar algumas vaginas. (THUILLIER, 2013, p. 86).

Cada época elege critérios de julgamento para os homens, no caso dos romanos, a virilidade não era medida pela escolha do parceiro sexual, mas sim qual ato seria assumido. Nesse sentido, ser viril seria assumir a postura do ativo, mesmo na relação com outro homem, ou seja, um valor arbitrário no que está ligado à misoginia, por causa da forma como a construção da masculinidade viril se dá em oposição à mulher.

Na idade média, os povos considerados bárbaros não viam com bons olhos a relação entre homens, pois, para eles, a castidade – ideal cristão de controle da sexualidade - era um sinal da virilidade. O homem deveria ter apenas uma mulher, assim a relação entre homens perde tanto o sentido da troca de valores atribuído pelos gregos, quanto a virilidade ligada àquele que penetra dos romanos. Isso acontece devido ao controle que a Igreja católica começa a exercer, condenando a relação sexual entre homens. A partir disso, inicia-se a construção de um cenário para a virilidade cujos traços distanciavam o homem cada vez mais daquilo que consideravam instintivo, e tentaram fazer com que se aproximassem do que era a racionalidade. As masculinidades, então, estavam imbuídas das ideias iluministas e da forte pressão da Igreja, que mesmo perdendo parte da força com a ascensão de

intelectuais cujas ideias realçavam o racional, conseguiu instaurar uma ideia de castidade, monogamia e relação sexual apenas para procriar a espécie.

Auxiliando a construir essa conjuntura nova, Kant, um dos maiores filósofos da história, pregava uma ética que a desvincula do lado instintivo do humano. Para ele, uma ação só poderia ser boa caso fosse tomada seguindo uma linha racional de pensamento, quaisquer atitudes tomadas para realizar desejos não podem ser consideradas boas. A boa ação, ou vontade, nos termos do filósofo, seria aquela livre de qualquer coerção, necessária não só para si, mas para todos (KANT, 2007). Os homens, com todos esses elementos moduladores de conduta, assumiram uma nova virilidade cujas relações com o mesmo sexo foram aos poucos sendo demonizadas, construindo o viril do homem casado com uma mulher.

Com essas mudanças e o avanço da ciência, novos termos precisavam ser criados para explicar os comportamentos humanos, com isso apareceram os termos hétero e homossexual. Inicialmente, eles designavam fenômenos diferentes dos que conhecemos atualmente. A heterossexualidade nem sempre portou esse padrão de normalidade aparente, no início do surgimento do termo, ele era ligado à perversão:

Heterossexual não era equiparado aqui a sexo normal, mas à perversão – uma tradição que se manteve na cultura de classe média até a década de 1920. Kiernan ligou o heterossexual a uma de várias manifestações anormais do apetite sexual – em uma de perversões sexuais – em um artigo sobre perversão sexual. (KATZ, 1996, p. 31)

Com o preciso apontamento do pesquisador da área da sexualidade humana Jonathan Ned Katz, acredito que conseguirei alicerçar mais ainda a tese defendida desta dissertação. A virilidade vai se construindo e arrolando em suas características as ideias vigentes e convenientes para o momento. Olhando para o termo heterossexual no início, fica claro que não havia relação entre a normatividade que conhecemos hoje e o sentido daquela época. Ser hétero, nesse caso, era ser pervertido, como afirmava o Dr. James G. Kiernan, o termo fazia referência a pessoas que tinham uma sexualidade e uma libido fora do controle, se relacionando fora do casamento.

O homem, nesse contexto, ainda mantinha relações com homens sem grandes condenações, mas esse cenário foi duramente abalado pela tradição Cristã e pelo discurso médico que começava a dar traços à heterossexualidade como o normal, o “bom”. Katz (1996) relata o que acontecia na nova Inglaterra nos séculos

XVII e XVIII, a qual, através do poder da Igreja, deu aval para as relações sexuais heterossexuais dentro do casamento e condenou a masturbação, a sodomia e o adultério, tendo em vista que eram desperdício de esperma, não auxiliava no aumento da população para gerar mais mão de obra e desenvolver a nova pátria e eram contrários ao modo de reprodução dominante.

Até o momento, apresentei a fase embrionária dos termos, os estudos ligados à sexualidade humana ainda estavam presos à ideia da reprodução, porém o médico Krafft Ebbing ensaia uma guinada nos rumos dessa jornada da sexualidade, mostrando que homens e mulheres não transam pensando em conceber, o fazem por prazer, a noção de reprodução é apenas um instinto inconsciente. A heterossexualidade, a partir de então, foi se consolidando como o termo que a burguesia do século XIX usou para nomear, normalizar cientificamente e justificar eticamente suas práticas sexuais.

Ora, se o objetivo, inicialmente era a reprodução, no século XIX multiplicar a espécie já não era necessário economicamente, então a sexualidade passou a ser vista sob outra ótica. Em seu estudo sobre a invenção da heterossexualidade, Katz (1996) diz que, endossando essa nova perspectiva, Freud aparece como o homem que mudou os rumos da sexualidade humana, haja vista que com ele se difunde concretamente a ideia do inconsciente e que o ser humano tem instintos sexuais cujo intuito apenas é a satisfação e não a reprodução da espécie.

O autor aponta para as questões e a importância de Freud para o entendimento que temos atualmente do ser humano. No entanto, nem todos os estudos do pai da psicanálise tiveram repercussões positivas. Katz (1996), ao fazer um percurso sobre o legado do psicanalista, aponta para o momento em que ele passa a elevar, sutilmente, a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade. De início, chama atenção para o fato de que, vez ou outra, Freud coloca a heterossexualidade como boa e a homo como ruim, haja vista que representaria o lado infantil, pois é perversa e não socializada. A partir desses apontamentos, temos futuramente o desenvolvimento da ideia do complexo de Édipo, cuja resolução bem sucedida, conforme Katz (1996), Freud atribui desconsertadamente à heterossexualidade e, quando não fosse resolvido, o sujeito teria grandes chances de tornar-se homossexual. O psicanalista ainda associa tanto

a heterossexualidade quanto a homossexualidade a traumas profundos, porém o homossexual seria aquele cujo problema permanece fixado, sem resolução.

A partir desses poderosos alicerces do discurso médico e religioso, o termo heterossexual foi ganhando espaço nos meios midiáticos das épocas. A dicotomia hétero e homo, então, estava estabelecida, com cada uma carregando consigo determinados aspectos que parecem intrínsecos e sempre existentes como bom e ruim, homem e não homem, aceito e não aceito, masculino e feminino, entre outros.

Além desses pontos que colocam a homossexualidade como o lado ruim da sexualidade humana, os discursos tradicionalistas sobre a família hétero endossavam essa negatização. Didier Eribon (2008) aponta para o modo como o *gay* vai ganhando espaço à margem das esferas centrais da sociedade, pois

pela 'dispersão', pela heterogeneidade, pela própria multiplicidade que têm, as práticas homossexuais (feitas de encontros numerosos e efêmeros, de sexualidade nos parques, etc.) questionam a centragem na família e no espaço confiado do 'privado' (ERIBON, 2008, p. 361).

As masculinidades *gays*, com essas práticas, colocou em xeque dois elementos importantes constituintes dos homens que performavam o *homem de verdade*. O primeiro deles é a vida amorosa privada, visto que era comum ao homem não levar seus elementos do privado ao público. Isso conduz para o segundo aspecto, a afetividade e enlances amorosos publicamente, fazendo com que se dilua o código existente entre os homens da não demonstração dos enlances amorosos publicamente. Além desses dois principais pontos, há ainda o fato de ser um encontro homossexual, o que se contrapõe diretamente aos discursos da sexualidade heteronormativa que crescia fortemente na sociedade.

A sexualidade *gay*, nesse sentido, foi sendo marginalizada não apenas por isso, mas, sobretudo, segundo Eribon (2008), por ser guiada pelo desejo, contestando os valores que edificam a família. Portanto, é nítido que aquilo que é colocado como normal já se associa à heterossexualidade, enquanto o homem *gay* é deslocado desse *status*, na medida em que essa masculinidade "põe em perigo as formas de 'civilização' fundadas na sexualidade 'normal' e as forças de repressão que lhes asseguram o caráter de normalidade" (ERIBON, 2008, p. 2008). Essas forças de repressão são as instituições e seus discursos moldando a sociedade com base na sexualidade hétero.

A moralidade, nesse sentido, parece ser o ponto-chave para explicar o porquê da homossexualidade receber essa carga negativa da sociedade. Ora, ao observar os apontamentos de Katz (1996) e Eribon (2008), fica claro como a noção de família, de sexualidade para a reprodução, proibições de afetos em locais públicos e associação da homossexualidade à infantilidade são embasadas em ideias higienistas, consideradas morais por um determinado poder.

Para essa discussão, é necessário trazer os apontamentos de Foucault (2021), cuja obra, *Microfísica do poder*, problematiza as relações de poder e construções de discursos considerados verdadeiros. Segundo o filósofo francês, “a verdade está circulanamente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (p. 54), ou seja, a verdade seria produzida por um determinado discurso de poder, mas esse poder não é estático, há efeitos em seus ecos, os quais são endossados por quem o produziu. Associando essa forma de disseminar o poder a sexualidade, é notório como os efeitos da sexualidade *gay* são postos como errados. Ora, se o efeito da verdade é endossado por quem o cria, as performances que se contrapõem a essa verdade são minadas por esse poder.

Como venho pensando e discutindo desde as ideias mais embrionárias desta dissertação, a virilidade é um fenômeno condicionado aos interesses, contextos e cenários de quem detém o poder discursivo da época. Foucault (2021) nos mostra onde reside o verdadeiro interesse das instituições ou ideologias, não é uma disputa por poder, mas sim pelo discurso, é por ele que se luta, haja vista que aquele que detém o discurso tem em suas mãos o poder.

Com as lutas dos movimentos sociais minoritários e com a ascensão do capitalismo, a dinâmica social mudou e esse padrão heterossexual ligado à verdade e normalidade passou a ser problematizado. Contudo, embora sejam apenas cerca de trezentos anos dessa tradição hetero-viril, ela conseguiu grande expansão, pois foi se difundindo junto às tecnologias do século XX, conhecida e assimilada pelas massas, as quais passaram e reforçaram de geração para geração esse modelo de masculinidade verdadeira que se distancia da homossexualidade. (KATZ, 1996).

Embora o termo homossexualidade tenha existido apenas há cerca de trezentos anos, outros termos já existiam para designar homens “menos viris”, como

o efeminado nas sociedades antigas. O que fazia o homem portar tal alcunha era seu comportamento e não sua prática sexual, pois a rejeição não se dava pela prática sexual, mas sim pelo comportamento do homem. Além disso, viam a virilidade naquele que estocava, segundo Thomasset (2013).

É evidente como cada momento da história, na construção do seu ideal viril, contribuiu para essa configuração de virilidade privilegiando a heterossexualidade. As razões para isso se basearam, sobretudo, no ódio ao comportamento feminino e ideia de que ser homem era se distanciar totalmente do comportamento feminino, nas justificativas para homens de elites continuarem com seus *status* viris mesmo se relacionando com homens e nos valores da Igreja com relação à castidade e à formação da família. Isso fez com que as masculinidades distantes desses padrões fossem cada vez mais marginalizadas e excluídas dos registros das histórias. Todavia, esse não parece ser um valor que a virilidade continua sustentando e muito menos as masculinidades se preocupando, como podemos observar nas obras da literatura atual.

## **2.2 A problematização de masculinidades a partir das obras de Daniel Galera**

Nesse íterim de representações de masculinidades estão as obras de Daniel Galera que permitem a problematização das condições de homens descentrados, distantes do ideal viril. O autor nasceu no centro cultural e econômico do país, São Paulo, em 1979. Isso ajudou a se inserir no mundo das tecnologias, elemento trazido para suas obras literárias tanto no quesito suporte, quanto no que diz respeito às temáticas.

Suas obras lançadas até o momento são *Dentes guardados* (2001), *Até o dia em que o cão morreu* (2003), *Mãos de cavalo* (2006), *Cordilheira* (2008) *Cachalote: romance* (2010), *Barba ensopada de sangue* (2012) *Meia noite e vinte* (2016) e *O deus das avencas* (2021). Nesta dissertação, optarei por trazer aquelas que dialogam com o tema da virilidade e permitem a problematização das masculinidades.

Sua primeira obra que permite essa leitura e a alcançar sucesso e olhares dos acadêmicos é *Até o dia em que o cão morreu* (GALERA, 2003) que narra o dia a dia monótono de um homem jovem, recém-formado em letras que vive sufocado pela apatia de uma vida movimentada a ponto de o fazer cansar, mas estagnada e

sem mudanças. Felipe Fernandes Ribeiro (2019) discute sobre essa obra, problematizando a vida de um homem que

Padece de um dos maiores males do século XXI (a depressão), só se preocupa em ter cigarros, bebidas alcoólicas, sexo casual e um apartamento que seja um ambiente de tranquilidade para deixar tombar seu corpo em madrugadas de bebedeira e porra-louquice. (RIBEIRO, 2019, p. 167).

O autor defende a ideia de que, a partir da leitura da obra, é possível encontrar os problemas que envolvem a sociedade contemporânea, representados na vida do protagonista. O ponto de vista de Ribeiro é importante para o trabalho aqui empreendido, por apontar para uma masculinidade que não se encaixa na rapidez e necessidade de ser útil frutos da lógica de consumo atual, ou seja, um homem descentrado, distante do ideal de masculinidade.

A obra *Mãos de cavalo* (2006) também traz questões envolvendo as masculinidades, Ana Carolina Botelho Takeda (2015) problematiza o universo masculino da obra, na qual o protagonista se vê deslocado em meio a uma sociedade que tenta virilizar os meninos desde a infância. Sobre isso, ela diz que:

No romance, Daniel Galera cria diversos eventos em que se desenvolvem atividades facilmente associadas àquelas realizadas por homens. No entanto, pode-se notar o incômodo do protagonista quando se encontra no universo em que ocorrem esses eventos, pois ele tem consciência de não corresponder à figura masculina que possui como ideal. Destarte, sua resistência a esse universo é, ao mesmo tempo, desejo incipiente e contraditório de permanência. Desde pequeno ele possui certa inclinação e gana para superar seus próprios limites físicos, mas que estão ligados, segundo o narrador, mais a uma obsessão pelo domínio de técnicas do que pelo heroísmo associado à virilidade. (TAKEDA, 2015, p. 154-155).

A discussão que a autora traz é muito importante para esta pesquisa, pois ela problematiza a noção de essência masculina, por mostrar que, na obra, o protagonista não nasce viril, apenas tem a paixão pelos esportes. No entanto, essa paixão não ecoa para as nuances voltadas a sua masculinidade. Nesse sentido, percebe-se que Galera em uma de suas primeiras obras já permite leituras acerca das ideias sobre masculinidade e virilidade no mundo atual.

Em *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012), uma de suas obras mais importantes, o autor traz a jornada de um professor de educação física, marcada por uma vida de conflitos internos e externos. As possibilidades de leitura dessa dualidade de problemas foi um dos principais motivos para a escolha dessa obra para a presente dissertação, visto que esse professor é um sintoma de uma



sociedade em busca de identidade, em conflitos constantes sobre os sentidos do seu estar no mundo, do seu papel enquanto um ser social.

Os apontamentos de Luciano Motta Pereira (2018) se fazem necessários para o caminho que pretendo trilhar com a obra, pois ele evidencia em sua pesquisa de que forma há um retorno da figura do autor na literatura de Galera. A premissa se baseia na ideia dos formalistas russos e de outros nomes como Barthes e Foucault de que o autor está morto, sendo apenas um sujeito que enuncia, não mais tendo importância dentro dos sentidos internos da obra, pois isto está restrito ao enunciado e àquele que lê, ou seja, o escritor de literatura não é o foco dessa vertente de análise. No entanto, a figura do autor volta ao centro dos palcos com os estudos culturais. O *locus* social daquele que fala se torna um dos aspectos mais importantes para se entender um discurso de uma obra. Isso corroborou que os autores voltassem à cena da obra de literatura e, imbuído dessa vertente teórica, Pereira (2018) considerou que há um processo de autoficcionalização em *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012).

O conceito de autoficcionalização se diferencia da ideia de autobiografia, pois, enquanto a segunda, conforme Felipe Lejeune (2018, p. 14) é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual e, em particular, a história de sua personalidade”. A primeira, de acordo com Leão (2014, p. 102), é “por si só, a ficcionalização da escrita do eu, é a própria escrita que se permite ao recorte subjetivo da história real vivida, é a escrita que se reinventa a partir das perspectivas e escolhas do eu criado na realidade ficcional<sup>8</sup>”. Diante dos dois conceitos, a autobiografia seria um gênero cuja principal característica se baseia na narração de fatos experienciados pelo eu, porém a autoficcionalização parte do real, da experiência vivida, para fazer existir a uma perspectiva de mundo, uma narrativa baseada no eu, sem compromisso com os fatos reais, mas sim com o que pode ser criado a partir deles.

Pereira (2018), então, parte desses pressupostos teóricos para mostrar como a figura do autor se faz presente no processo da autoficção, fazendo com que sua experiência de vida ou sua jornada, seja refletida nas cenas do texto literário. No que concerne à obra de Galera (2012), o autor diz que “em uma sociedade onde a noção

---

<sup>8</sup> Entendo que a apresentação dos conceitos discutidos nessa parte é sucinta, mas o faço por considerar suficiente para o objetivo deste capítulo.

de subjetividade vem-se tornando cada vez mais descentrada e multifacetada, cada indivíduo expõe de si o que quer tornar visível.” (PEREIRA, 2018, p. 438). Diante disso, fica claro que o objetivo do autor é mostrar que a realidade social e psíquica do sujeito Daniel Galera passa a ser matéria-prima para a jornada do professor. Além disso, o pesquisador ainda complementa, através de Figueiredo (2013, p. 68-69. *apud*. PEREIRA, 2018, p. 438), explicando o porquê desse modo de construir o romance, operando sua argumentação com a necessidade de um “pôr para fora”, levando os sujeitos “cada um a desvelar uma parte de sua vida íntima, tanto física quanto psíquica [...] visando o reconhecimento do outro, a validação da sua maneira de viver”.

Embora alicerce sua pesquisa em um campo teórico diferente, Michele Aranda Facchin (2015) faz uma reflexão sobre como Daniel Galera traz em sua obra um novo realismo e, através disso, traz seu olhar periférico e contestador sobre a sociedade. A autora parte do conceito do “novo realismo” pensado por Karl Erick Schollhammer (2011), o qual diz que ele envolve um processo de retratar a realidade por pontos de vista descentrados, e ele pode ser visto nas obras com determinados conjuntos de características que os categorizam como:

“realismo performático”, em que há uma aproximação entre autor, produção e recepção da obra, um “realismo traumático”, em que os anteparos são eliminados, causando efeitos de choque por meio da exposição à violência, ou mesmo um “realismo íntimo”, que se preocupa em descrever “os humores do personagem”. Esse último é o que nos interessa neste trabalho. (FACHIN, 2015, p. 96)

Dentro das quatro possibilidades de se fazer o realismo dentro de uma obra literária contemporânea, a observada na obra de Galera (2012) é o realismo íntimo. Esse método, portanto, não deve ser confundido com a escola literária do século XIX, visto que consiste apenas em uma forma de narrar que, segundo a autora “se baseia em uma estética do afeto”, ou seja, o espaço e a narração deixam transpassar a intimidade, o subjetivo, o sensível do protagonista.

Essa colocação ganha estofa à medida em que a autora traz os momentos da narrativa nos quais é possível perceber como essa intimidade realista se constrói na materialidade do texto: a narrativa de Daniel Galera aproxima-se do tom confessional, que inunda as páginas, como é perceptível no trecho:

O pai abre a garrafa de conhaque, enche uma pequena taça de vidro, bebe tudo de uma vez. Não oferece ao filho. Pega a pistola e a analisa por um

instante. Aciona o mecanismo que libera o pente para fora do cabo e o recoloca em seguida, como se apenas quisesse mostrar que a arma está descarregada. Uma única gota de suor escorre por sua têmpora chamando a atenção para o fato de que ele já não transpira por todo o corpo. Um minuto antes, estava coberto de suor. Prende a pistola na cintura da calça e o encara. Eu vou me matar amanhã. Pensa sobre o que acabou de ouvir por um bom tempo, ouvindo a respiração descompassada sair em curtos disparos pelas narinas. Um cansaço imenso cai sobre seus ombros de repente. Enfia a foto do avô no bolso, seca as mãos na bermuda, se levanta e caminha em direção à porta da rua. (GALERA, 2012, p. 29, apud FACHIN, 2015, p. 100)

Na leitura que Facchin faz do excerto, inicialmente pontua sobre a descrição do ponto de vista do protagonista, evidenciado pela visualidade de sensações: o suor que escorre da têmpora do pai é notado pelo olhar do filho, comparando o suor com o do corpo, como se estivesse analisando todas as sensações do outro, naquele momento. (FACHIN, 2015). Além dos apontamentos da pesquisadora, chamo a atenção para os verbos no presente, como se a cena estivesse sendo narrada à medida que o protagonista experiencia cada sensação, como se seu olhar fosse um filtro para o que é versado na obra.

Por mais que o único elemento que una as duas pesquisas seja o corpus de análise, em ambas há, dependendo da leitura e da teoria usada para interpretá-la, uma lacuna, cujo preenchimento pode ser dado através do estudo da identidade daquele que é representado. Em outras palavras, estou dizendo que o estudo de gênero pode se aliar aos pontos de vista dos pesquisadores para explicar os porquês dessa narrativa em um realismo íntimo, subjetivo, dessa necessidade de reconhecimento do outro sobre sua visão de mundo, dessa autoficção.

O que temos em tela é um homem comum, narrando uma desventura ambientada numa temporalidade daquilo que entendemos por contemporâneo, com todas as suas peculiaridades, desimportâncias, necessidades e buscas existenciais. Embasando essa perspectiva, Leila Lehn (2013) já problematizava sobre o sofrimento dos personagens de Daniel Galera, que são homens jovens que passam por crises sociais e existenciais. No entanto, é Luiz Gustavo Osório Xavier (2020) que se aproxima da leitura que faço da obra, por defender a ideia de que nas obras de Galera, os homens estão à deriva, estão desencontrados, mas ainda reforçam estereótipos machistas:

Novamente, a atividade esportiva, o consumo de álcool, a exigência de uma conduta sexual ativa, o uso da violência e o domínio de um pensamento científico-racional aparecem como marcas (re)afirmadoras da

masculinidade. Outros aspectos também são apresentados, como a não-demonstração e não-verbalização de sentimentos, a dificuldade de comunicação, o empenho e a seriedade do trabalho físico, a distração com videogames violentos e a socialização entre homens com jogos de cartas, o desleixo com a higiene e com bens materiais, entre outros. (XAVIER, 2020, p. 122)

Do ponto de vista da ambientação e de algumas práticas culturais, há realmente um reforço na ideia de que a obra constrói um ambiente tipicamente masculino, baseado em todo o esquema construído durante os séculos, já apontado anteriormente. Além disso, o pesquisador discorre sobre os modos como esses elementos contribuem para alicerçar essa ideia:

É nítido, portanto, o alto nível de consumo de álcool, principalmente em situações em que o Inominado interage com outro personagem masculino. Nesses momentos, a bebida possibilita um relaxamento que proporciona uma maior camaradagem entre os sujeitos, o que é justamente o que acontece no primeiro encontro do protagonista com Bonobo. É irônico, inclusive, que, na conversa que o Inominado tem com o ex-delegado Zenão em Pato Branco, haja um vinho chamado Coração. (XAVIER, 2020, p. 122)

As falas são precisas, pois trazem a noção do clichê envolvendo as masculinidades tradicionais. A exemplo disso, o autor nos evidencia as cenas de confraternização entre homens regada pelo álcool, como se fossem os homens da idade média nas Tabernas, locais onde os cavaleiros contavam seus feitos, muitos deles falsos, apenas para ganhar vantagem sobre os outros. No entanto, o autor é incisivo em afirmar que, por mais que haja esse reforço em alguns aspectos, essa masculinidade é problemática, é deslocada, em seus termos: está à deriva.

Diante desses apontamentos, destaco que minha pesquisa não irá trabalhar com a mesma perspectiva de análise de uma masculinidade apenas deslocada, mas pensarei nos silêncios, nos não-ditos, unicamente nas práticas culturais do professor. Não em um descentramento de masculinidade, mas sim em uma nova virilidade, em um novo conjunto de performances de gênero que, mesmo bebendo na fonte dos tradicionalismos em alguns momentos, desautoriza o termo viril como o conhecemos, pois apenas há vestígios. As leituras, no entanto, serão complementares, na medida em que preciso desse estofo teórico para dizer que há a possibilidade de se pensar em uma nova virilidade a partir do professor e, para isso, volto à história dos homens, a fim de mostrar que essas novas masculinidades “à deriva”, na verdade, estão criando algo novo, cada vez mais distantes de suas raízes.

## 1.2 Um olhar para as representações das masculinidades gays em Antônio de Pádua

Para dar continuidade às ideias sobre masculinidades e corroborar o distanciamento de valores tradicionais a obra de Antonio de Pádua tem uma importância, visto que seus personagens nutrem a cultura do descentramento, não tendo mais foco no homem branco, burguês e hétero o representado majoritariamente na arte.

Antonio de Pádua é um homem multifacetado: é professor, doutor em ciência da literatura, pesquisador e escritor, mas todas as suas vertentes desembocam em uma área: a literatura de temática homoerótica. Esse tema é a substância que dá vida as suas obras que se dividem entre, principalmente, contos e romances, mas o autor também adentra no campo da poesia e do teatro. Porém, apresentarei os autores que podem contribuir com o recorte escolhido para esta dissertação, ou seja, aqueles que problematizaram a questão gay.

Dentre os temas abordados em sua obra, percebe-se que a problematização das questões socioculturais envolvendo o homem gay é sua maior preocupação. Vários pesquisadores já se debruçaram sobre os estudos da condição desses sujeitos em seus contos e romances. Suas obras são *Sobre rapazes e homens* (2006), *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão* (2007), *Eis o mistério da fé* (2009), *Abjetos: Desejos* (2010), *Mosaicos azuis desejos* (2011), *Por enquanto, outra estação* (2013) e *Lances e Perdas* (2018).

Oliveira (2013) foi um dos pesquisadores que se debruçaram sobre uma das primeiras obras de Pádua, *Sobre rapazes e Homens* (2006). O pesquisador se preocupou em investigar as nuances dessa literatura de temática homoerótica, trazendo à tona temas que mais tarde foram resgatados por outros estudiosos de outras obras do autor. Um dos mais recorrentes é a questão dos efeitos da vida do homem gay em uma sociedade heteronormativa, ele diz que

Silva (2007), através do narrador, apresenta uma primorosa metáfora para a configuração da morte como liberdade para Marcelo, que era menos culto, menos inteligente e menos homem. Enquanto para Rodrigo que é inteligente, tem amigos, tem um apartamento que usa como abatedouro, a morte é uma maneira de limpar a sociedade em que está inserido, como cidadão heteronormativo e dono do seu direito de não tolerar homossexuais e de exterminá-los. (OLIVEIRA, 2013, 115).

A homofobia e o distanciamento são dois dos elementos que o pesquisador apresenta em seu estudo, a fim de representar as problemáticas enfrentadas pelo homem *gay* na sociedade. Para isso, ele mostra como a morte muda de perspectiva para dois sujeitos do conto analisado, visto que para um era a libertação de uma vida de angústia e sem esperanças, enquanto para o outro – hétero – seria uma forma de “limpar a sociedade”, tirando a vida de sujeitos descentrados.

Simão Mendes Júnior e Flávio Pereira Camargo (2017) também se preocuparam com a investigação da literatura homoerótica de Pádua, pesquisando sobre a primeira obra publicada do autor, *Sobre rapazes e homens* (2006). Os termos que a intitulam já evidenciam que a obra tem como foco masculinidades, mas essa masculinização é constituída a partir dos temas que envolvem o sujeito *gay*, como o desejo, a solidão, a homofobia e a iniciação sexual. A obra se estrutura em três partes: *Sobre algumas coisas de rapazes e homens*, *Teoria dos esquemas (dos homens)* e *Retomando os esquemas, os rapazes e os homens*. Cada uma dessas partes é construída a partir de uma linguagem que leva o leitor à experiência da cena, usando termos e configurações linguísticas causadoras de espanto para um leitor desavisado sobre o teor erótico dos seus escritos.

O estudo feito por Mendes Júnior e Camargo (2017) tomando como base os contos *Esquema F*, *Agente da Passiva* e *Passional ao extremo*, para problematizar a descontinuidade do ser resultante do desejo homoerótico dos personagens. O primeiro conto analisado pelos pesquisadores é *Passional ao extremo*, no qual encontram um personagem com um vazio existencial, buscando uma completude na alimentação do desejo através do encontro afetivo-sexual. Os autores ainda pontuam a relação breve que há, o preenchimento momentâneo dessa solidão, porém advertem que:

Ao final da leitura do conto, percebemos que o personagem protagonista aceita a condição da relação casual que lhe preencheria o desejo do corpo consciente de que a mesma não é capaz de saciar sua carência, além de não resolver o problema da sua descontinuidade. A palavra "paixão" para denominar a breve e esporádica relação nos faz refletir em torno do seu peso emocional: como medir um sentimento que brota de uma relação tão breve? Esse "céu" ao qual o personagem se refere irá se repetir em outras relações repentinas? É mesmo um céu ou apenas um placebo que o personagem busca para remediar sua solidão, carência e vazio existencial? Ao que tudo indica, sua busca será incessante em um movimento cíclico moldado pelo desejo latente e pela necessidade de satisfazê-lo. (MENDES JÚNIOR e CAMARGO, 2017, p. 218).

A desestabilização do personagem se dá pela efemeridade dos seus encontros, fazendo-o dependente de um desejo, de um devir, sempre a espera daquele que o tirará rapidamente daquele momento de angústia.

Corroborando essas colocações sobre o conto em tela, o pesquisador Flávio Camargo (2017) empreende outro estudo, analisando as nuances desse desejo homoerótico presente na obra de Pádua. Nesse sentido, Camargo (2017) discute as questões das injúrias que o protagonista da obra sofre ao buscar nos olhares de outros homens um carinho, do desejo sempre latente, dilacerado por uma solidão e relações efêmeras, mostrando como se dá relação entre literatura e homoerotismo.

A segunda parte da análise de Mendes Júnior e Camargo (2017) toma como base o conto *Esquema F* o qual narra um rito de iniciação sexual de um garoto de 15 anos com um homem mais velho nos fundos da loja do pai do garoto. Os autores discutem, a partir deste conto, a dolorosa vida do homem *gay*, na medida em que o protagonista, ao ter sua vida sexual iniciada de maneira libidinosa, sem afeto algum, descobre a dor do primeiro ato. Após isso, o pai descobre o feito do filho e o espanca, tanto física quando moralmente, fazendo com que o garoto descubra a outra dor da vida *gay*, a dor da não aceitação familiar. (MENDES JUNIOR e CAMARGO, 2017).

Seguindo a perspectiva das injúrias com o homem *gay*, o último conto analisado é *Agente da passiva* no qual os pesquisadores problematizam a jornada do protagonista que tinha seu desejo reprimido, mas que, com o passar dos acontecimentos, decide tornar-se um *agente*, no sentido atitudinal, da sua vida sexual, ou seja, *da passiva*. Este conto, em contrapartida dos anteriores, não tem um final trágico, pois “dá espaço aos prazeres do erotismo e do encontro de seus corpos em um sentimento de *Carpe Diem*, finalizando com um tom mais leve e otimista, como toda relação, homoerótica ou não, deveria ser.” (MENDES JUNIOR e CAMARGO, 2017, p. 236). Dessa forma, isso mostra que nem toda a obra *Sobre Rapazes e homens* (2006) é marcada pelas dificuldades, há também sussurros de felicidades e prazeres desacompanhados de dores.

Jhonatan Leal Costa e Ricardo Sorares (2013) também investigaram a condição do homem *gay*, mas dessa vez em seu terceiro livro de contos publicado *Abjetos: Desejos* (2010), o qual, mais uma vez, aborda as temáticas que envolvem

as subjetividades das masculinidades *gays*. Os pesquisadores fizeram uma análise de um dos contos da obra, *Obs-ceno*, que traz, mais uma vez, a solidão como um dos principais temas do enredo, pois:

O narrador afirma estar em um estado de incompletude, mesmo quando dispõe de artifícios, que julga fundamentais, para se tornar feliz. Ele confessa que o “bem estar” é insuficiente, porque o vazio causado pelo sentimento de solidão é insuperável, gera a ideia de que algo precisa ser preenchido, embora ele não saiba exatamente o quê. (COSTA e SOARES, 2013, p. 3).

A solidão é recorrente na obra do autor e mostra como um homem *gay* sofre dentro de uma sociedade heteronormativa, por não encontrar alguém para compartilhar afetos, apenas, na maioria das vezes, sexo efêmero. Essa incompletude do narrador é tecida ao longo de seis páginas com apenas um parágrafo que desemboca no momento em que o Sérgio, narrador-personagem cujo nome só é revelado ao longo da narrativa, finalmente consegue um enlace sexual.

Tais problemáticas são levadas à obra *Mosaicos azuis desejos* (2011), dividida em 61 capítulos que podem ser apreciados separadamente, porém, juntos, assim como peças de um mosaico, trazem unidade a uma narrativa na qual conhecemos a jornada de Mário, um professor universitário que vive seus dilemas relacionados à solidão e incompletude.

Mais uma vez os temas que envolvem a felicidade do homem *gay* fazem referência à ausência dos outros e até de si, visto que há uma busca incessante de um preenchimento afetivo e sexual. Costa (2012), a partir disso, questiona a solidão presente nas obras de Antonio de Pádua, trazendo a discussão para *Mosaicos Azuis desejos*, no intuito de estabelecer em que sentido a solidão se liga à sexualidade dos personagens. A discussão toma partida com o pesquisador apontando para uma recriminação da sociedade heteronormativa com o protagonista, estabelecendo uma desconexão entre sua sexualidade e seu compromisso profissional:

Os heteronormativos representados em *Mosaicos Azuis Desejos* afirmam que Mário não é *gay*, pois ele é “modelo de profissional e de pessoa”, como se estas qualidades não fossem possíveis a um homoafetivo, ou como se a homoafetividade fosse capaz de anular tais atributos em alguém. Mas aceitar o sujeito e reprimir suas práticas é ainda não aceitá-lo. (COSTA, 2012, p. 13)

Mário, então, tinha uma aceitação por parte do grupo dominante do seu local de trabalho, mas não era compreendido e aceito em sua totalidade, haja vista que



há um julgamento e um paradoxo imposto: ser *gay* e ser alguém responsável. Esse problema, portanto, se torna um grande empecilho para que ele possa conviver em sociedade.

A solidão, então, assola Mário, não podendo nem ter o afeto da família. Costa (2012), portanto, conclui que não há uma possibilidade de viver a sexualidade dentro de uma sociedade heteronormativa e preconceituosa, levando homens *gays* a um dilema duplo de “resistir à norma e o de identificar-se com os excluídos, que lhes oferece a possibilidade de fazê-los agir conforme suas subjetividades.” (COSTA, 2012, p. 15), ou seja, o caminho para abrandar essa solidão seria estar junto dos excluídos, aqueles cujas *performances* desagradam o “normal”, isso se explica pelo fato de que o protagonista não era bem visto pela sociedade heteronormativa, devido à sexualidade.

Se em *Mosaicos Azuis Desejos* a questão da não aceitação da sexualidade aparece como uma barreira para a boa convivência em sociedade, seu romance *Por enquanto... Outra estação* (2014) traz isso de maneira mais trágica. O romance narra a história de um personagem conhecido apenas pela alcunha etária *velho*, cuja vida é mostrada pelo narrador através de lapsos de memória do protagonista que sofre de *Alzheimer*, explicando o nome da obra, pois sempre o leitor é levado à outras estações. O toque do autor reinventa seu estilo criado em *Mosaicos azuis desejos*, visto que a narrativa de capítulos sem ligação cronológica continua, mas dessa vez recebe o toque da descontinuidade como consequência da doença.

Esse aspecto da construção narrativa leva o leitor às memórias do velho, as quais mostram uma vida repleta de percalços, dores, amores e prazeres, assim como os demais personagens de Pádua. Em 2019 realizei uma pesquisa sobre a obra para analisar de que forma há uma certa permissão sociocultural para os personagens atuais viverem de modo mais livre, mas isso se dá no ponto de vista da sua subjetividade, visto que a história de *Por enquanto... outra estação* (2012), termina de maneira trágica, por causa da não aceitação da orientação sexual do velho. Cheguei a essa constatação através de uma comparação entre as práticas culturais, ressaltando seus devidos contextos, do velho e de Riobaldo de *Grande sertão: veredas* (ROSA, 2019). O modo de enxergar os próprios afetos do protagonista de Pádua, a partir da pesquisa, se distancia da impossibilidade ou limitação existencial que Riobaldo sentia em relação a Diadorim. No entanto, essa

pesquisa deixou uma questão aberta, se esse personagem atual se distancia dos seus antepassados, ele não é mais homem?

Assim, opto não por analisar novamente os pontos que autores como Oliveira (2013) Camargo (2017) Mendes Júnior e Camargo (2017) ou Costa (2012), pois meu foco é identificar os traços de uma nova virilidade que essas masculinidades constroem a partir desses elementos já estudados. Além disso, o protagonista do romance *Por enquanto... outra estação* (PÁDUA, 2014), em detrimento dos outros das obras anteriores, não se torna um refém da sociedade, pois, defendendo quem, mesmo sofrendo homofobia, ele se volta contra a solidão e as estruturas sociais para viver sua felicidade. Por esse motivo, a obra foi escolhida como objeto de apreciação nesta dissertação.

Há algumas obras do autor que também trazem temáticas envolvendo os dilemas de homens *gays*, mas ainda não há uma fortuna crítica sobre, tendo em vista que a rica carreira do autor ainda tem menos de 20 anos. Sua obra mais recente sobre a qual ainda não há estudos é *Lances e Perdas* (2018). O autor inova, mais uma vez, seu estilo, mas, dessa vez, não com um romance. O livro, em sua ficha catalográfica é colocado como pertencente ao gênero *conto brasileiro*, mas não há apenas contos, ele é dividido em três partes: a primeira delas são contos que borram as temáticas unicamente voltadas ao universo das masculinidades *gays*, margeando o campo das lesbianidades e da heterossexualidade. Todavia, com uma leitura atenta e sabendo dessa dispersão no que concerne aos gêneros, fica evidente como Pádua inicia um projeto de escrita sobre os elementos triviais, mas inerentes a todo humano, como o desejo e os dramas de amores românticos e trágicos, sejam eles *héteros* ou *gays*.

### 3. UMA NOVA VIRILIDADE? OS PRIMEIROS LANCES DA MASCULINIDADE EM *BARBA ENSOPADA DE SANGUE*

Desde o mundo antigo, performar como um *homem de verdade* é um processo exógeno, é aquilo que as convenções de época imputam ao sujeito. Mas essa é uma afirmação perigosa quando penso no mundo atual, a partícula pós (moderno, patriarcado, crise, estruturalismo, tradicionalismos) deixou o homem contemporâneo multifacetado, quase um mosaico composto por peças disformes originadas de várias conjunturas que, juntas, formam o que se entende por masculinidade contemporânea. As bases foram trocadas por multiplicidade, as forças das instituições e dos discursos que impingiam códigos aos homens enfraqueceram. Tirou-se pernas e lhes foram concedidas asas, mas esse bicho homem sabe voar?

*Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) é uma obra que permite problematizar essa noção de *homem de verdade*, pois traz um protagonista que diverge em alguns aspectos comportamentais de homens de outras épocas. Portanto, com o intuito de entender como essas masculinidades atuais tentam alçar seu voo, estão presos às amarras patriarcais ou perdidos dentro da crise do masculino em qualquer outra estação, o objetivo deste capítulo é analisar as condutas e códigos de masculinidade do protagonista da obra *Barba ensopada de sangue* de Daniel Galera (2012), tomando como base a obra e de que maneira o protagonista constrói lida com sua jornada, sua relação familiar, relações de afeto e consigo, a fim de entender como a virilidade das masculinidades se configura a partir do que a obra permite pensar. Com essa discussão, trilhamos mais um passo em direção ao objetivo desta dissertação que é entender como funciona a virilidade dos homens dessas duas obras.

O caminho metodológico adotado para a análise do *corpus* parte do estudo sobre como os elementos básicos de um romance – nome da obra, narrador, nome do protagonista e características físicas, constroem uma imagem dessa masculinidade. Indo, após esse momento, para a discussão sobre como a virilidade apresentada na obra se comporta no âmbito familiar e, por fim, mostrando como o homem lida com as questões sobre monogamia e relacionamento com mulheres atualmente.

### 3.1 As noções de virilidade a partir dos primeiros elementos da obra

*Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) nasce num cenário atípico para o homem<sup>9</sup>, quando observo o título, porém, as ideias fluem e me afastam dessa conjuntura desvirilizante, trazendo uma imagem de força, de violência, aguçando o imaginário às cenas de um guerreiro cuja face está sendo banhada com o sangue dos inimigos. Em minhas mãos tenho um sintagma nominal como título, cujo núcleo é *Barba*, elemento intrínseco à construção de uma ideia que separa garotos dos homens pois, no berço da cultura ocidental os pelos já eram o sinal de travessia da vida pueril à vida adulta, de acordo com Sartre (2013). Ele ainda diz que os gregos não tinham muito bem definidos os limites entre experiência e aparência física na constituição do ser, para eles ambas as partes constituíam uma unidade moral. O homem, então, deveria cuidar da aparência física e da intelectualidade para ser um sujeito honroso, essa sociedade vê a relação entre beleza física do homem e qualidades morais como uma simbiose. A barba, nesse sentido, aparece como um elemento demarcador da gênese da virilidade e de moralidade, embora não fosse tão cuidada.

Com o passar do tempo, a semiose da barba ganhou novas significações, os romanos não enxergavam uma relação pontual entre a barba e virilidade, porém, o cuidado com ela nasce com eles. Ter uma barba desleixada para os romanos, conforme Thuillier (2013), era coisa de Grego. Lendo esse trecho, entendo que a beleza descrita como um pré-requisito para a virilidade era a do físico, a beleza anatômica e não os pelos. No entanto, para os povos considerados bárbaros, ela era um importante apetrecho de guerra, pois quanto mais peluda e desleixada a barba, mais medo eles colocariam em seus inimigos.

---

<sup>9</sup> Com cenário atípico para o homem, faço referência a um modelo de sociedade no qual as condições para a construção da identidade hegemônica masculina estão deterioradas. Silva (2000) endossa o ponto de vista aqui referido, mas o faz dentro da psicanálise, apontando que há um mal-estar, ele diz que “O sentido que damos para o mal-estar é semelhante àquele referido por Freud (1930;1929), ou seja, ‘um estado crônico mas tolerável de desprazer intrínseco à constituição do psiquismo e uma condição básica para a procura pelo homem das felicidades possíveis’ (p. 01). O estado de desprazer, de insatisfação psíquica é o que guiará, no nosso entendimento, a atual crise da masculinidade. Fala-se, e muito, do verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade, talvez, como resultado de sua inserção na cultura a qual pertence, onde, por conseguinte, precisa moldar-se (sustentando ou criticando, aderindo ou rejeitando, se integrando ou se afastando, obedecendo ou resistindo) às regras impostas pela cultura e definidas como normas, conformando características, comportamentos e papéis que não necessariamente sejam aqueles que condizem com aquilo que ele almeja para si enquanto traços identificatórios.” (p. 9)

A barba do título da obra está ensopada de sangue, ela cria um campo imagético que faz referência ao guerreiro, lançando luzes a esse cenário no qual os exércitos, em nome de reinos e ideais, travavam batalhas sangrentas. Em jogo estava muito mais do que uma vitória ou derrota, a virilidade dos homens era colocada à prova. Com as primeiras impressões da obra, no entanto, os elementos constituintes desse horizonte do guerreiro vão se diluindo. O que resta desse esfacelamento de expectativas é um homem comum, um professor de educação física, vivendo uma jornada exterior e interior.

*Barba ensopada de sangue* é um romance do autor Daniel Galera (2012) cuja narrativa centra-se em um homem anônimo, do qual conhecemos apenas sua profissão e parte da sua vida marcada por problemas e desventuras, desde a traição da noiva com seu irmão, ao suicídio do pai, do qual ele era o único a saber e recebe a missão de cumprir seu último desejo. Ora, não há um guerreiro aqui, há um homem comum sem nome, um homem protagonizando uma vida sem grandes feitos, fazendo referência ao herói problemático de Lukács (2009). A ideia da barba ensopada de sangue, então, seria um paradoxo ou uma piada? Qual é a batalha honrosa que está sendo travada para ensopá-la de sangue?

Seria complexo buscar uma resposta imediata para essa pergunta, preocupar-me-ei, antes, com elementos mais triviais, suprimidos da narrativa. Dentre as escolhas do narrador para apresentar o protagonista, é mostrada apenas sua profissão e doença, não há um registro das marcas identitárias. O leitor fica à deriva sem saber nome, características físicas, passado, anseios ou quaisquer outros elementos que construam um sujeito verossímil, esses não ditos, porém, são tão reveladores quanto os ditos.

Pensando nesses pontos elípticos, o mais notório deles é o anonimato do protagonista, algo que, em um olhar desatento, pode parecer sem relevância, haja vista que muitos autores de literatura fazem isso. Contudo, no que diz respeito ao gênero masculino, a falta de nome é muito mais do que uma mera casualidade, é algo que afeta a masculinidade, pois o nome do homem, tradicionalmente, antes de dizer quem é o sujeito, revela o que ele tem, suas origens, sua classe social e sua reputação. Isso diz respeito à tradição patriarcal, na qual a base da família é o pai e seu nome é a garantia de identificação aos submissos à ordem dele – esposa e filhos. A afirmação do patriarca necessitava de um nome forte, não no sentido

semântico, mas pragmático, um sentido que fora atribuído àquele nome pelo que fizeram seus familiares, para se assenhorar todos que constituíam seu lar. A submissão, então, acontecia silenciosamente pelo nome: sobrenome para os filhos e para a mulher cuja primeira identidade era perdida ao casar-se, simbolizando a troca de posse.

Se a virilidade se assentou durante toda a história do mundo ocidental logocêntrico como um modelo ideal não apenas para o homem, mas para todos os seres, esse corte identitário que o professor sofre demonstra divergências entre modelos de masculinidades. A identidade é um dos pontos mais importantes para dar continuidade à dominação masculina que é feita silenciosamente conforme as ideias de Bourdieu (2004).

Não estou negando que não há uma dominação física, mas ela não seria suficiente para moldar geração atrás de geração. A coerção exercida pela dominação simbólica consegue enlaçar a sociedade com mais facilidade, na medida em que ela acontece de forma silenciosa, não há mudanças bruscas no movimento de ordenação social.

Embora seja um fenômeno que cinge não apenas personagens masculinos, a falta de identidade, no que concerne ao homem, coloca em questão sua masculinidade, mas, no romance analisado, isso é deixado de lado. Nesse sentido, esse anonimato do protagonista começa a lançar luzes à imagem de masculinidade que a obra apresenta, rasurando ideias acerca da importância da identidade ou da preocupação com a exterioridade e abrindo caminhos para que essas nuances, que fazem referência à interioridade, sejam realçadas.

Esse ponto de discussão levantado é corroborado pela a parte inicial da obra, na qual o narrador não apresenta aspectos físicos, identitários ou de personalidade. Tradicionalmente, os gêneros narrativos se desenvolvem pela situação inicial na qual são apresentados os personagens, o tempo, o espaço, e outros elementos da história, mas a obra apreciada se distancia não apenas desse aspecto, mas de todo o campo semântico que envolve a palavra tradição, a qual entendo a partir do ponto de vista de Luvizotto (2010), que faz referência ao termo como um conjunto de normas e ideias que são construídas, naturalizadas e repetidas por um determinado povo, sempre organizando os esquemas de vida dos sujeitos. Nesse sentido, resta

ao leitor apenas saber que o protagonista da obra que tem em mãos é portador de uma doença chamada prosopagnosia e cujo efeito é a não memorização de rostos. Eis o único aspecto identitário apresentado: uma doença.

Como ficou perceptível, os elementos que trouxe até agora apenas margeiam a narrativa de *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012), ainda não adentrei na história. Contudo, as discussões e especulações empreendidas sobre o título, o breve resumo, a falta de identidade já constroem o esboço da masculinidade apresentada. Alicerçando essas constatações, tomamos, antes de qualquer outro elemento, conhecimento da doença do protagonista:

Seus olhos percorrem todos os quadrantes desse rosto no intervalo de uma respiração e ele pode jurar que nunca viu essa pessoa na vida, mas sabe que é seu pai porque ninguém mais mora nessa casa desse sítio em Viamão e porque ao lado direito do homem sentado na poltrona está deitada de cabeça erguida a cadela azulada que o acompanha faz muitos anos. (GALERA, 2012, p. 13)

O primeiro elemento a ganhar relevo na obra é uma doença<sup>10</sup>, se não bastasse todos os outros tons que são lançadas sobre a tela dessa masculinidade em análise, este, de fato, faz parte da história e é algo concreto sobre esse homem. Ora, mas o que a colocação de um simples problema em reconhecer rostos poderia acarretar? Ao falar desse problema em detrimento de outros aspectos, o narrador destaca uma nuance de fraqueza da suposta masculinidade defendida pela tradição. Segundo Nolasco (1997), a masculinidade se caracteriza desde a mais tenra infância por deixar restrito as interioridades, o que é exteriorizado são apenas os elementos considerados como virtuosos. Essa é uma tendência da virilidade tradicional cujos registros iniciais datam da Grécia antiga e defende que o homem não pode demonstrar fraquezas, haja vista que isso é algo relacionado às mulheres.

Com esse início, *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) nos traz uma masculinidade que, tradicionalmente, se distancia dos homens que a humanidade aprendeu a reconhecer como grandes, donos de nomes fortes e com feitos reconhecidos, na medida em que o destaque inicial é dado a uma doença e não aos outros elementos.

---

<sup>10</sup> Não há um trecho que mencione o nome da doença diretamente, mas há a apresentação dos sintomas tanto nesse quanto em outros momentos, nos quais o narrador diz que ele não consegue memorizar as faces.

### 3.1 O protagonista e sua relação com a família

Mas esses elementos pré-narrativos e pequenos elementos narrativos não são suficientes para tecer julgamentos sobre a virilidade do protagonista. Por isso, neste momento, adentro no âmbito familiar do professor para observar tanto as suas próprias condutas quanto os códigos de masculinidades sobre os quais foi forjada sua virilidade.

O professor, no início do romance, chega à casa do pai, após muito tempo sem verem um ao outro. O pai o convida, pois precisa comunicar-lhe uma decisão tomada, mas antes disso conversam sobre Gaudério e seu desaparecimento misterioso, levando o professor a desconfiar dos rumos da conversa, o que o fez pedir ao pai que fosse direto ao assunto pelo qual havia o convidado ali então:

O pai abre a garrafa de conhaque, enche uma pequena taça de vidro, bebe tudo de uma vez. Não oferece ao filho. Pega a pistola e analisa por um instante. [...] Prende a pistola na cintura da calça e o encara.

Eu vou me matar amanhã. (GALERA, 2012, p. 29)

Os fatos corroboram a ideia de masculinidade sobre a qual estamos dissertando, aquela cuja capa heroica fora retirada. Isso se acontece, pois, ao encontrar o pai, o protagonista descobre o motivo pelo qual fora convidado à visita, que na verdade era uma despedida, dita sob a forma do anúncio do suicídio, mas isso não parece surpreender o professor:

Pensa sobre o que acabou de ouvir por um bom tempo, ouvindo a respiração descompassada sair em curtos disparos pelas narinas. Um cansaço imenso cai sobre seus ombros de repente. Enfia a foto do avô no bolso, seca as mãos na bermuda, se levanta e caminha em direção à porta da rua.

Eu esperava bem mais de ti, pai. Mais do que esse papo débil mental. Tenho nojo de agir como vítima e quem me ensinou isso foi tu. E agora tu tá dando uma de vítima pra cima de mim. (GALERA, 2012, p. 29)

Na constituição dessa família há um pai que quer tirar a própria vida e um filho que ouve e vira as costas, um comportamento em partes aceitável em uma conjuntura familiar sem laços afetivos. Contudo, antes de chegar a este momento da não afetividade, é possível notar que pai e filho tiveram uma boa relação durante toda a vida. Além disso, ou o pai confia muito no filho ou conhece a personalidade e sabe que ele não conseguiria fazer com que mudasse de ideia sobre o suicídio.

Embora Xavier (2020) tenha dito que em *Barba ensopada de sangue* haja marcas que reafirmam a masculinidade padrão, como álcool, drogas e armas,



elementos presentes na cena do diálogo entre pai e filho, o que acontece não reforça o padrão de masculinidade, rasurando a imagem criada por aquele local.

As atitudes apresentadas pelo pai corroboram esse distanciamento da tradição, com comportamentos que borram os ideais viris, trazendo nuances de um homem em decadência, experimentando o fracasso. Isso se explica, pois, após o professor demonstrar indiferença e sair, o pai defende sua decisão, alegando que “quando tu começa a cagar sangue e ficar brocha e acordar de saco cheio da vida todo maldito dia, tu tem a obrigação moral de agir como vítima.” (GALERA, 2012, p. 32). Essa situação representa um paradoxo enfrentado pelos homens desde os primeiros registros sobre os modelos de virilidade: de um lado temos, conforme Sartre (2013), a noção de que ser homem é sinal de gozar a vida, viver os prazeres sem medidas, criando regras, convenções morais e biológicas para justificar suas ações; por outro lado, Vigarello (2013) problematiza um deslocamento da noção de virilidade do mundo antigo com a passagem para a modernidade, apontando para um destronamento da força enquanto elemento principal do macho, agora, o controle de si, a dominação silenciosa e as virtudes eram as características do *homem de verdade*. O autor diz que essa noção de masculinidade se constituiu como ideia contrária à feminilidade, ou seja, ser homem sempre foi não ser mulher e conquistar a virilidade é afastar-se do lado feminino.

Todavia, seria ingenuidade da minha parte não pontuar que esse cenário ideal não se realiza na *práxis* cotidiana. Embora seja um padrão, um modelo a ser seguido, o homem ainda é um animal, movido, em partes, por impulsos emocionais, afetivos e sexuais. O paradoxo se instaura exatamente nesse ponto, pois, na medida em que o ideal viril é afastar, em partes, o homem do seu comportamento animalesco, o sujeito vive, como disse Sartre (2013), uma vida de gozos. Ora, onde está o controle nisso? A noção de virilidade tradicional, por vezes, entra em conflito na sua própria função doutrinante.

O pai do protagonista passa por esse embate, pois deveria ter, no plano das ideias tradicionais, uma vida honrosa, cumprindo seu papel de pilar central, de homem da família, o que não acontece na narrativa, visto que ele e a mãe do professor são divorciados. Não há registros das razões explícitas ou momento em que deixaram de viver juntos, é mostrado apenas que há uma relação distante nessa família. O divórcio já corrobora uma mudança de estrutura paterna na organização

familiar. Antes, ele mantinha a relação até “que a morte os separasse”, agora o divórcio destrona o homem, a mulher/presa/objeto fica livre ou à disposição para outros relacionamentos.

O suicídio, nesse caso, aparece como uma forma de encerrar uma vida distante do ideal de masculinidade. Ele diz que defeca sangue, não vê mais felicidade em acordar vivo e sofre de disfunção erétil. Esses motivos que o pai elenca para findar sua existência na terra são pautados em valores hedonistas, pois o conjunto de enfermidades existentes em seu corpo não o permitem viver da maneira como gostaria – provavelmente, tendo em vista as motivações, essa maneira seria através dos prazeres da sexualidade.

A discussão, nesse sentido, não pode ficar restrita ao fato de que o pai não dá valor ao próprio papel que deveria exercer, ela vai muito além e diz respeito a uma conjuntura sociocultural diferente daquela que impingiu, ora por meio da dominação simbólica, ora por meio da força, a noção de que o pai é a Ordem da família, de acordo com Silva (2007). Isso explica as mudanças de perspectivas entre o que a teoria aponta sobre a virilidade e os comportamentos do pai e do filho diante da situação vivida na obra.

A história teceu a figura do pai, segundo Nolasco (1997), como um ser zangado, bravo e fechado, sua relação afetiva com os filhos é quase inexistente. Esse papel é inculcado à mulher, tendo em vista que os sexos atuam numa medida opositiva, como pontua Bourdieu (2014) quando afirma que a relação entre homem e mulher funciona numa dicotomia entre o mundo masculino e o mundo feminino, as nuances que constituem o universo de códigos do homem são exteriores e fortes, enquanto os códigos de condutas femininos são internos e fracos. Isso se dá, por exemplo, nos ambientes frequentados – homem sujeito público, trabalha fora, a mulher no privado, exercendo apenas as funções de dona de casa. Nesse sentido, a relação afetiva do pai com seus filhos é quase inexistente, haja vista que ele é responsável apenas por garantir as necessidades objetivas da família.

Embora a conjuntura, como apontei anteriormente, seja diferente, os traços dessa relação forjada aos moldes da família tradicional do patriarcado ainda estão presentes nessa relação entre o protagonista e seu pai. Como é possível observar, o filho não demonstra uma reação para contrariar a reação do pai, apenas age com

indiferença e incredulidade no primeiro momento “Eu esperava bem mais de ti, pai. Mais do que esse papo débil mental. Tenho nojo de agir como vítima e quem me ensinou isso foi tu. E agora tu tá dando uma de vítima pra cima de mim.” (GALERA, 2012, p. 32). Essa postura do filho, no entanto, não dura muito, o discurso do pai ganha tons de veracidade, porque o protagonista tenta entender as razões pelas quais isso seria feito e tentar fazê-lo mudar de ideia:

Persuadir uma pessoa a não seguir o coração é obsceno, a persuasão é uma coisa obscena, a gente sabe do que precisa e ninguém pode nos aconselhar. O que eu vou fazer tá decidido há muito tempo, antes de eu próprio ter a ideia [...]

Alguma vez eu errei? Hein? Eu te disse que tu ia perder tua mulher do jeito que perdeu. Te disse que tu ia passar a vida sendo o último recurso dos desesperados. Mas tu consegue pensar de verdade nos outros mesmo sem lembrar da cara de ninguém. E por isso tu é melhor que eu e teu irmão. Eu tenho orgulho disso e te amo por isso. E agora preciso que tu fique do lado do teu velho. (GALERA, 2012, p. 32 - 33)

As estratégias argumentativas utilizadas pelo pai dão toques sutis na própria masculinidade do filho e o fazem acreditar no suicídio. No limiar do seu discurso, fica evidente que não há mais discussão ou chance de voltar atrás, não havendo necessidade de persuasão. O jogo da inversão de argumentos – não persuadir, mesmo persuadindo – traz tons de veracidade à fala, na medida em que ele não precisa convencer mais ninguém ou quer ser convencido a mudar de ideia. Isso faz com que sua atitude se torne real e intransponível. Além disso, ele coloca seu filho em uma posição inferior a sua por ser um sujeito decidido, conforme fora elucidado no início do trecho. O protagonista, por outro lado, é caracterizado pelo pai como o contrário disso, a segunda parte do trecho mostra que ele perdeu a esposa de alguma maneira trágica para um homem e era “o último recurso dos desesperados”. Como um bom estrategista argumentativo e conhecedor dos códigos de masculinidades, o primeiro elemento trazido à tona para demonstrar sua superioridade é o fato de o professor de educação física ter perdido sua mulher “como perdeu”. No decorrer na narrativa, é apresentado ao leitor o final trágico do seu noivado com Vivian, cujo mote principal fora a traição com seu irmão.

Mais do que desconfiar da sexualidade de um homem, a traição por parte da mulher é a pior ofensa à virilidade que um sujeito alicerçado em bases patriarcais poderia sofrer. Ser traído, no que concerne aos efeitos causados à masculinidade, diminuía a envergadura de um homem nos quesitos de dominação e da sua

sexualidade.<sup>11</sup> Portanto, o professor, com essa frase do pai, tem sua condição masculina abalada, é diminuído em pessoa, como marido, mas, sobretudo, como um homem de mando e, assim, tem sua masculinidade minada, mas esse não foi o único ponto elencado sobre a personalidade do filho. No segundo momento, ele diz que o protagonista é um homem bom, “o último recurso dos desesperados” e um ser afetuoso, conseguindo ser melhor do que os outros homens da família. Esse melhor realçado pelo pai não significa exatamente uma qualidade, haja vista que a envergadura de homem do professor fora diminuída por sua bondade. Além disso, ter falado sobre esses aspectos após trazer à tona o tema da traição é mais uma forma de diminuir o professor e fazê-lo dar credibilidade ao seu discurso, na medida em que eleva sua masculinidade em detrimento da macheza do filho.

É possível perceber, através do jogo discursivo do pai, que a noção de virilidade rege sua *performance* está arraigada no padrão do *homem de verdade* de Nolasco (1997). O professor, na visão do pai, não faz desses códigos os seus, pois além da traição, a imagem de um homem afetuoso é oposta àquilo que o patriarcado construiu, Nolasco (1995) diz que “excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual” (p. 18), ou seja, afirmar que o professor *performa* dessa forma, é uma maneira de minar a sua virilidade, dominá-lo através do discurso e atribuir veracidade à decisão.

Essa complexidade nas condutas as assemelha a peças de um mosaico. Ora, como posso comparar uma categoria de gênero a uma forma de arte cuja principal característica é a disformidade entre os elementos que a compõem? A resposta, após a discussão empreendida até aqui parece-me óbvia: se desde o mundo antigo comportamentos, condutas e códigos vão sendo convencionados, uns deixados e outros incorporados de acordo com as demandas de cada época, o resultado final disso, caso houvesse uma linearidade dessas transformações, seria um aperfeiçoamento da virilidade segundo as ideias tradicionais. Todavia, no meio desse caminho entre a antiguidade ocidental e a contemporaneidade, houve diversas mudanças no pensamento humano. A virilidade, nesse sentido, foi se esfacelando, na medida em que os homens perderam suas bases regentes, fazendo

---

<sup>11</sup> A problematização desta ideia é rasa neste momento, mas ela será ampliada no terceiro capítulo, onde discutirei a masculinidade tomando como base o ponto de vista da sexualidade.

com que a figura do mosaico fosse sendo uma aparente metáfora possível para as masculinidades, pois com essa ruptura basilar, os homens correlacionam aspectos advindos de diferentes épocas para se constituírem.

O pai, portanto, figura como uma representação de uma masculinidade, cuja imagem pode ser comparada a esse mosaico, pois *performa* tradicionalmente, ao passo que destrona boa parte deles. As palavras proferidas ao filho, no intuito de evidenciar suas fraquezas, e persuadi-lo simbolicamente evidenciam traços de gerações distintas de masculinidades, as quais divergem do modo como o próprio pai fora educado, visto que, de um ponto de vista tradicional, o pai do protagonista tem muito menos hombridade do que seu pai, o avô do professor. Isso fica evidente no momento em que o diálogo prossegue e o pai traz Gaudério, avô do professor e seu pai, à baila, comparando as condutas e comportamentos de ambos:

Tu é mansinho, educado. Teu vô tinha pavio curto. Ô velho desaforado. Era famoso por puxar a faca por qualquer coisa. O homem ia ao baile e brigava. E até hoje não entendo como ele arranjava briga, porque bebia pouco, não fumava, não jogava e não se metia com mulher. [...]

- Mas por que tu e o avô brigaram? Bom... eu não sei explicar direito. Mas teve uma coisa principal, que foi a avaliação da parte dele de que eu era um vagabundo mulherengo. De que eu não queria absolutamente nada da vida e não tinha o menor interesse pela chácara, pelo trabalho ou por instituições morais ou religiosas de qualquer espécie. No que ele tinha toda a razão. Apesar de haver um certo exagero na percepção dele. Acho que uma hora ele simplesmente encheu o saco e não tinha mais paciência pra me doutrinar. Eu não era um caso tão perdido assim, mas teu vô... enfim. Chegou um dia que eu conheci o famoso pavio curto dele. O resultado é que ele me mandou embora pra Porto Alegre. Ele te bateu? O pai não responde. (GALERA, 2012, p. 37)

De início, destaco os elementos segundo os quais, para o avô, um *homem de verdade* deveria constituir-se, são eles: o trabalho, a castidade, a moralidade e o seguimento da religião. As bases para esse pensamento são de várias épocas distintas. Inicialmente, o avô destaca a importância do trabalho para a constituição do sujeito viril que surge com a modernidade, época em que, com o advento de um mundo capitalista, os homens deveriam sair de casa para trabalhar e a mulher ficar. Esse modo de enxergar as relações de trabalho estão alicerçadas nas dicotomias naturalizadas pelos sexos e imbrincados nessas relações está a ideia de que, segundo Bourdieu (2014), o homem representa a instância pública e a mulher a privada, ficando com o cuidado com a casa. Além do trabalho, a castidade e a moralidade são fortes características para um *homem de verdade*. Esses ideais advêm, primordialmente do moderno, no qual o ideal masculino consistia em o

homem ser casto e não excessivo, manter a sutileza das suas atitudes, conforme Vigarello (2013) e Dúmezil (2013). Por fim, o avô põe como uma atitude desonrosa o fato de o filho não ser um sujeito religioso. Com esse apanhado de ideias sobre o que é um homem viril aos olhos do avô, percebemos o quão distante o pai do protagonista está desse ideal. E ressaltamos que não era do seu interesse seguir tais códigos de masculinidades, fato percebido com a desistência da adesão aos costumes.

Essas relações paternas se assemelham a uma escala de cores e degradê, na medida em que o avô representa o tom mais forte dessa escala, *performando* sua virilidade através do mando, os dogmas da Igreja e dos seus antepassados que pregavam castidade, violência física ou simbólica para manter a dominação e uma vida pública ativa (trabalho fora de casa, visitas a locais como em que há um exacerbamento de macheza como bares e festas). O pai do protagonista, por outro lado, já rasura esses valores, assimilando uma masculinidade sobre a qual Albuquerque Júnior (2013) comenta:

Tipos de homens barbados, fortes, inteligentes e simpáticos mesmo, se diluíram, se apagaram na vida, apática e preguiçosamente. Tornaram-se homens de palmas das mãos moles e mulherengas, feitos para viver na sombra da casa-grande como 'filhos de papai'. [...] Neste processo de desvirilização dos homens, eles vinham perdendo, portanto, um dos traços definidores da masculinidade [...] a vontade e o monopólio do mando, do exercício da autoridade e da explicitação do poder. (p. 51)

O autor faz referência ao cenário do Nordeste brasileiro na primeira metade do séc. XX, no qual a sociedade passava por uma transição dos valores, costumes e economia baseadas na cultura agrícola artesanal do engenho, para uma forma embrionária de capitalismo, com a ascensão das indústrias. Além disso, ele é enfático ao referir-se aos novos tipos de homens, que surgiram nesse cenário de mudança, como sujeitos de *palmas das mãos moles*, moles porque não há mais vontade de sujá-las com o trabalho, deixando para trás o gosto pelo mando. O único desejo desses homens é viver à sombra do império construído pelo pai, seus únicos esforços são em alcançar certo grau em alguma formação acadêmica para transitar nas altas cúpulas sociais e deleitar-se nos prazeres da vida. Esse diagnóstico, embora não faça referência ao contexto sociocultural do pai do protagonista, pode ser usado para descrever o que acontece com ele, uma vez que os valores importantes para seu pai não tinham importância para ele, ou seja, o pai do

protagonista não foi educado nem pela família, nem pela sociedade para viver de tal forma.

Distante dos seus antecessores, o filho rasura as ideias de masculinidade arroladas durante os séculos. As mudanças socioculturais amoleceram a força da tríade tão sagrada para o patriarcado avô-pai-filho, na qual um pai deveria passar seus valores e virtudes para o seu primogênito, ele as assimilaria e passaria ao seu filho e assim a estrutura e o cunho moral da família estariam alicerçados em bases sólidas. No entanto, esse encadeamento é enfraquecido com o protagonista do romance estudado, pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, isso se deve ao fato de que o pai não o obrigou a seguir determinados comportamentos julgados como ideais para homens; em segundo, porque o próprio protagonista não valoriza essa ordem, ele se enxerga de uma maneira diferente no mundo, sem regras impostas, sem valores e sem a preocupação em ser homem de verdade ou não. Na verdade, há um descompromisso com ideologias masculinistas arcaicas e um compromisso com a existência livre do ser, do sujeito homem, mas sem se enquadrar, sem se engessar, sem se colocar dentro de parâmetros. Há, portanto, um rompimento com a tríade intergeracional androcêntrica, o pai não assimila as condutas do avô e não passa para o filho, nesse sentido, uma nova masculinidade vai se construindo distante dessas bases.

Até aqui, numa primeira leitura, pode parecer que o foco analítico não seja o protagonista da obra, no entanto seria um desperdício não analisar o pai, na medida em que a masculinidade que ele constitui, a qual comparei a um mosaico, é assimilada pelo filho e forjada pelos elementos socioculturais que separam as gerações entre ele e seu pai. Nesse sentido, essa assimilação e, sobretudo, a mudança de *performance* masculinas é evidenciada pelo pai como forma de persuasão, visto que o homem da geração anterior se coloca como sendo mais homem, mais viril e mais macho do que o filho, que age de uma forma considerada fraca, mas apresentada como algo bom, dado que o pai modula a linguagem para não magoá-lo e permanecer em uma posição superior à dele.

Dei enfoque nesse primeiro momento da análise ao aspecto da relação entre pai e filho e como esse cenário aponta para uma mudança na virilidade no seio familiar. Embora o pai tenha recebido certo destaque durante a condução da problematização, o foco continuou sendo o protagonista, pois a relação familiar e o

modo de lidar com a figura paterna são aspectos importantes para se repensar a virilidade. Além disso, entender como o pai se coloca no mundo também é uma forma de observar a virilidade em uma masculinidade construída a partir de códigos diferentes e arcaicos frente à masculinidade do filho, cuja cosmovisão e a apresentação oferecida até aqui montam traços que o distanciam do seio do que se entendia por homem viril.

A imagem de masculinidade que a obra apresenta do professor é a de um homem cujos valores não condizem com a ideia tradicional de virilidade forjada durante séculos pelas sociedades, impingindo a força, o mando, a superioridade aos outros, a perfeição mental e física, a honra, as virtudes, em outras palavras, o modelo ideal para o cenário. Ora, se isso seria a noção de perfeição, o professor, então, seria o completo oposto? O erro? O protagonista da obra, mesmo educado numa lógica masculinista, viril, não adere a tal *performance*. Pensar o homem contemporâneo dá a entender, rapidamente, que se trata de uma outra educação, de um sujeito que ficou distante da educação machista. Mas ele, assim como outros personagens (e pessoas como eu) foram educados numa lógica conservadora e se afastaram dela, não a tomaram como modelo ou baliza. A conjuntura atual, nesse sentido, permite que o protagonista não precise assumir tais condutas para se situar como homem, como fica evidente com a mescla de códigos que ambos assimilam para si: o pai tem uma visão de mundo em que um homem sem condições de exercer seu poderio físico e sexual, gozando dos prazeres e regalias dadas pela sociedade ao sujeito macho, não tem razões para viver; o filho, por outro lado, não toma para si esses valores, como indiquei anteriormente. As falas do pai sobre a personalidade do protagonista revelam muito mais aspectos contra os tradicionalismos do que um resgate ou afirmação deles.

Entender um homem no âmbito da família é compreender e buscar as significâncias no seu âmago. É desmistificar o que há por trás de um adulto empedrado, cujas origens das raízes para a sustentação desse ser que hoje ele é não se pode mapear e identificar. Como, então, se constituiria essa masculinidade do filho no quesito familiar? Ora, dentro do que as nuances da obra permitem sugerir até o momento, afirmo que, naquele seio familiar, a relação entre pai e filho não fora forjada exatamente aos moldes patriarcais, justifico essa colocação, inicialmente, pelo fato de que o pai se distancia do modo como um homem nesse *locus*, seguindo



o modelo dos seus antecessores, deveria agir, a exemplo do avô do protagonista. Se o pilar central da família não sustenta a estrutura, tampouco os demais a seguirão. Pensando nisso, o segundo argumento que trago para defender o ponto de vista aqui indicado é o de que o professor não vê no pai uma figura de um exemplo a ser seguido, pois a distância entre eles, esse reencontro inesperado e a forma de como ele se deu confirmam essa hipótese. Portanto, há um desligamento com a família tradicional, fazendo com que a virilidade assumida pelo filho se distancie daquilo que essa estrutura propõe. Todavia, isso não significa que ele está perdido em sua masculinidade, seu posicionamento vai se tornando claro ao longo da obra, uma nova virilidade vai sendo construída.

### **3.2 O modo de ser e estar no mundo**

Na primeira discussão empreendida, embasado pelo diálogo entre pai e filho, apenas neguei o protagonista como *homem de verdade*. Contudo essa análise já constrói um campo imagético, embora outros elementos precisem ser analisados para que se tenham algumas conclusões. Além disso, apenas um aspecto fora contemplado, o da relação familiar com o pai e avô, mas de forma indireta, os quais, embora muito importantes, apontam apenas para códigos e condutas interpessoais com relação às figuras paternas. Parece que o advérbio *apenas* reduz a importância da primeira análise, porém ela foi importante para entendermos as bases familiares das quais o protagonista é fruto e de onde vem essa construção discursiva que ele é. Não obstante, apontou para os valores que ele nega enquanto um sujeito situado numa conjuntura.

Embora Nolasco (1997, p. 21) afirme que “as novas demandas apresentadas a um homem se situam particularmente no âmbito das relações interpessoais e problematizam o modo como ele aprendeu a construir seus vínculos afetivos”, essa discussão, todavia, não abarca o sujeito em sua totalidade. Como afirmo no início deste capítulo, a masculinidade se construiu de forma exógena, produzida de fora para dentro, mas não coloquei que há uma troca simbiótica entre essas forças, o homem. Nesse sentido, internaliza as demandas sociais e as externaliza à sua maneira, ao seu modo, como um sujeito que fala de um lugar social. Portanto, há uma troca entre o mundo e o ser.

A subjetividade torna-se, então, um importante ponto de análise para o entendimento das masculinidades. Embasando essa afirmativa, Nolasco (1995) diz

que o homem, agora, estava autorizado a viver experiências que não eram permitidas ao indivíduo intitulado como *macho*, pois o enfraquecimento do patriarcalismo trouxe novas possibilidades de subjetivação masculina. Nesse sentido, os pontos que observo neste tópico fazem referência ao modo como esse subjetivo, esse modo de enxergar o mundo, se estende às relações intra, interpessoais e às relações com o mundo e suas demandas.

Diante das discussões empreendidas, pontuo que até aqui pouco sabemos como o professor sente, o que pensa e como pensa, da sua relação com o mundo exterior. Poucos dos traços apresentados até agora partiram dele, a maioria deu-se como resultado das falas do pai e do seu comportamento diante da situação.

As tramas posteriores ao diálogo com o pai resultaram em um último pedido não cumprido. O único motivo pelo qual o protagonista fora convocado foi a realização da eutanásia na cadela, Beta, para que ela não sofresse com a ausência do dono, mas o professor não teve coragem para efetivá-lo: “É a Beta. [...] não é para cuidar. [...] Manda ele dar uma injeçãozinha nela. Já me informei, não tem dor.” (GALERA, 2012, p. 33). Além disso, não foi ao velório, evitando a família. Uma ausência cujo motivo principal era não encontrar o irmão ou a ex-noiva. Em um dos trechos apresentados anteriormente, o pai confessou que, no lugar dele, não perdoaria o irmão por seu envolvimento com a ex-noiva. Com todos esses desdobramentos dramáticos, o professor decide retirar-se de cena, buscando refúgio na pequena cidade litorânea de Garobapa, na qual, além de buscar uma nova vida, longe de todos os elementos traumáticos de sua jornada até o momento, queria saber mais sobre a morte do seu avô, um homem de uma geração distinta da dele e do pai. Sua fama era a de um homem bravo, valente, cuja honra jamais poderia ser subtraída de maneira alguma e, caso fosse lesada, o culpado pagaria com a vida.

Não cometer a eutanásia da cadela e a fuga para Garopaba trouxe ao professor uma possibilidade de recomeço de vida. No entanto, ao enveredar por tais caminhos, ele se volta contra um dos aspectos mais importantes da virilidade tradicional que é o lidar de frente com as situações. Além disso, não consegue, por compaixão, tirar a vida do animal, decidindo cuidar dele e colocando até sua estabilidade econômica em jogo. Isso acontece quando o protagonista já estava instalado em Garopaba e a cadela sofre um terrível acidente, o desestabilizando completamente:

Faz tudo que puder, Greice. Não importa quanto tempo vai levar. Não interessa quanto vai custar. Eu pago mais que o normal se for preciso. Pago o que tu achar justo. Se precisar levar pra outro lugar, vamos levar. Faz o que dá pra fazer pra ela sobreviver e ficar o melhor possível.

Tu entende que ela vai ficar parálitica? Que não tem garantia nenhuma de que ela vá andar?

Sim. (GALERA, 2013, p. 174-175)

Embora a médica veterinária afirmasse que a salvação da cadela era quase impossível, com custos altíssimos e pouca possibilidade de uma vida normal futuramente, o professor assume os riscos, deixa a razão de lado e pensa apenas com o lado afetivo. A compaixão é uma célula estranha dentro do corpo da masculinidade tradicional, posso afirmar até que, do ponto de vista mais radicalista, esse sentimento é uma célula cancerígena, afinal, conforme já debati e apresentei antropólogos e psicanalistas falando sobre o tema, os homens não eram educados para o sentimentalismo, tal aspecto fora cultivado nas masculinidades na gênese do mundo ocidental civilizado e posto até os dias atuais, mas com uma imposição menor.

O protagonista, por outro lado, não se importa com essas questões, haja vista que seus comportamentos com relação ao mundo afetivo, pelo menos nas situações que sua jornada apresentou agora, são distantes daquilo que era posto como atributo masculino natural, evidenciando uma compaixão por um animal, correndo o risco de perder a estabilidade financeira pelas decisões guiadas pela emoção. Com isso, não estou condenando a cadela à morte, apenas ressalto o modo de lidar com a situação que contrapõe o que prevê um ponto de vista tradicional sobre as masculinidades.

Essa discussão entre o ser e o estar no que diz respeito ao homem faz referência ao modo como a sociedade enxerga o masculino, como um ser exterior. Nesse sentido, uma característica essencialmente viril que é a exterioridade é rasurada pelo professor e esse comportamento não é observado na obra apenas com o acontecimento da cadela, outros momentos marcam essas nuances de uma interioridade acima da exterioridade. É possível observar esses apontamentos nos desdobramentos da sua relação com Dália, a primeira mulher com quem se envolve após chegar em Garopaba.

Após se conhecerem e se aproximarem, eles decidem estreitar os laços e saem o professor, Dália e seu filho, mas a moça tinha costumes diferentes do protagonista e, nesse passeio aparentemente tranquilo, ela resolve usar uma substância alucinógena, o LSD, fazendo com que ela perdesse o senso de responsabilidade diante do filho, o que levou à seguinte reflexão do protagonista:

Não conseguirá se interessar pela vida dela. Não saberá ser paciente com ela. Não acredita que possa amá-la de verdade, ou pelo menos não por muito tempo. Admira sua tenacidade e encontra conforto em sua beleza, mas eles não têm muito a oferecer um ao outro além do que já oferecem. Não gosta desse deslumbramento com festas, drogas. (GALERA, 2012, p. 144)

Enquanto a mulher está sob efeito da droga, o professor passa a refletir sobre o caminhar daquela relação, caso tomasse algum rumo futuro. Conclui, então, que não há alicerce, afeto ou experiências a serem compartilhadas, o relacionamento não fluiria. Isso, todavia, já está explícito no texto. Busco, portanto, os dizeres das entrelinhas, afinal o que isto nos diz sobre a *performance* das masculinidades do ponto de vista subjetivo? Pensemos, inicialmente, em quem é Dália: ela é uma mulher que vive uma vida larga, de gozos, prazeres, álcool, festas, bebidas e, como o professor diz, embora seja bela aos olhos dele, isso não seria suficiente para sustentar uma relação. Ora, se a imagem que Dália apresenta é essa, o que podemos depreender disso com relação ao professor? Ele se apresenta como um homem reservado, que não gosta da vida pública dos bares, festas, álcool e drogas, seu modo de se situar no mundo é desenhado por traços que remetem a uma vida muito mais interior do que exterior.

Os desdobramentos com relação a Dália que, por inferência, dizem muito sobre seu modo de enxergar as relações e sobre seu conjunto de valores e virtudes, não se encerra neste momento. Após essa reflexão, observando a lacuna existente entre eles, professor, mãe e filho voltam para a casa de Dália. A moça percebe que tanto o filho quanto sua mãe estão dormindo, então, convida para o quarto, entretanto:

Ele fica sentado. Diz que não quer levar adiante a relação que estão tendo, que prefere ficar sozinho a partir de hoje. Imbecil, ela diz depois de assimilar a informação. Como tu me diz isso justo quando eu tô chapada de ácido? Ela o encara com um olhar de profunda decepção e quase chora ao dizer Justo hoje? Depois de uma noite legal? Tinha que ser hoje? (GALERA, 2013, p. 148)

Para Dália, o encontro foi perfeito, ela pôde fazer tudo o que gosta, viver suas experiências, mas, para o protagonista, fora um desastre, visto que percebeu que eles não tinham nada em comum. No entanto, o que chama a atenção nesse trecho é o fato de que o professor não aproveita a oportunidade de transar com a mulher que estava convidativa. Isso soa contraditório, visto que a sede sexual é uma das características mais presentes das masculinidades em diversas épocas. Desde os gregos, viver os prazeres da carne, das mais variadas formas, é um aspecto exclusivamente masculino, embora houvesse a castidade que tolhesse esse aspecto em certa medida. O professor, entretanto, foge a esse cenário, desprezando de certa forma o costume que, aparentemente, é intrínseco às masculinidades, mas não o faz em nome da castidade

Épocas vêm e vão deixando suas marcas na constituição das subjetividades dos sujeitos. Após essa problematização, percebo que não houve um rompimento com nenhuma *performance*, nenhuma instituição tem o poder de rasurar inteiramente algo enraizado por séculos. A sexualidade, portanto, até os dias atuais continua sendo um ponto que, sob a visão do senso comum, utilizando uma linguagem coloquial, “separa os meninos dos homens”. Além disso, é comum ver em manifestações artísticas contemporâneas da cultura de massa (músicas populares, por exemplo como forró e funk) que as representações de masculinidades corroboram a ideia de que o macho ainda deve estar pronto a todo momento para demonstrar, através de sua potência sexual, sua virilidade.

As nuances que constroem essa personalidade do professor o distanciam dessa ideia de que o homem deveria a todo custo provar sua virilidade através do sexo, pois, como se percebe na história, a oportunidade estava a sua frente. Demonstrando desejo ou não, a conduta de um homem típico seria provar o quão potente do ponto de vista sexual ele é, mas o protagonista, no lugar desse comportamento, opta por uma visão mais centrada e racional, sem preocupar-se com sua virilidade. Sua única preocupação é com o desenrolar daquela relação, tendo em vista que são pessoas opostas. Portanto, é possível notar um afastamento dessa nova masculinidade no que diz respeito à necessidade de provar e não perder nenhuma chance sexual.

A partir disso, percebo que coloquei um paradoxo dentro do campo imagético que construí de masculinidade do professor, quando afirmei que, em algumas manifestações artísticas como a música, o padrão de masculinidade tradicional ainda se mantém vigente, porém, no caso de *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012), temos uma masculinidade que borra as linhas traçadas pelos tradicionalismos. Todavia, a resolução desse aparente problema é simples, pois para que uma conduta seja assimilada por uma sociedade, ela deve começar das classes de maior poder até que se torne uma tendência entre as classes mais abastadas. Nesse sentido, as estruturas discursivas funcionam numa lógica de pirâmide, mas a força vetorial é direcionada para baixo, começando com um único ponto em cima e, à medida em que vai se difundindo, se espalha e se horizontaliza àqueles que estão em baixo. A ideia de novas masculinidades, portanto, é um conceito ainda da classe média, visto que essas nuances notadas no professor do ponto de vista sexual não são uma constante em outras obras que problematizam masculinidades de outras classes sociais.

Enquanto essas condutas não são incorporadas e assumidas como normais, o que se vê com o protagonista de *Barba ensopada de sangue* é que, pouco a pouco, ele despe códigos de conduta tão sagrados às masculinidades. Seu modo de ver o mundo, as relações interpessoais, seu modo de lidar com as situações, suas escolhas comportamentais, em geral, apontam para um cenário onde o homem parece ser menos influenciado pelas épocas anteriores. Essas escolhas desconfiguram a imagem do professor diante daquela construída pelos *homens de verdade*, pois ele retirou da face masculinas algumas máscaras impingidas pelo tempo. Essa máscara baliza os modos de ser e estar do homem, escondendo os traços mais íntimos e humanos, revelando apenas o rosto viril do involucro. O professor, em contrapartida, não faz uso de véu algum que esconda seu âmago, seu único distanciamento é físico.

### **3.3 A virilidade do professor diante da traição**

A forma como os homens atuais digerem tudo que lhes é imposto e devolvem à sociedade desemboca em diversos comportamentos antes estranhos às masculinidades. A título de exemplificação, proponho que se pense em tudo que fora analisado do nosso protagonista, com relação ao pai, à família, aos afetos, à compaixão, ao controle sexual, à negação de uma sexualidade impulsiva. Todas

essas condutas, quando se tem no horizonte a imagem daquilo que se considera a *performance* de *homem de verdade*, são desconexas com essa ideia de masculinidade.

Dentro da imensa gama de aspectos que constroem a *performance* do professor enquanto um ser masculino, alguns fatos chamam mais atenção do que outros ao longo da narrativa, escolhi aqueles que, tomando como bases a análise da masculinidade, teriam mais relevância, haja vista que quando se fala em homem, alguns clichês vêm à tona, como sexualidade, macheza, relação familiar e afetivo-sexuais. Todavia, até aqui, nenhum deles pode dizer tanto sobre esse cenário de mudanças quanto o empreendido nesta sessão, cujo centramento dar-se-á na traição da sua ex-noiva com seu irmão. Portanto, nesse momento, passo a discutir como o protagonista, enquanto um homem hétero e representante dessas masculinidades atuais, vê-se e vê o outro diante da quebra da monogamia.

Adentro, então naquela que seria um dos maiores tesouros que o homem poderia ter, a honra. Ora, mas o que é a honra? Ela não é algo que pode ser definido com um simples conceito, mas há a possibilidade de ser pensada a partir de um conjunto de condutas. De acordo com Santos (2016), a honra é um código cultural que a masculinidade adota para si e passa a defendê-lo. O pesquisador constrói tal argumento a partir da análise dos grupos de cangaceiros.

Pensem em quem são os homens honrosos que o mundo ocidental conhece, busquemos o berço da nossa sociedade para investigar o caso em seu âmago. Nesse sentido, trago à discussão alguns heróis, como Aquiles e Ulisses da *Iliada* e da *Odisseia*, ambos grandes ícones da literatura mundial, cuja distinção entre eles e pessoas comuns reside no fato de terem sido heróis, vivendo com bravura, defendendo suas nações e ideais na guerra de Troia. Essas imagens criaram na sociedade um arquétipo de homem, passado de geração para geração como o ideal para o masculino. A partir dessa configuração heroica, que levou séculos, esse arquétipo foi se delineando, influenciando e centrando a ideia de masculinidade num engessamento que consiste, segundo Cushnir e Mardegan Jr (2001), em ter uma vida heroica, estoica, ter um caráter inabalável, todos os momentos deviam ser vistos como momentos de decisão, o homem deveria ser macho, sem sentimentalismos, mostrando virilidade e dominação, corroborando a ideia defendida por Santos (2016) de que a virilidade, no contexto do cangaço

brasileiro, estaria ligada à “violência aliada à vingança” (p. 141). Nesse sentido, o elemento da violência e vingança tanto configuram a honra quanto servem para defendê-la.

Cuidar da honra, portanto, seria cuidar da própria condição masculina, mas o que poderia ferir essa honra? A quebra de qualquer um desses pontos citados acima é um motivo de desonra para o homem. No entanto, existem alguns pontos que tocam no âmago da masculinidade de forma mais intensa, a primeira delas é a sexualidade, sobre a qual já discuti, e a fidelidade da mulher. A justificativa para o respeito à monogamia por parte da mulher ser um ponto que interfere na sua honra consiste no fato do homem ser educado como um dominador e, dentro da lógica da dominação, o sujeito masculino deveria dominar não apenas a mulher, mas, sobretudo outros homens. Percebam que a ênfase dada foi na dominação a outras masculinidades, em outras palavras afirmei que o mínimo seria a dominação da mulher. Logo, uma traição por parte dela significaria uma humilhação à honra masculina.

Na literatura contemporânea, especificamente na obra apreciada neste capítulo, a traição volta a ser um importante núcleo dramático. Existem algumas razões para a solidão do protagonista e do seu distanciamento da família, uma delas é que Vivian, ex-noiva, se envolve com seu irmão, Dante. Após isso, o professor corta todas as relações com ambos, não o perdendo pelo que aconteceu. Durante a narrativa, esse ponto é retomado pelos personagens como o pai e a mãe, no entanto os desdobramentos dessa trama só aparecem no final da obra quando, repentinamente, após descobrir que a cidade de Garopaba foi vítima de fortes enchentes, Vivian aparece para conversar pela primeira vez desde o rompimento da relação com ele:

Tu tá linda, tá parecendo bem feliz. Eu olho tuas fotos às vezes.

Tu nunca respondeu minhas mensagens. Concluí que tu não queria contato nenhum comigo. Mas eu vi mesmo assim. Porque enfim, eu sei como as coisas funcionam contigo. Se ficar esperando resposta...

É bom te ver. Acho que [...] eu li tuas mensagens até um certo ponto, mas sei lá, Viv. Não tava a fim de papinho por Facebook. Não é que eu não queira falar contigo.

Não, eu entendo.

Gostei de abrir a porta e ter ver. Gostei mesmo. Pessoalmente assim é bom. (GALERA, 2013, p. 404, 406, 407)



No trecho do encontro não parece que foram dois noivos e que um deles foi traído e trocado por seu irmão. A afetividade presente no discurso do professor marca o clima ameno e até saudoso com o qual ele recebe sua ex, o que deveria ser normal, afinal, anos e anos se passaram desde o ocorrido, Vivian já era casada com o irmão do protagonista e o tempo aparentemente já levou as mágoas consigo. Entretanto, cabe lembrar que o ponto de análise é único e exclusivamente centrado na masculinidade. Pensando nisso, ver uma recepção amena com a mulher que, do ponto de vista das ideias tradicionais acerca da virilidade, abalou sua honra é disruptiva. A recepção calorosa com nuances de afetividade, no entanto, desconfigura essa noção, o professor não parece estar preocupado com a honra ferida.

Essa pequena demonstração comportamental evidencia algumas problemáticas pelas quais as masculinidades já vêm passando ao longo dos anos. O homem, no decurso da história, conforme afirmam diversos estudiosos do tema, como Bourdieu (2014), Sarte (2013), Januário (2016), Lerner (2019) e Grossi (2004) se constituiu alicerçando suas bases em oposição à feminilidade, então ser viril era se distanciar do seu lado feminino. Esse lado feminino sempre foi considerado como um erro ou até mesmo como algo impuro, vide o pecado original causado por Eva. Além disso, desde a Grécia os homens filhos dos aristocratas deveriam se preparar na adolescência e se afastar dos traços que faziam remissão à feminilidade, mas tendo um estágio no qual mantinha relações sexuais com um homem mais velho e virtuoso, a fim de aprender a ser viril. A aversão à feminilidade é o que move a virilidade a configurar o aperfeiçoamento e a manter longe todo e qualquer conduta que fuja ao escopo viril, por isso, ao pensar na divisão sexual de funções e atribuições em dicotomias, Bordieu (2014) coloca masculino e feminino em polos opostos, um desses extremos é a vida pública do homem e a privada da mulher, visto que, no *homem de verdade*, boa parte é aparência, pois ele mantém um jogo de dominação constante, até sua vida privada serve para endossar sua *performance* no mundo público.

Sim, o homem tem uma vida privada, pois era em sua casa que ele deveria estabelecer o primeiro controle, tudo deve fluir de acordo com suas maneiras. Esse controle interno serve, de certa forma, para endossar a dominação na vida pública. Talvez seja nesse momento no qual algo no mundo masculino tradicional funcione

de dentro para fora, afinal, ele precisa manter essa ordem em casa e, por extensão, essa ordem se estende à vida pública. A literatura de José Lins do Rêgo é rica em casos desse tipo, representando o fim de uma era baseada na cultura do engenho e, como causa e também consequência, o enfraquecimento do patriarcado no Brasil. Pensando nesses homens, destaco os que protagonizam *Fogo morto* (REGO, 2018), O capitão Lula, mestre Amaro e capitão Vitorino, cada um ocupando um *locus* diferente dentro do sistema da cultura regional e patriarcal, porém, embora em configurações diferentes, todos eles comungam do fato de perderem sua autoridade dentro de casa, com filhos e esposas e isso se estende à vida pública. Afirmo, portanto, que a ideia da honra masculina se constrói numa vida dupla, uma interna e outra externa, as duas funcionam simbioticamente, mas a interna não pode, sob hipótese alguma, sair do controle, haja vista que o homem estaria perdendo seu mando para uma mulher.

Mesmo não sendo casado com Vivian, o professor e ela estavam noivos, isso significa que havia um laço entre ambos. Entretanto, o professor não parece preocupar-se com esses elementos. Para elucidar isso, dois pontos devem ser evidenciados a fim de compreender a distância de códigos de masculinidade entre a conjuntura que apresentei e o protagonista. O primeiro deles é a despreocupação com esse controle que o homem deveria ter na vida interna, pois, segundo suas próprias palavras, ele já tinha noção do que poderia acontecer e não agiu para impedir, a fim de proteger sua honra, “eu sabia que o Dante gostava de ti” (GALERA, 2013, p. 404), algo impensável para masculinidades de outras épocas. No entanto, no professor não tem essa honra como um valor para si, embora se situe em uma temporalidade cujos valores apontam para a versão tradicional da masculinidade, o protagonista escanteia essa formação e se constrói em outra base.

O segundo ponto é o modo como ele lida com a situação; seu pai, no início da obra afirma que, de acordo com seus comportamentos, iria sofrer com as consequências: “alguma vez eu errei? Hein? Eu te disse que tu ia perder tua mulher do jeito que perdeu. Te disse que tu ia passar a vida sendo o último recurso dos desesperados.” (GALERA, 2013, p. 32). No discurso do pai, ele seria traído por alguma coisa, diante da discussão que empreendi. Esse modo de conduzir o relacionamento fora o estopim para que ele fosse traído, pois, para o pai, ele não se configurava como um *homem de verdade*, impondo seus limites e condições. Na

verdade, o protagonista parece ser alguém flexível com certas questões e afetuoso, o que, para o pai, faria com que ele se tornasse “o último recurso dos desesperados”. Olhando para esse horizonte de comportamentos, questiono-me sobre os pensamentos que sua mente passou ao notar o enlace entre irmão e noiva, haja vista que em nenhum momento houve explosão, apenas uma aceitação cuja consequência fora um distanciamento. Isso mostra como o protagonista não enxergava na relação com Vivian uma maneira de fazer com que sua virilidade fosse comprovada e estender isso aos outros. Pelo contrário, o fracasso da sua relação é que foi exposto, fazendo com que o professor embora não se preocupe e não reflita sobre isso, não *performasse* como um *homem de verdade*, honrado e digno aos olhos dos outros, sobretudo para o pai.

Seria ingenuidade da minha parte não colocar os pontos da época que regem essas condutas distantes daquilo proposto ao homem. Algumas relações de afeto na contemporaneidade passam pelo que Bauman (2004) chama de liquidez, cuja característica principal é a efemeridade do enlace amoroso. A teoria do sociólogo é, na verdade, uma forma de resumir as transformações pelas quais o mundo contemporâneo passou no que diz respeito à relação entre duas pessoas.

As bases da atualidade são de valores niilistas, como o hedonismo e o individualismo, conforme Nolasco (1995), fazendo com que a mundo paire sobre um vácuo moral, levando o amor, idealizado como o mais sublime dos sentimentos humanos, a apenas um estado momentâneo de boas sensações que uma pessoa proporciona a outra, sem as quais, não vale a pena estar ao seu lado. Sensações estas que, de certa forma, nortearam as decisões de Vivan, ex-noiva do protagonista:

O Dante resolve mudar para São Paulo e um mês depois tu consegue uma proposta de trabalho lá. Tu sonhava há muito tempo com isso, pra te tirar daquela provinciazinha sufocante, como tu dizia, como uma casa com teto baixo que te forçava a andar curvada. E tu tem razão. Pra uma pessoa como tu, Porto Alegre é pequena. Eu não podia ir contigo naquele momento porque tava treinando para o mundial no Havaí. Que era o sonho da minha vida. E que era algo que eu não podia interromper de jeito nenhum indo pra São Paulo sem mais nem menos. (GALERA, 2012, p. 406)

Segundo o professor, Vivian já tinha vontade de sair Porto Alegre e morar em São Paulo, mas era algo impensável para ele naquele momento, pois seu grande sonho era competir no Havaí e precisava se preparar sem grandes preocupações com uma mudança repentina dessas. Nessa parte, fica evidente o desapego de

ambos com relação ao outro em troca de um bem individual maior. A instabilidade da relação, antes mesmo da traição, aparece nesse impasse, Vivian desejando sair e o protagonista sem ceder dos seus sonhos em prol da relação afetiva.

Parece absurdo o que estou problematizando, porém não objetivo chegar à conclusão do problema de que pessoas devem ou não negar seus sonhos por outras, mas evidencio, no entanto, e esse sim é o objetivo dessa discussão, uma colocação dos bens individuais – desejos, sonhos, vontades voltadas ao eu – acima da relação que ambos se propuseram a assumir. Além disso, o enlace afetivo entre Vivian e Dante contribuiu para a resolução trágica à qual o enredo levou o protagonista. Então, não foi apenas uma escolha ou outra, mas sim uma cadeia de acontecimentos e interesses pessoais de levaram noiva e irmão a traírem o protagonista.

A omissão do professor permitindo que tais coisas acontecessem sob seus olhos é um contraponto ao que Silva (2007) apontava sobre a família tradicional, pois para o patriarcado, a ordem a ser seguida era a do homem, todos os outros da casa deveriam estar sobre seu controle. Mas essa imagem de casamento, diante das relações contemporâneas como as que analiso neste capítulo, parece esfacelar-se, não conseguindo explicar as condutas de ambos desse noivado, como uma peça que não encaixa mais num molde antigo. É válido sim alçar hipóteses para essa situação pensando no enfraquecimento dos valores patriarcais, mas seria superficial. Há, portanto, algo a mais influenciando as condutas de cada um deles. Bauman (2004) já apontava em *Amor líquido* para uma fragilidade nos relacionamentos, assemelhando-se às virtualidades do mundo contemporâneo, que se constroem e desmancham rapidamente. A estabilidade de uma relação a longo prazo, nesse sentido, fica de lado em nome de interesses mais imediatos e egocêntricos. Esses dois pontos explicam os desdobramentos que o noivado sofreu no romance de Daniel Galera.

Além disso, a imagem da mulher frente à sociedade mudou, pois o que tínhamos antes eram mulheres submissas à ordem cujo centro fosse o homem, em todos os âmbitos, quer sejam sociais, no lar, nas relações trabalhistas, quer sejam no quesito subjetivo, transformando os modos como as próprias mulheres se enxergam. Atualmente, tem-se o que Lerner (2019) chama de emancipação da mulher:

Liberdade das restrições opressivas impostas pelo sexo significa liberdade das restrições biológicas e sociais. Autodeterminação significa ser livre para decidir o próprio destino; ser livre para definir seu papel social; ter a liberdade de tomar decisões referentes ao seu próprio corpo. (p. 287).

A pesquisadora aponta para uma construção de feminilidade distante daquilo que fora construído durante 2.500 anos: a mulher submissa. Agora, a mulher é vista alcançando sua emancipação, com liberdade e empoderamento, autônoma, independente, dona do seu corpo, ocupando espaços antes restritos para ela. Essas masculinidades surgem em meio a outras feminilidades, em meio à relação masculino com o feminino e com o universo não hetero.

O professor, moldado nesse cenário, cada vez mais se distancia do arquétipo do homem viril tradicional, aquele forjado numa árdua vida estoica, violento e dominador. Parece que nosso querido professor é a carcaça de uma máquina, cujas peças lhes foram retiradas e o deixaram jogado num mundo em busca de outras peças para continuar vivendo, essas peças encontradas o tornaram algo diferente do que sua categoria o propôs. Nas inúmeras inconstâncias que constituem sua jornada, a única constância parece residir na omissão e ações contrárias ao que um homem de verdade deveria fazer em determinadas situações, pois a virilidade se constituía à medida em que ele se saísse bem nos encontros do dia a dia.

Esses embates se caracterizavam por ser desde uma briga na escola na tenra infância, até lavar sua honra com sangue de *outrem*. Nesse meio, não caberiam traições ou quaisquer coisas semelhantes, mas isso não é o que acontece com o professor. Sua virilidade parece estar rasurada, porque tenho mostrado desde o início do capítulo a distância entre aquilo que se espera do homem e o modo como o protagonista age. No entanto, seu modo de lidar com a traição é o ponto mais evidente de que não se trata de uma mera ruptura comportamental, mas sim uma ressignificação *performances* e práticas culturais.

A traição era evidente aos seus olhos, todavia, ele, ao invés de expandir-se e lavar a honra, como sugere os ditames viris convencionais, se esconde, apenas constata a situação e fica de braços cruzados observando:

Aí o Dante consegue alugar um baita de dum apê não sei onde e nos convida pra morar com ele no início e tu me pergunta se eu me importaria se tu fosse antes. Se eu me importaria. Que era a mesma coisa de pedir permissão. Acho que foi nesse momento que vi tudo. Era bem simples de ver. Cada coisa que se formava naquele instante, tirando as historinhas que a cabeça inventava, as vontades, o que a gente gostaria que acontecesse,

pegando só a realidade mesmo, cada coisa tinha uma consequência. Não era nenhum quebra-cabeça. (GALERA, 2012, p. 406)

No discurso do protagonista fica evidente o que aconteceu e, na situação, ele foi apenas um espectador frustrado perdendo o controle daquilo que tinha em suas mãos se perder. No entanto, desse abandono da sua honra e do seu noivado, fica evidente o modo como ele enxerga a liberdade individual de cada sujeito.

O caminho, em outras épocas seria o uso da violência, na medida em que este seria um meio para lavar essa honra ferida pela traição. Essa tradição tem suas raízes no Brasil colônia, pois os códigos que educaram os homens a pensarem e agirem dessa forma, segundo Dória (1994), chegaram ao Brasil através da Corte portuguesa, que embasou nas Ordenações Filipinas cuja elaboração deu-se na época da Inquisição. O documento dizia que “[a]chando o homem casado sua mulher em adultério, lícitamente poderá matar assi a ella, como o adultero, salvo se o marido for peão, e o adultero fidalgo, ou o nosso dezembargador, ou pessoa de maior qualidade.” (ORDENAÇÕES FILIPINAS, 2009, p. 424), ou seja, em caso de adultério, o homem poderia matar sua mulher, mas esse ato seria ilícito quando o homem, com o qual a mulher traiu o marido, fosse de uma classe superior ou de alta importância para a sociedade.

Essa herança cultural vai educando os sujeitos a entenderem isso como normal, moldando a psique e levando o homem a ver o mundo e as relações sob essa ótica. O homem, então, imbuído dessa cultura, enxerga a mulher como sua propriedade e aquela que guarda sua imagem de homem viril. Nolasco (2001), discutindo a questão sobre o porquê de os homens agredirem e estarem mais propensos à violência, diz que “quando um homem espanca busca possuir a vontade da vítima e por meio dela, reconstituir um futuro no qual se sente reconhecido por ela ou pelo que ela representa.” (p. 10-11), ou seja, quando a agressão ocorre, o homem busca essa atenção da vítima para ele e, através dela, reconstruir sua imagem, futuro e ser reconhecido por quem foi agredido, afirmando para ela e para si seu status viril. Nesse sentido, não há um reconhecimento pessoal, mas sim um reconhecimento do outro que constrói seu modo de se enxergar a si. A mulher, portanto, é aquela que precisava ser dominada para que a imagem do homem viril fosse preservada.

É gritante, nesse sentido, a castração em todos os aspectos que a mulher recebe ao longo da história pelo androcentrismo, mostrando que o homem era o ser superior. Todavia, é mais que isso, a virilidade é um véu que esconde as fraquezas do homem e a traição é um modo de retirar esse véu da face masculina. Kritzman (2013) disserta sobre o tema, trazendo como exemplo o drama do cômico personagem Panurge, cujo medo de ser traído levou-o a ter comportamentos femininos e perder sua virilidade antes mesmo de ser traído, conforme o autor evidencia:

O que torna sexualidade feminina tão perigosa é seu caráter intangível e seu poder de tornar o homem impotente, a traição sendo concebida como consequência da situação do marido. Angustiado e embaraçado, o homem descobre no comportamento das mulheres a origem de sua fraqueza bem como sua incapacidade de dominá-la. (KRITZMAN, 2013, p. 225)

A mulher, em teoria, possuiria em suas mãos a chave do poder masculino, haja vista que é através dela que a potência de dominação e sexual do homem é provada. A traição, mal que assombra Panurge ou qualquer um que *performe* como *homem de verdade*, é prova máxima do fracasso masculino, configurando-se como sinal da falta de dominação do homem e impotência sexual. A mulher, no entanto, não tem esse fardo para carregar que precisa ser reforçado, para ela ser traída não é um ato vergonhoso como para o homem, diante da perspectiva tradicionalista.

Esse cenário, no entanto, não é endossado pelo professor. Nosso protagonista se desconecta de uma tradição viril. Afirimo, então que literatura e sociedade se nutrem numa relação de simbiose, pois *Barba ensopada de sangue* traz uma masculinidade imbuída de nuances da contemporaneidade. O texto literário, nessa perspectiva, toma a conjuntura contemporânea e nos traz o professor, um homem que não enxerga a mulher como propriedade sua, mas como um sujeito autônomo com diretos, vontades e plena consciência dos seus atos, como fica claro no excerto, “tu me pergunta se eu me importaria se tu fosse antes. Se eu me importaria. Que era a mesma coisa de pedir permissão.” (GALERA, 2013, p. 406), ou seja, Vivian era livre para tomar quaisquer decisões. Obviamente, o professor se importaria com o fato dela ir embora com seu irmão, mas não cabia a ele impedir, visto que, para o professor, ela deveria ter em mente o que era plausível ou não a fim de manter o bem estar da relação. Contudo, ela não pretendia manter o enlace com o protagonista e decide ir. Ele, por outro lado, apenas observa a situação e se afasta de ambos, essa atitude tanto derroca a cartilha da virilidade

para casos de traição, quanto realça para o leitor como essa masculinidade enxerga a mulher, não mais com a visão de que ela é uma propriedade sua, não mais com a necessidade de dominá-la.

“Não se nasce viril, torna-se viril” é o título do artigo do professor Arnauld Baubérot (2013), cujo conteúdo problematiza a jornada que os homens enfrentavam para alcançar essa perfeição, a qual se baseava em uma árdua caminhada de negação de si, de negação de afetos, medos, de necessidade de afirmação de força, violência, assertividade, de ser aquele com uma jornada semelhante aos heróis da ficção não é a vereda pela qual nosso protagonista seguiu. Seus caminhos foram outros, diante da traição ele sofreu, mas sem um desejo de lavar sua honra, não há mais honra para se preocupar, isso não é algo que o aflige. Aceitar e distanciar-se daquele meio pareceu-lhe mais sábio, respeitando seus limites e decisões dos outros. Não houve uma preocupação em ser menos homem por isso, sua masculinidade não se baseia nesses códigos de conduta apontados como corretos durante séculos de construção do arquétipo viril.

A contemporaneidade e todas as mudanças que com ela vieram à sociedade, ao meu ver, retirou carga das masculinidades. O homem agora pode se constituir de outras formas sem a preocupação com as determinações viris, algo benéfico tanto para o próprio sujeito, quanto para os que estão ao seu redor, pois o sistema de dominação com violência simbólica e física é deixado de lado para o protagonista, embora ainda haja muitos deles presentes na educação dos homens. Endossando essas colocações, trouxe o anônimo professor, que se tornou um íntimo amigo, com o qual compartilhei os caminhos da pesquisa, além de medos, ânsias, angustias, empolgações, todas as emoções agora permitidas aos homens sem que haja um questionamento sobre sua masculinidade. Esse protagonista, diante das situações que viveu, rasurou os tradicionalismos, construindo o seu próprio mundo.

Ora, mas afinal de contas, por que essa barba ensopada de sangue? A menção ao título aparece quando a cadela Beta é achada por um desafeto do protagonista e eles resolvem a peleja com uma briga sangrenta. O professor, embora estivesse se recuperando de uma pneumonia, arranca forças para desconfigurar o rosto do seu oponente e recupera Beta. Parece a grande luta do nosso herói foi por uma cadela, um animal que deveria estar morto, mas por sua compaixão, ficou viva. Essa barba ensopada de sangue resultante da briga pela



cadela simboliza o processo pelo qual as masculinidades estão passando, as grandes guerras que eternizavam nomes de gregos, romanos, bárbaros e cavaleiros medievais agora deram espaço à luta cotidiana que, semelhante à batalha pela cadela, não tem grandiosidade, não tem o véu mágico da virilidade, da estoicidade e do heroico. Pelo contrário, diz respeito somente aos sentimentos, vontades, desejos e medos de homens que despiram a casca dourada da virilidade tradicional e estão, a duras penas, constituindo novas *performances*, códigos de conduta masculino e novas formas de enxergar o viril. Além disso, vale pontuar que não há uma preocupação em ser viril por parte do protagonista, mas o objeto de estudo dessa dissertação – a virilidade - permite que conheçamos os modos de agir e as novas demandas sociais para as *performances* masculinas em um mundo em metamorfose.

#### **4. A VIRILIDADE PENSADA A PARTIR DE MASCULINIDADES GAYS EM *POR ENQUANTO, OUTRA ESTAÇÃO***

Com as mudanças socioculturais e a ascensão dos estudos de gênero, novos modos surgiram para se pensar o sujeito do sexo masculino. Um dos primeiros e mais importantes nomes a retirar a casca dourada patriarcal, analisar e estudar o homem foi Robert W. Connell. O autor desvela o universo viril trazendo à tona a ideia de masculinidade como um gênero plural e multifacetado, ou seja, não há uma masculinidade apenas, mas sim masculinidades que se configuram de maneiras diferentes de acordo com os papéis que os homens assumem para si e para os outros.

Ora, mas um estudo que pretende investigar a virilidade para ressignificá-la não pode deixar de lado um dos pontos mais debatidos da atual conjuntura quando se pensa em masculinidade, o homem *gay*, pois, conforme o entendimento sobre o comportamento e a sexualidade humana foram se complexificando, novas categorias precisaram nascer, uma delas é a masculinidade *gay* que, a grosso modo, significa aquele que tem desejo pelo mesmo sexo, conforme Katz (1996). Sua popularização nos cenários sociais se deu por causa dos grupos feministas que começaram a questionar a heterossexualidade como a única sexualidade aceita ou correta, em detrimento da sexualidade homo, vista como negativa pelos discursos mais tradicionais. Todavia, com as lutas dos movimentos sociais, em comparação aos séculos anteriores, a masculinidade *gay* ganhou espaço nos debates sociais para reivindicar seus direitos, e pretendo, com a pesquisa que empreendo, ampliar essas discussões, dissertando sobre como se configuram a virilidade desses homens. Sendo assim, o objetivo deste capítulo é analisar a virilidade das masculinidades *gays*, tomando como base o protagonista, velho, da obra *Por enquanto... outra estação* de Pádua (2014).

O caminho metodológico adotado para a discussão da obra parte de alguns apontamentos teóricos sobre como a homossexualidade foi sendo implantada no ocidente e colocada como a parte ruim da sexualidade humana, logo após apresento como o protagonista da obra e o personagem Moisés constroem sua virilidade. Por fim, adentro no campo da metafísica para entender como o homem *gay* da obra cria para si uma ética do desejo e vive a partir dela no mundo. Com isso, contemplo a

segunda etapa do objetivo da presente pesquisa, que é a investigação sobre as transformações nas *performances* masculinas que configuram novas virilidades.

A obra apreciada para este momento traz a história de dois sujeitos, um deles é o velho, personagem cujo nome mais uma vez não é revelado, mantém-se o anonimato. Parece que as obras que permitem problematizar as masculinidades da literatura contemporânea margeiam o pensamento de Julieta, ao tentar convencer Romeu de que nomes não valem de nada: “que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Se outro nome. Que há num simples nome?” (SHAKESPEARE, 1969, p. 307), Julieta, que há num simples nome? Morrestes por causa da disputa entre simples nomes. As tramas que envolvem os nomes vão além do simples ato de nomear algo. Giacometti (2019) diz que a função do nome é de dar continuidade e passar para as próximas gerações o legado da família, dando um sentimento de pertencimento ao herdeiro do nome, e esse nome que ultrapassará as gerações é o do homem.

O nome do homem, nesse sentido, é o modo pelo qual a sociedade lembra e faz referência a ele. Todavia, para além da importância do nome do homem para a estruturação da família, nas palavras de Lerner (2019), nomear é um ato poderoso, um símbolo de soberania. A pesquisadora utiliza como exemplo, para mostrar o poder do nome, o fato de que Deus nomeia ou renomeia as pessoas de acordo com acontecimentos importantes, designando-os de acordo com os feitos das suas jornadas. O velho, no entanto, não tem um nome, o que lhe resta é uma desimportância existencial de uma alcunha que demarca o estágio final da vida.

Uma masculinidade que enfrentou durante parte da sua vida problemas com sua sexualidade, pois assumiu por muito tempo, pelo menos para os olhos da sociedade o papel de *homem de verdade*, sendo um pai de família tradicional de classe média alta, dentro dos padrões requisitados ao homem pela estrutura patriarcal. Todavia, essa imagem é borrada na sua vida particular, pois vivia relacionamentos e desejos e corporais sem conflitos com suas crenças ou ideias sobre certo ou errado.

Durante a narrativa, o velho se envolve com outros homens, mostrando ao leitor uma nova felicidade, se libertando de um casamento que já havia acabado nos quesitos desejo e afeto, reencontrando a alegria na paixão em outro romance. Outro

personagem dessa narrativa é o jovem Dalton, filho caçula do casamento do velho. Dalton é um rapaz que enfrenta o preço da desestrutura de uma família, pois foi deixado, no auge de sua adolescência, para cuidar do pai idoso, que sofre da doença de *Alzheimer*, contando apenas com a ajuda de uma funcionária da casa. Isso fez com que Dalton perdesse toda a sua adolescência, negando sua vida em prol de uma que ansiava por partir. Essas aventuras e desventuras são narradas em forma de lembranças, assim como a doença do velho levam o leitor, por enquanto, a outras estações, outros momentos, revelando os acontecimentos que levaram a vida do velho, de Dalton e de toda a família considerada dentro dos padrões às ruínas.

Pádua (2014) permite diversas leituras a partir de muitos temas, como a ética, teoria do romance, o espaço da religião na sociedade contemporânea e questões de gênero, foco de análise da presente dissertação. Nesta sessão, apego-me à jornada do velho para problematizar a masculinidade *gay*, observando se há divergências entre os modos de ser e estar do capítulo anterior, no qual me centrei nos conflitos e dilemas envolvendo uma masculinidade hétero. Fazendo essa diferenciação terminológica do ponto de vista sexual pode parecer, num primeiro momento, que apenas a orientação sexual é motivo para diferenciar as masculinidades. No entanto, quando penso em uma masculinidade *gay*, refiro-me a toda uma casta com uma visão de mundo, comportamentos e situações próprias, ou seja, um universo particular de códigos e condutas diferentes do hétero. Nesse sentido, eu não poderia negar a investigação das masculinidades *gays* a fim de enxergar as nuances da virilidade atual.

#### **4.1 Uma virilidade *gay*?**

Conforme apontei no capítulo teórico, durante muito tempo se instaurou uma tendência a se pensar a virilidade apenas a partir da heterossexualidade, porém os véus que regiam a masculinidade hétero foram retirados um a um, até que essa noção fosse desnaturalizada e seus porquês revelados. Isso aconteceu devido ao enfraquecimento dos valores do patriarcado. Em *Por enquanto, outra estação* (PÁDUA, 2014), assim como em *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012), essa derrocada fica evidente, na medida em que os valores que por muito tempo foram impingidos, se tornam amorfos em frente ao *modus operandi* da sociedade.

A obra de Antonio de Pádua se inicia com o protagonista já em sua velhice, largado às fraquezas do seu estágio de vida atual. Porém, com o passar dos

acontecimentos, o leitor é levado a outras épocas, outras estações, nas quais se descobrem as primeiras aventuras homoafetivas do velho, com cheiros, sabores e homens que o trouxeram felicidade afetiva e sexual. Na primeira ocasião trazida à obra, o velho se sente atraído por um garoto chamado Daniel, “ele havia o conhecido no Parque da Criança, numa quinta-feira [...] um garoto de corpo robusto, braços e pernas fortes: estava só de calção branco, transparente.” (PÁDUA, 2014, p. 15). A cena narrada dá relevo às saliências e às percepções do velho sobre o jovem Daniel, deixando evidente os pontos que se sobressaiam, como as pernas, os braços e a transparência do calção, mostrando os indícios de desejos que haviam por parte do velho.

Daniel estava em uma pista de *skate* com seus amigos, no momento em que o homem, atraído pelo garoto, se aproxima. Após algum tempo, há um convite por parte do velho e ambos vão para um motel, sem uma programação definida, mas Daniel deixa claro que “se tu não for me comer, pode ir, sim!” (p. 22). Nesse sentido, ambos vão para o motel sem que haja um acordo pré-estabelecido do que iria acontecer, apenas estão sendo movidos pelo desejo que os cerca.

As emoções e sensações ficam à flor da pele no momento em que os dois vão entrando em uma única sintonia, mas não se sabe da postura sexual do velho dentro daquela relação que estava ganhando vida, apenas um aspecto ganha relevo, o desejo:

O calção de Daniel o provocava àquela ocasião: por baixo da microfibras transparente, uma vontade de tocar a pele, de sentir os músculos, de ter em contato os pelos que se formavam como em primeira ninhada, virgens de tudo rebentos do novo, aleluia dos cristãos, paraíso dos remidos. Sentado na cama do motel, encantando com aquele mundo que terminava sendo também descoberto pelo velho, que entrava em curto-circuito quase que intermitentemente. (PÁDUA, 2014, p. 23)

Daniel era um jovem rapaz por quem o velho despertou não apenas interesse sexual, mas também afetivo e, embora não saibamos do desenlace desse encontro e troca de experiências, fica nítido que não há um estabelecimento de papéis na relação de ativo ou passivo, ou seja, algum código de virilidade pré-estabelecido entre ambos, visto que estão ligados pela vontade de estar ali, pelo prazer que os aguarda.

Daniel fora a primeira aventura homoafetiva do velho trazida à narrativa. No entanto, alguns capítulos adiante, o leitor descobre as aventuras do protagonista

com Moises, seu ex-companheiro de trabalho no Corpo de Bombeiros e despertou uma paixão no velho, na época, mas se distanciaram com os rumos que a vida de cada um deles tomou. Contudo, após algum tempo se reencontram e o velho vê a oportunidade de reacender a antiga paixão, mas Moises fica receoso diante da situação:

Uma nova vida. Um novo homem. Uma esquisita, mas sensata e acertada sensação. Desde antes havia percebido que um dos medos do ex-bombeiro era ter de submeter-se a afetos passivos, como se a macheza dele pudesse ser extirpada, se a relação evoluísse a ponto de chegar a desatar este nó. (PÁDUA, 2014, p. 131)

Várias foram as pedras no caminho impedindo o velho e Moises. A primeira delas foi a questão dos condicionamentos relacionados à virilidade estabelecida pela posição social, pois assim como o velho, Moises tinha uma posição social pública a defender, o Bombeiro Militar.

Em toda a história, segundo Bourdieu (2004), a divisão social do trabalho sempre incumbiu ao homem serviços que exigiam mais força e mais honra do que os atribuídos às mulheres. O sociólogo usa como exemplo o homem quando vai à cozinha e o ato de cozinhar se torna algo valoroso, adornando o homem com a alcunha profissional *chefe*. A mulher, por outro lado, é chamada de cozinheira e a atividade exercida se torna comum. Esse breve exemplo mostra como algumas profissões masculinas têm um certo valor simbólico.

No caso de Moisés, essa profissão era a de Bombeiro Militar, a qual tanto requer aspectos como bravura, honra, coragem e força, quanto torna o sujeito que a exerce um portador dessas características. Nesse sentido, Moises e o velho têm uma profissão que, do ponto de vista de uma virilidade tradicional, munia a ambos de um calibre para serem *homens de verdade*.

O velho, entretanto, não se preocupa com isso, posto que os condicionantes da profissão não parecem ter surtido efeito, ao passo que seu amante não aceita, inicialmente, de bom grado os sentimentos, tendo em vista que isso poderia fazer com que ele perdesse sua envergadura de homem.

Pádua (2014) parece captar as nuances e paradoxos envolvendo algumas masculinidades ao tecer as linhas de *Por enquanto... outra estação*, trazendo a jornada de Moises que vivia um conflito entre o medo de perder sua macheza e se entregar aos afetos e à relação com o velho, como se optar por um dos caminhos

anulasse totalmente o outro. O modo de enxergar a realidade do personagem é reflexo dos séculos de condicionamento para impingir nas pessoas que a orientação sexual é responsável pela moralidade e pelos seus comportamentos. Esse aspecto reforça as ideias de Connell (1995) sobre os papéis sociais de cada grupo de masculinidades, visto que, enquanto Moises estivesse performando como um bombeiro e pai de uma família, continuaria como um homem hegemônico. Entretanto, devido ao seu modo de enxergar as relações sociais das masculinidades e acordando com as ideias de Connell, ele tem medo de se tornar uma masculinidade marginalizada.

Por mais que o sujeito *gay* ou hétero tenha seus próprios dilemas, suas próprias experiências e modos de enxergar o mundo, apenas o ato da sexualidade não pode definir quem ele é. Contudo, esse aspecto faz parte de um modo de viver as experiências sociais e enxergar o mundo, pois o sujeito está em um lugar social de representações, lutas, afetos e experiências, por isso não é só o desejo, mas sim um conjunto de fatores. Nesse sentido, é importante apresentar as palavras de Vidal (1990), quando ele diz que:

Não existe algo como uma pessoa homossexual ou heterossexual. Há apenas atos homo ou heterossexuais. A maioria das pessoas é uma mistura de impulsos, e não práticas, e o que é feito de comum acordo com um parceiro não tem qualquer importância social ou cósmica. (VIDAL, 1990, p. 48)

Para o pesquisador, a sexualidade não define totalmente um ser, haja vista que cada um tem uma diversidade de outros fatores que compõe aquilo que constitui o eu. Portanto, desejar uma pessoa de sexo diferente ou do mesmo sexo seria apenas um ato ou uma prática. O personagem do romance de Pádua (2014), entretanto, não separa a tríade entre sexo-sexualidade-gênero, ligando seus comportamentos sexuais às práticas cotidianas, colocando em xeque sua moralidade, respeito ou caráter. Diante disso, é interessante como a posição do pesquisador se torna reducionista frente ao *modus operandi* da vida do velho, tendo em vista que não há um ato apenas, mas sim uma forma de viver, uma forma de existir.

Com a construção do relacionamento, o velho, mais aberto a questões *performativas* do que Moises, cede e dá vazão ao sentimento e desejo em detrimento das consequências dessas atitudes a sua condição masculina:

Desde então, ou desde que se percebeu miserável ser diante de tão grande afeto, aceitou em si a necessidade de se apassivar sempre e constantemente, sem que isso lhe pudesse perturbar a mente porque entendia que, mais cedo ou mais tarde, o seu companheiro, ainda não afeito às relações entre iguais, teria a oportunidade de refletir sobre os papéis a que as pessoas se entregam na intimidade. (PÁDUA, 2014, p. 131)

O protagonista, ao perceber o desconforto do parceiro em assumir uma posição de dominado na relação, não se importa em tomar para si este papel, haja vista que, para ele, o que as pessoas fazem na sua intimidade não deve ou deveria influenciar nos papéis sociais dos indivíduos. Todavia, as ideias colocadas acerca da sexualidade *gay* como o lado ruim da sexualidade humana, a ideia de *homem de verdade* associada à heterossexualidade e que isso constitui não apenas uma prática, mas o todo do ser fazem com que Moises não compartilhe desses pontos de vista.

As posições sociais de ambos são semelhantes, o velho é pai, sua família é católica, é um ex-bombeiro, uma profissão que é vista como uma das mais virtuosas. Moisés não se diferencia dessa linha, segue dentro da mesma conjuntura sociocultural do velho. O único aspecto que os diferencia é que na obra não é mencionado se Moises segue algum tipo de religião. O que fica evidente destas partes é que, embora situadas no mesmo tempo e espaço, são masculinidades *performando* de diferentes formas. Um deles é um libertário, apesar de, durante anos, viver uma condição dúbia, conduz sua jornada de acordo com suas vontades e desejos sem pensar em qualquer regra que tolha seu modo de viver e enxergar a vida, deixa seu casamento de lado para viver aquilo que o satisfaria sexual e afetivamente, tendo em vista que não encontrava isso com aquela que se casou. O outro é um pai de família, tem seus filhos, mas se deixa levar pelos sentimentos e sexualidade, porém ainda fica resistente quando o assunto é apassivar-se na relação entre semelhantes, pois isso poderia o diminuir no quesito potência viril, ou seja, seria menos homem. Lutando contra seus desejos para não alterar seu *status* de homem hegemônico.

Parece um pouco ilógica a crença de Moises no fato de que mesmo se relacionando com homens, sua masculinidade só é afetada caso assuma o papel de passivo da relação. Ora, isso nada mais é do que resquícios da cultura do “estocar”. Conforme já disse anteriormente, a virilidade foi se condicionando, pelos discursos religiosos e moralistas, a estar lado daquele que fazia o papel do ativo, isso foi



passando de geração para geração até os dias atuais em que percebemos em algumas masculinidades advindas de certos contextos sociais traços dessa maneira de enxergar as relações sexuais entre iguais. Endossando esse discurso, Trevisan (1997) afirma que “para um macho típico, não há nada pior o que ser dominado sexualmente.” (p. 55), ou seja, o homem não teria sua virilidade afetada caso exercesse o papel de ativo na relação, pois, embora estivesse se relacionando com outro homem, ainda cumpriria com seu papel de dominador comportamental e sexual.

Damatta (1997) discute sobre essa proteção excessiva do homem com o ânus. O pesquisador parte das memórias da infância com uma brincadeira chamada “tem pente aí?”, que consistia em apalpar nas nádegas de um homem e fazer a pergunta, para problematizar a questão da construção da identidade masculina. Nesse sentido, ele parte da interpretação do comportamento diante da brincadeira a fim mostrar como o homem de verdade deveria performar, o imaginário daquelas pessoas. Isso leva o pesquisador a apontar para o modo como a região traseira era a medida oposta à virilidade do homem, uma região que deveria ser protegida e guardada. Assim, fica evidente como essas noções rondam a mente de Moises, pelo porque, embora amasse o velho, não poderia perder sua identidade masculina hegemônica, entregando o que considerava como limite de hombridade.

A cada linha dessa dissertação fica claro como a ideia de masculinidades é mutável, porque é histórica, e não genérica, visto que, mesmo dentro daquilo que conhecemos atualmente como *gay*, Moises e o velho têm divergências de condutas entre eles, seus comportamentos e, sobretudo, códigos de masculinidades, são distantes. O velho constrói uma vida ligada muito mais à vivência das suas experiências do que apegada aos dogmas das tradições, seu apassivamento não se dá apenas no plano sexual, mas também comportamental:

- Olha, posso ir duas vezes por semana fazer comida para você e lavar tua roupa. *(Pronto, disse. Me ferrei todinho. É agora ou nunca. Não tem problema. Diga o que disser, não me importo. Quero ser otário mesmo. Quero ser repariga. Mulher ruim, não é assim que dizem? Que se fodam todos os que poderiam me julgar. Que importância moral ou política teria eu em ajudar um ex-ficante, lavando suas roupas e fazendo comida para ele. Ia. Bastava me convidar. Bastava querer. Bastava dar um sinal e uma porta para outro mundo iria se abrir para mim. Bastava dizer sim, sem casório. Bastava dizer não à solidão. Bastaria um “vem”, um chamado sem ligação, um toque sem pegação, um afeto permitido. Na verdade, bastava um olhar sem ser invasor, um aperto de mão sem calor, um despedir-se do outro no*

*abraço sem os abraços dos braços. Bastaria, ai meu Deus, era tudo o que eu queria...*) (PÁDUA, 2014, p. 110)

Até o momento, a passividade sobre a qual discuti era voltada ao lado sexual, mas, como diz Vidal (1990), uma prática sexual não define o ser, é apenas um ato. Nesse sentido, outras instâncias são necessárias para entender uma masculinidade, uma delas é seu comportamento dentro do relacionamento, haja vista que, mesmo assumindo uma *performance* passiva na intimidade, não significa que este papel tenha ecos em outros contextos da relação. O velho, no entanto, estende a passividade para os outros âmbitos do enlace afetivo com Moises, por causa da resistência do parceiro no que diz respeito à submissão a algumas ações, por medo da diminuição da sua potência viril. O protagonista, por outro lado, não se importa com algum valor que supostamente seria maior do que seus sentimentos e abre mão de qualquer orgulho ou código de masculinidade para cuidar do parceiro, assumindo o papel, historicamente, incumbido à mulher, que deveria cuidar dos afazeres do lar e tem noção disso ao afirmar que queria *ser otário, rapariga ou mulher ruim, afinal não é assim que dizem?* Então, ele assume essa posição no intuito de viver aquela relação dentro do contexto que ela se situava.

Ao analisarmos a história dos homens, por mais que a relação sexual entre iguais pareça ser um dos pontos que o *homem de verdade* deva evitar a todo custo, o discurso contra o efeminamento ou contra a feminização das pessoas é mais contundente. Como já apontei anteriormente, nas sociedades fundadoras do que hoje conhecemos como ocidente, havia a prática sexual entre homens com determinadas finalidades distantes do prazer, porém as condutas que levavam à feminização do homem eram condenadas. Sartre (2013), estudando os escritos de Homero que apontavam certos ideais viris, diz que quando o autor da *Ilíada* quer qualificar as condutas de um homem “não dispõe de outra escolha senão dizer que ele ‘é homem’, que ele ‘se apresenta como homem” (p. 20), ou seja, não há um adjetivo mais positivo do que dizer para um homem que ele é homem, que agiu como homem, em outras palavras, ele foi forte, assertivo, dominante, violento e virtuoso. Esse elogio dado por Homero e que é comum até os dias atuais – dizer que alguma ação foi atitude de homem – só tem sentido se pensarmos em uma ofensa que contraponha ele. Ora, se o que enaltece está ligado ao indivíduo do sexo masculino, qual seria então o adjetivo que funcionaria como antônimo ao “ele foi homem”? Evidentemente, tudo que é ligado ao universo feminino é colocado como

menos honroso, menos valoroso, menos importante, menos. Ao feminino foram deixados os sentimentos e condutas dos quais os homens deveriam manter distância.

A condição masculina tem uma armadura com dois lados e que é difícil de ser portada: na porção externa, são diversos os atributos que adornam aquele que a carrega, como a força, a dominação, o centro do poderio familiar e social, a largueza, ora violência e brutalidade, ora controle e sociabilidade. Sejam quais forem os aspectos, o exterior da virilidade, metaforizado na armadura, foi o ideal da perfeição masculina. Por outro lado, e por isso eu coloquei como armadura, ela deve ser intransponível, resistente para que não seja transpassada ou perfurada, guardando, assim, o interior. Todavia, essa proteção é feita como um enclausuramento, colocando a interioridade como um cômodo esquecido da casa, cujo dono o abandonou e nem sequer olha para dentro dele. Essa armadura serve para o homem não demonstrar sua condição humana, escondendo dos outros e de si próprio sua interioridade, seus sentimentos, suas confusões e seus medos, ou seja, aquilo que era considerado como o seu lado “feminino”. Por outro lado, a imagem da armadura também é a de que, externamente, se defende o que é interno, aquilo que é o sujeito: ele próprio - sua vida, seu lar, sua esposa, seus filhos, sua terra, seus afetos e sentimentos - para não deixar outro homem, inimigo ou adversário, minar o que lhe é mais caro e frágil.

Essa noção de virilidade, nessa perspectiva, concorda, de certa forma, com a ideia de que a sexualidade é um ato importante<sup>12</sup>, mas não constitui todo o ser, pois a problematização incide sobre as instâncias comportamentais, *performances*, não apenas pela sexualidade, mesmo influenciada por ela. A virilidade se construiu como pública, então, seja qual for o sexo desejado, o homem deveria ter em determinados momentos históricos as condutas supracitadas e esconder suas intimidades.

Todavia, o cenário vai sendo reconstruído à medida em que as novas demandas sociais são apresentadas. O velho, imbuído desse sintoma social, borra esse horizonte, deixando de se importar com um modo tradicional para viver a vida

---

<sup>12</sup> Embora haja, de certa forma, uma simplificação da sexualidade na construção dessa ideia, entendo que a sexualidade não é apenas um ato, também é um traço fortemente identitário para as pessoas hoje, tanto é assim que há movimentos que lutam, brigam por ações públicas em favor do reconhecimento das sexualidades como traços definidores de grupos de sujeitos.

ao seu modo, sendo o “efeminado” em nome do sentimento por Moises, deixando seu casamento no qual não encontrava não apenas sexo, mas, sobretudo, felicidade, e sua sexualidade unicamente hetero, assumindo um livre trânsito sexual.

A virilidade pensada a partir dos comportamentos do protagonista, nesse sentido, volta às origens, mas toma novas nuances. Ela resgata o ponto da largueza sexual masculina de outros contextos, porém não atribui nenhuma virtude a isso, o velho segue apenas suas paixões e desejos. Em contrapartida, a outra masculinidade de relevo nesta análise não segue o mesmo padrão comportamental, haja vista que ela não está alicerçada em padrões menos fluidos com relação à sexualidade, mesmo mantendo uma relação homoafetiva, não se apassiva sexual ou comportamentalmente, como fez o velho, dá para ele a sensação de que ainda mantém sua *performance hegemônica*.

Até aqui problematizamos o ponto de vista subjetivo dessas masculinidades, mas e os outros? Ora, se o homem é um ser público, então entender como os outros os veem é uma espécie de termômetro social sobre os novos modos de ser e estar do mundo masculino. O romance permite esse olhar de fora, pois traz algumas visões de pessoas cujas origens socioculturais são diferentes.

A primeira delas é Francinete - porém coloco de antemão a ressalva de que não é possível opinar sobre a não aceitação dela no que diz respeito ao casal, haja vista que ela permanece casada com o velho enquanto ele mantém seu relacionamento com Moisés, embora o enlace afetivo já não existisse mais. Ela não aceita de forma alguma a traição: “miseráveis filhos da puta, veados do inferno, ardam no enxofre que satanás tem pra vocês” (PÁDUA, 2014, p. 123). Essa é apenas uma das mensagens de ódio deixada em uma das fotos do velho e Moises, demonstrando que, muito mais do que a traição, quebrar o casamento com um homem parece ter sido mais revoltante para Francinete, haja vista que o foco das injúrias está voltado à sexualidade.

Francinete, por ser traída da forma que foi, acaba atravessada e se torna um agente ativo na injúria social que envolve a sexualidade gay. De acordo com os ditos de Eribon (2008), “a injúria é a um só tempo social e coletiva. Visa um indivíduo particular ligando-o a um grupo, uma espécie, uma raça, ao mesmo tempo que busca atingir uma faixa de indivíduos tomando por alvo uma pessoa que dela faz

parte” (p. 93), ou seja, a injúria não atinge apenas um sujeito, mas sim, através dele, o grupo ao qual ele pertence. No caso de Francinete, a injúria a atravessa, fazendo que a mulher se torne um agente ativo dessa violência, não apenas punindo-os pela traição relacional, mas pela traição de valores instaurados no casamento.

A raiva, o remorso e a quebra dos valores levaram a mulher a assassinar Moises. Dalton, em sua ânsia por respostas, encontra a caixa na qual seria possível materializar lembranças dos acontecimentos. Nela, foram deixados todos os registros felizes e trágicos desse amor, o velho guardou todos os momentos e, dentre eles, estavam os artefatos do fatídico dia: “desatados os laços, os nós, restavam [...] uma faca peixeira de inox, [...] Andou e viu uns recortes de jornal, antigos, amarelados. Num deles: ‘Ex-Bombeiro do 2º BPM é morto a facadas pela mulher do namorado.’” (PÁDUA, 2014, p. 123.) A ex-mulher do velho se via traída de todas as formas possíveis, em seu matrimônio, crenças e vida, o que a levou a findar tragicamente o romance, assassinando Moises a facadas.

A história entre Moises e o velho é semelhante a uma explosão nuclear, na qual os envolvimento geralmente perdem ou ganham a guerra, mas os prejuízos maiores são reservados aos que estão aos arredores, pois não têm relação direta com o conflito, mas acabam com as sequelas pela proximidade do local. Sei que a comparação talvez tenha sido ligeiramente exagerada, mas isso traduz de forma clara o que acontecera a Dalton, um adolescente que deixou toda sua vida de lado para cuidar de um pai no fim da vida. O destino havia sido cruel, os resquícios desse embate repercutiram como ondas sonoras agudas e infundas durante toda a juventude:

Dalton morria ao seu modo [...] o mundo para ele parecia não necessitar tanto do que sentia, do que via, do que filtrava, do que resumia daquilo que enxergava nos outros. Estava tão à margem que nem mesmo uma intenção com lupa gigante seria capaz de vê-lo como um sujeito cuja vida tem um valor. (PÁDUA, 2014, p. 43)

A condição à qual fora submetido sem um aviso ou solicitação prévia fez com que ele ficasse preso às escolhas, condicionamentos e decisões dos outros e, embora fosse um rapaz de origens e raízes cristãs, não via nenhum lucro naquele sacrifício de vida perdida para cuidar do velho.

Apesar desse ressentimento, após os desdobramentos finais da obra, é perceptível que o rancor de Dalton sobre a sexualidade *gay* está diretamente ligado

ao trauma sofrido pela situação e não necessariamente relacionado à homofobia. Isso pode ser comprovado nos diálogos finais e no desfecho do romance, quando ele encontra uma filha de Moises e ela o diz que:

- Dalton, nossos pais foram ao extremo por uma felicidade deles. Você não pode fazer menos. Eu não posso fazer menos. São exemplos de pessoas que souberam viver e nos deixaram a lição, a bela lição de se lutar por seus ideais, mesmo que para isso famílias tenham que ser desconstruídas: enclausurar-se dentro de uma família, permanecer no armário acreditando que uma felicidade consiste em só dar felicidade ao outro é uma forma equivocada de viver. (PÁDUA, 2014, p. 152).

Embora não saibamos da situação de Rebeca, filha de Moises, é possível afirmar que ela também fora afetada pela relação, visto que sua família também foi desfeita. No entanto, no discurso dela não se nota o mesmo ódio de Francinete ou Dalton, contrariando as atitudes dos outros familiares ela defende a felicidade de ambos como meta maior, sobrepondo-a à família, aos valores e à opinião alheia. Além disso, faz uma certa inversão de valores, colocando a felicidade acima dos outros aspectos que deveriam nortear os comportamentos das pessoas.

Esses três olhares mostram como a masculinidade *gay* ainda é vista na sociedade. Corroborando os ideais monogâmicos e masculinidades unicamente heterossexuais, Francinete não aceita não apenas o fim da relação, mas, sobretudo, como se deu esse fim. Dalton, ora flertando com as ideias da mãe, ora tentando entender o que realmente acontecia consigo e com o velho, odeia mais a condição de perder sua vida em prol de uma que estava estagnada há anos, do que a orientação sexual do pai. Rebeca, por outro lado, tem um arcabouço ideológico desconstruído com relação por quais caminhos o sujeito deve trilhar nas suas subjetividades, sua visão é fluida e não vê algum valor sobreposto à felicidade.

As noções acerca das masculinidades *gays*, nesse sentido, são plurais, pois não há uma unidade de aceitação, o que ocorre são visões diferentes e noções diferentes de masculinidades. De todas, Rebeca parece ser a que mais traduz o sintoma social de que os valores não são mais do que convenções arbitrárias e arbitradas por cada das demandas das épocas. O fenômeno, portanto, assume novas nuances, quando pensamos nos quesitos homossexualidade e apassivamento comportamental.

Esses são os apontados no que concerne ao que a obra permite apreciar sobre o olhar do outro para o homossexual e a relação entre iguais. Essas

divergências também existem dentro das subjetividades dessas virilidades, pois cada uma vê um sentido e uma dinâmica diferente na construção e manutenção desse valor, um coloca a passividade comportamental e sexual como opostas à macheza, embora se relacione com outro homem. Ser viril, então, para ele, não é ser heterossexual, é não ser passivo sexualmente ou comportamentalmente. O velho, no entanto, parece não se preocupar com qualquer valor ou código de masculinidade, sua virilidade está muito mais associada à vivência das experiências e vazão do desejo do que qualquer outro elemento norteador de condutas.

#### **4.2 Uma ética baseada nos prazeres e desejos**

Esses apontamentos apresentam a tragédia que foi a vida de cada um deles, de negações, de violência física e simbólica, de opressões, enganosa, traições, tudo isso por desejos reprimidos e vidas construídas sobre alicerces de mentiras. Contudo, o velho ainda teve momentos de prazer, mas isso após um processo de desconstrução doloroso. Só assim seu novo modo de vida foi construído, uma vida direcionada para os desejos.

Pensando nisso, convido à reflexão sobre o discurso de Rebeca, defendendo o amor entre o pai e o velho e trazendo algumas questões para além das ideias problematizadas sobre a sexualidade. Ora, como um sujeito estaria autorizado ou seria, dentro de uma conjuntura, a vivência apenas das suas vontades e desejos? A resposta deveria ser óbvia, tendo em vista que cada sujeito se constitui como um ser livre, os sujeitos não são isolados, são sociais, polifônicos e herdeiros de discursos, tradições, construídas pelas ideias de várias instituições diferentes que moldam *performances*. Portanto, nenhum ser humano vive da maneira pura, seguindo seus instintos, vivemos em sociedade cujas regras nos são apresentadas desde o momento em que nascemos ao nosso consciente e são transformadas em um *habitus* no nosso inconsciente.

A esse apanhado de regras podemos chamar de ética, que consiste em um conjunto de normas e condutas que os seres adotam para nortear sua vida. A ética é um dos temas mais discutidos da filosofia desde a antiguidade, quando o cosmos era entendido sob o viés das mitologias e a harmonia da natureza era o que deveria ser seguido. No entanto, esse cenário foi sofrendo reformulações com as guerras e a construção de novos símbolos para nortear a humanidade, como o cristianismo, alicerçando, assim, uma ética com base nos valores da Igreja. (FERRY, 2009). A

partir de agora, portanto, abro um parêntese para discutir a questão teórica no que concerne às ideias sobre a ética.

Esse foi o delineado ético do mundo até meados do séc XVI. Todavia, o movimento Iluminista que consistia em uma reformulação de toda a conjuntura no quesito das ideias, plantou uma semente do cientificismo nesses modos de ver o mundo a partir da visão de deuses ou da natureza. Ferry (2009) diz que:

A partir de então, nada mais há na natureza que possamos imitar no plano moral. O cosmos desmoronou, e é difícil imaginar como o silêncio desses espaços infinitos que assustam o libertino de Pascal poderia de alguma forma servir de modelo ético para os seres humanos. [...] Se o mundo, a partir de então, é um caos, um tecido conflituoso de forças, é claro que o conhecimento já não pode assumir a forma, o sentido próprio de uma teoria. Com efeito, nada mais há de divino na natureza que o espírito humano possa incumbir-se de contemplar. (p. 12)

O autor aponta para o rompimento com as crenças, magia e beleza existentes no *modus operandi* da natureza. O ser humano nunca agiu sozinho, sempre houve modelos para que ele seguisse e imitasse, sem isso o que seria da humanidade? Ele diz que o *cosmos* ruiu. Portanto, os sujeitos estariam fadados à libertinagem, sem nenhum elemento norteador das suas condutas, nem algo que simbolizasse uma punição divina ou moral caso rompesse os contratos estabelecidos para a boa a vida na sociedade.

Como ficou o mundo e as pessoas, afinal? conforme Ferry (2009) esse quadro social deu início ao humanismo, construindo um mundo em que o imperativo das ações seria apenas a vontade do homem. No entanto, nessa perspectiva, parece que o ser humano estaria autorizado a efetivar todos os seus impulsos, mas, dessa forma, o mundo entraria em colapso e a raça humana em um caos, o fim da espécie ou da vida em sociedade, então, seria a consequência.

Isso não aconteceu. A filosofia assumiu para si o papel de buscar respostas para as questões que seriam o norte para a humanidade, a partir de então. Várias foram as respostas para que o ser humano, mesmo sem a força plena do discurso religioso ou do agir conforme a natureza, pudesse manter-se dentro das regras do bem viver social. Pensando nisso, reconhecido como um dos maiores pensadores da história, Kant endossou e deu bases para a sociedade que conhecemos hoje, criando uma noção de ética cuja base estava no próprio ser, mostrando ao humano que ele era capaz de conviver bem, mesmo sem um poder extra-humano, mas sim



com um inerente à capacidade cognitiva, a razão. Para ele, o ser não deveria buscar em outro lugar uma motivação para as suas ações senão na racionalidade:

Se a razão determina infalivelmente a vontade, as acções de um tal ser, que são conhecidas como objectivamente necessárias, são também subjectivamente necessárias, isto é, a vontade é a faculdade de escolher só aquilo que a razão, independentemente da inclinação, reconhece como praticamente necessário, quer dizer como bom. (KANT, 2007, p. 47)

O filósofo elenca dois tipos de ações: aquelas que são necessárias e as que não são necessárias. Ele diz que uma ação necessária está ligada ao modo como fora construída, ou seja, caso sua gênese seja a razão, ela se torna importante, porém se for uma ação norteadas por impulsos ou inclinações, é desnecessária. Olhando para as ideias de Kant, chamo atenção para o fato de que ele entrega ao próprio ser a responsabilidade sobre seus comportamentos. No entanto, por mais que seja uma ética baseada no sujeito e não mais em seres divinos ou na natureza, seu centro não é o egoísmo, pelo contrário, é o indivíduo e a sociedade em volta que importa para a instaurar a validade das ações. Segundo seus apontamentos, as vontades só devem ser realizadas se tiverem utilidade não apenas subjetivamente, mas objetivamente também, em outras palavras, para além do sujeito em si.

Olhando para esses apontamentos, as linhas que pertencem à filosofia de Kant são costuradas a partir da razão, mas não apenas este elemento constitui suas ideias. A racionalidade é o primeiro pilar, como discuti, mas ela está interligada à liberdade e à universalidade. O segundo ponto da sua filosofia é a liberdade, haja vista que, para ele o homem depositava suas expectativas, anseios, medos e vontades a outro ser senão ele mesmo, nada mais era do que alguém sem maturidade. O homem, nesse sentido, é responsável por esse estado de “menoridade”:

O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. (KANT, 1784, p. 1)

Ou seja, a menoridade está para aqueles cujas liberdade é tolhida e trocada por alguma recompensa divina, além disso propõe, imperativamente, que o sujeito utilize do seu próprio esclarecimento e, só então, deixará a mediocridade.

Ora, se o sujeito deve ser livre e seguir somente a si, como ficaria a convivência em sociedade no plano ético de Kant? Aparentemente o excesso de

liberdade cria uma lacuna, no entanto o problema é resolvido quando adentramos no plano da universalidade das suas ações. O pensador propõe que as ações não sejam pensadas no plano subjetivo ou individual, mas sim que a vontade no âmago da conduta contemple todos os seres: “Age como se a tua máxima devesse servir ao mesmo tempo de lei universal (de todos os seres racionais)” (KANT, 2007, p. 82), a ação não pode ser boa apenas para aquele que a realiza, a lei não pode ser beneficente ou privilegiar apenas um grupo em detrimento de outro, pelo contrário, eu devo agir como se minha atitude fosse boa universalmente.

A partir desses pontos é que surgem as bases do mundo ético moderno cujo alicerce, em uma primeira vista, estaria abalado, tendo em vista que o ser humano é um animal suscetível aos instintos e, sem nenhum condicionamento cósmico ou religioso, poderia fazer a espécie ruir. Todavia, uma saída é encontrada na capacidade que separa o homem dos seus semelhantes da natureza, a racionalidade. A partir dela e os outros princípios, uma nova ética é fundada, uma ética da moderação, da preservação e negação dos instintos.

É com base nesse conjunto de ideias, valores, normas e exclusões que o sujeito moderno é delineado, sendo caracterizado diferente daqueles que o antecederam, cuja força e a falta de controle libidinoso eram os principais elementos constituintes de uma pessoa exemplar. Agora, o sujeito necessitava de moderação para as novas relações que surgiram, haja vista que, segundo Vigarello (2013), é no mundo moderno que o alto escalão social troca os valores, colocando os elementos que antes eram basilares para a virilidade de lado “a proibição de vinganças individuais, o respeito à justiça coletiva, a necessidade imposta a cada indivíduo de um controle e de uma contenção. O ataque direto não saberia ter lugar” (p. 209), onde ficaria a honra nesse cenário? Como ela poderia ser lavada? Como ficaria grande arquétipo do guerreiro, o homem verdadeiro de outrora. Parece que realmente ele ficou preso ao advérbio da oração anterior, em outros tempos. Os seres humanos passaram a obedecer às leis estatais mais severas, as populações foram se tornando cada vez mais uma sociedade complexa e estruturada e diversos níveis.

O homem com a nova sociedade e com a nova filosofia deveria ser um sujeito polido e mascarado, nesse momento a dominação silenciosa à qual Bourdieu sugere em *A dominação masculina* (2004) torna-se cada vez mais silenciosa e coercitiva, na

medida em que as demonstrações de força como método de submissão do outro foram perdendo o valor. A razão, nesse sentido, era a grande estrela do momento, os elementos, adornos da virilidade, aos poucos, foram se esvaindo em significação. A espada, por exemplo, segundo Vigarello (2013), “arma viril por excelência, [...] não seria mais que um objeto inofensivo, simples lâmina flexível e delicada.” (p. 211), o pesquisador assume quase um tom irônico ao colocar os termos da flexibilidade e delicadeza frente ao objeto viril, criando uma antítese.

A virilidade, então, foi ganhando nova roupagem, despindo alguns comportamentos e vestindo outros. No entanto, ao observarmos a narrativa de *Por enquanto... outra estação* (PÁDUA, 2014) percebo como há uma força que, mesmo se aproximando das propostas das ideias racionais modernas e kantistas, se distancia, pois o protagonista permite pensar em um modo de enxergar a vida com base na razão e em suas vontades, ao mesmo tempo, se distanciando do projeto de Kant de sociedade.

O velho é um sujeito deslocado, seja pela sexualidade, pelos comportamentos ou pelo modo como leva a vida. Quando comentei antes sobre suas distâncias com relação à Kant no que diz respeito a como cria sua condição de vida, fazia menção à alimentação das suas vontades individuais, sem preocupação com outros mecanismos que pudessem coibir suas experiências. Em um dos momentos mais simbólicos da obra do ponto de vista de uma ruptura com um tipo de masculinidade, o velho vai em busca de prazer com o madrileño, um homem que conheceu e teve enlances sexuais: “de que se sentiria envergonhado? Ele saíra de casa em busca de uma aventura com um dos homens que mais o deixou à vontade para viver o seu desejo” (PÁDUA, 2014, p. 104). O trecho é curto, porém significativo e suficiente para a ideia que pretendo alçar. Ora, assim como em *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2013), um dos primeiros pontos que distanciam a masculinidade atual dos antepassados é sua relação com a monogamia. O velho era um homem casado com uma mulher, mas não encontrava um lar nesse relacionamento, por isso em inúmeros momentos, na obra, o leitor é convidado partir para outras estações e observar as aventuras extraconjugais do protagonista, como no trecho acima, no qual ele viajara para encontrar-se com um dos seus afetos, o madrileño, com quem viveu o desejo, não apenas sustentou uma máscara. Além disso, o corpo linguístico

com o qual Pádua elabora o trecho é perfeito para problematizarmos uma nova ideia sobre a ética.

Pensando nisso, lanço a questão que embalou inúmeras proposições durante as leituras para esta dissertação, a saber: seria possível pensar, a partir da obra, em uma ética do desejo? Trago esta reflexão, pois o protagonista não parece ter outra motivação para suas ações senão seu próprio desejo e, a partir disso, constrói um projeto de vida cuja estrutura está alocada apenas nas suas vontades mais íntimas.

Antes de qualquer proposição, delinheiro o que entendo por desejo, conceito cuja significação tomo emprestado das ideias de Freud, que coloca o prazer como um dos principais norteadores da vontade humana

Na teoria psicanalítica, não hesitamos em supor que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que ele é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer. (FREUD, 2020, p. 59)

Para o pai da psicanálise, nossa psique não funciona arbitrariamente. Cada um de nós tem uma espécie de balança que sempre deve estar em equilíbrio e nossas vontades são responsáveis por manter essa homeostase. Entretanto, quando ela é quebrada por alguma sensação de desprazer, os nossos instintos são acionados para que um prazer seja gerado e o equilíbrio seja estabelecido novamente.

Essa é a noção de desejo que uso para nortear a discussão aqui empreendida. Sendo assim, entendo que o velho passa por uma espécie de desilusão com a estrutura social, que educa os sujeitos a negarem seus prazeres, com a vida que vivia e, a partir disso, busca uma forma de dar equilíbrio a uma existência sem cor ou sem momentos felizes. Nesse sentido, ele adota um novo estilo de vida, um novo modo de enxergar o mundo ao seu redor e a si mesmo, colocando-se em primeiro lugar diante de tudo que o prendia à condição de pai, de marido, de unicamente hétero e, dessa forma, constrói uma nova ética para si.

Na construção dessa nova ética, alguns elementos são postos de lado para que seus desejos assumam uma posição antes restrita para eles. Um desses elementos é a visão de mundo do protagonista, visto que sofre um processo de

desilusão com as normas sociais que ditam as posturas e condutas dos indivíduos, colocando suas crenças apenas em si mesmo:

- Ah, Moisés, deixa de conversa fiada, tá, não suporto esse tipo de verdade. De fato, acho que detesto; melhor odeio essa situação de colocar crença no lugar das coisas que nos são sagradas. Ora, pra que quero crença se não posso viver o meu corpo, se não posso expandir minha pele, se tenho de me diminuir em pessoa e em desejo? Não sei como você aguenta. [...] não vim aqui saber de Deus nem de sataná. Vim por você. (PÁDUA, 2014, p. 112)

O desejo é a grande estrutura central que sustenta o discurso do protagonista. No entanto, para que essa estrutura fique evidente para o leitor assim como é para mim, alguns pontos precisam ser destacados. O primeiro deles é a composição linguística do excerto, haja vista que o velho coloca como conversa fiada esse tipo de verdade, e coisas que não são sagradas os elementos relacionados ao que é fora do ser. O segundo elemento são as ideias que o trecho traz em si, pois, para o protagonista, o sagrado que move os seres é o que há neles e não no externo. Nesse caso, o que move o velho não é uma vontade fora dele, mas sim o seu desejo, assim apenas viver seu prazer ao lado de Moisés é importante ou sagrado.

A ética está estritamente imbrincada com a noção de virilidade, pois ser uma pessoa ética é ser alguém dentro dos padrões exigidos para que se alcance o ideal humano, tal é o objetivo da virilidade: explorar as potências das masculinidades para colocá-las em um estado de perfeição. Portanto, a ética pode ser entendida como um dos atributos da virilidade, visto que o ser viril se constrói a partir de “princípios, de comportamento e de ações designando, no ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais perfeito do masculino” (VIGARELLO, 2013, p. 11), ou seja, dentre esses atributos que o autor propõe para a construção dessa imagem de virilidade, a ética entra como um dos principais pontos, haja vista que ela é o conjunto desses comportamentos de convivência social.

Pensando nessa perspectiva, o velho quebra a ideia de uma virilidade cujas principais características foram colocadas pelos ideais da Igreja, a qual prega não apenas a castidade, mas que o homem foi feito para a mulher, tendo em vista o quesito reprodutivo. No entanto, o protagonista rasura esses comportamentos e retira de *outrem* as responsabilidades, depositando nele mesmo e, com isso,

corroborando com o que Kant apontava como ideal de sujeito, aquele que é esclarecido.

O que fica claro é que, do ponto de vista da filosofia de Kant, há um sujeito esclarecido e autônomo em suas decisões, por colocar suas crenças e vontades em primeiro lugar. No entanto, como fica a questão dos condicionamentos sociais? Por mais que Kant não toque nesses termos, a sociedade ainda tem raízes patriarcalistas e as instituições de poder moldam a realidade de acordo com o interesse dominante. Essa realidade é um dos elementos que impediriam que os sujeitos viveram plenamente seus desejos, haja vista que, segundo Freud:

Por influência dos instintos de autoconservação do Eu é substituído pelo princípio da realidade, que, sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação, a renúncia a várias possibilidades desta e a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer. Por muito tempo o princípio do prazer continua como o modo de funcionamento dos instintos sexuais, que são difíceis de “educar”, e volta e meia sucede que, a partir desses instintos ou no próprio Eu, ele sobrepuja o princípio da realidade, em detrimento de todo o organismo. (FREUD, 2020, p. 67)

O sujeito, embora inicialmente seja afirmado que a psique funcione através do princípio do prazer, não pode se utilizar desse mecanismo o tempo todo, haja vista que existem desejos e impulsos humanos que vão de encontro com a ética do momento. Portanto, para regular os impulsos prazerosos, existem nos seres humanos alguns mecanismos, um deles é o Freud chama de princípio da realidade. Esse mecanismo visa, nas palavras dele, a autoconservação do eu, tendo em vista que, devido aos condicionamentos sociais e para própria segurança do indivíduo, os impulsos enviados para a materialização do prazer podem colocar em risco a integridade social e física do sujeito.

Entendo que o real, ou seja, o mundo objetivo e suas regras precisam ser levados em conta antes de qualquer ação, mas lanço a questão: que realidade é essa à qual devemos obedecer e moldar nossos instintos a partir dela? Os ditos de Eribon (2008), então, se materializam nesse caso. O pesquisador comenta sobre as teorias elaboradas por Foucault no fim da sua vida, dizendo que seria possível “moldar a própria subjetividade por um trabalho de si sobre si. Trata-se de criar ‘estilos de vida’ pelos quais tentamos nos desprender dos modos de ser e de pensar legados pela história” (ERIBON, 2008, p. 295), ou seja, com um trabalho centrado no próprio sujeito, se tornaria plausível a ideia de uma mudança no ser, transformando

seu *modus operandi* de vida e distanciando-o daquele herdado da sociedade, “trata-se de reinventar si mesmo, de se recriar” (ERIBON, 2008, p. 295). O legado da história para os homens construiu uma ideia de um sujeito quase perfeito, recebendo endosso, sobretudo, da Igreja, família, escola e outras instituições de poder que reservavam para o homem o poderio.

O velho, no entanto, se desconecta desse legado, despindo uma malha de códigos que outros homens tinham como único norte para suas vidas. No entanto, a obra apresenta os efeitos positivos e negativos da vida baseada nessa tentativa de recriação sem nenhuma espiritualidade, apenas com os desejos sendo seus únicos princípios de movimento. Em vários momentos de volta à lucidez, o narrador deixa claro sobre a vontade do velho em desligar-se da vida: “talvez a única lembrança que o movia à vida fosse o imperativo de morte que lhe sondava [...] tinha vontade de gritar que era adepto da eutanásia, que podiam pô-lo para dormir eternamente que seria bastante grato ao benfeitor.” (PÁDUA, 2014, p. 86). A angústia por causa da doença e a impossibilidade de viver sua carne faziam com que o velho não enxergasse mais sentido na vida que levava, preso como um pássaro cujo lamento ecoava enquanto suas asas de liberdade estavam fadadas ao esquecimento. Era, nesse momento, fala muda, matéria inanimada, um corpo sem alma.

Essa desilusão com a vida que paira sobre a obra se estendia para seu filho Dalton, que não via sentido na lógica invertida da existência que os cercava, mantendo vivo um morto, e matando lentamente um vivo: “Dalton morria, a seu modo. Não havia pensão nem sentimento cristão que pagasse o sacrifício feito, a vida até então desperdiçada” (PÁDUA, 2014, p. 136). Cuidar do velho não era uma tarefa fácil. Dalton teve que renunciar toda a juventude, levando-o a se posicionar nos mesmos caminhos do pai, desiludido, renunciando valores sagrados: “Não havia mistério: a vida de ambos estava fadada ao silêncio, às não alegrias, aos não sorrisos, às não companhias” (PÁDUA, 2014, p. 13). Dalton não enfrentava apenas a solidão, mas um abandono recíproco da vida, em outras palavras, tanto ela o abandonara, quanto ele deixou de lado a vida. Era um ser insignificante diante dos condicionamentos que lhe eram impostos.

Tanto Dalton quanto o velho são homens desiludidos com as tradições e valores de outros tempos, no entanto, até o momento apenas falei sobre a parte da desilusão e do desencanto com uma estrutura social e uma ética que não parecia

contemplar a existência e felicidade de masculinidade como as apresentadas na obra. Todavia, como, então, se constrói a virilidade a partir apenas dessas negações? Nada de novo é lançado como proposição à virilidade? Ora, é nesse momento que levo a discussão para o reencanto que ocorre na obra, na medida em que, negando todos esses valores, o velho começa a construir sua própria ética e virilidade.

O primeiro passo acontece quando ele rompe simbolicamente com aquilo que o prendia à condição de vida infeliz que levava. O momento de reflexão do velho acontece após uma de suas aventuras extraconjugais em um evento atípico. O protagonista havia sido sequestrado e, durante o ocorrido, outras sensações passaram a invadir o seu ser além do medo, “a pele dos dois entra em contato, o velho arrepia-se e o bandido também” (PÁDUA, 2014, p. 36.), a linguagem da carne e do desejo que marca a obra de Pádua é reveladora, visto que a cena narrava um sequestro, mas com o desenrolar dos acontecimentos, imagens como o tocar da pele e do arrepio gerado pelo ato configuram uma dúvida sobre o que realmente há ali. No entanto, o sequestrador toma a iniciativa e dá um clímax àquele suspense, no momento em que diz:

- olha, tô a fim de dar uma, tu também?

-... (Olhar desconfiado, surpreso, desejoso.)

- E aí, cara, se tu tiver a fim de pegar meus bagulhos, deixo, tá ligado? Agora vê se desenrola logo, antes de me encontrar com Gavião, tá ligado?

- Pô, cara, tu tá a fim ou não? Pensa que num saquei teus olhos de pidão querendo me comer? Então, avança o sinal, abre minha calça e pega meus troços... hein... vai lá, antes qu'eu desista, hein... (PÁDUA, 2014, p. 36)

O clima que envolvia a situação causou uma mistura de sensações no velho que, além do medo, deixou transpassar sua excitação, levando o sequestrador a perceber e propor o momento de prazer. No entanto, o ápice dessa cena se encontra mais à frente, no momento em que o velho chega a sua casa e passa a refletir sobre o que aconteceu. Nesse momento, Pádua, através da sensibilidade com as palavras molda no leitor telas cujas imagens passadas chocam. Diante do quadro popular Sagrado coração de Jesus, no qual encontram-se Jesus e Maria de corações abertos, o velho tece sua filosofia de vida após envolver-se sexualmente com seu sequestrador:

Os olhos da Mãe e do Filho pareciam penalizar o velho: grudaram o olhar de tal forma que era impossível deles se desligar. Acusadores, punitivos. Ao



mesmo tempo presos àquela parede, presos a uma vida que não fluía. Intactos na inércia daquela parede sem vida, sem cor, vermelha sem sangue, olhos sem visão, corações abertos, rodeados de espinhos: escravos do não desejo, do não fome, do não lugar, do não família, do não homem, do deus apenas, retratos perfeitos da negação de tudo. Encontrar neles modelos, impossível [...] Suportaria, quem sabe, o inferno, mas não seria acusado, nunca, de pertencer àquela horda que sacrificava tudo o que para o humano seria motivo de ser e de estar vivo: a vida como ela é. [...] sentia-se mais deus e vivo do que tudo o que a religião até ali havia apregoado. Momentos de tensão e tesão como aquele que acabara de ter, acreditava que não era privilégio de muitos e que jamais seriam reproduzidos. (PÁDUA, 2014, p. 37)

Ele inicia suas ideias colocando o olhar daqueles que faziam com que sua própria consciência o julgasse. Olhando para toda aquela construção simbólica de doação, pureza, sacrifício e amor, o velho parece retirar o véu que encobria esses adornos, tecendo sua reflexão a partir da visão daquele que enxergou a vida além daquilo, descobriu em si a deidade atribuída a eles. Um jogo linguístico é criado para representar um paradoxo, na medida em que o quadro reflete um modelo ideal de vida, mas o velho usa de termos relacionados à vida, mas que não pertencem às ideias refletidas pela obra, pois ele discute a vida como ela é, e não um ideal que, para alcançar, tudo o que é da vida é negado.

Esse ato de profanar o sagrado não é exclusivo desse momento, visto que o velho, em outras estações, passa, até mesmo, a desejar a imagem dos santos Católicos:

Olhou a imagem de São Sebastião. Não tinha dúvida. Queria. Queria para si. Adoraria aquele homem, não como a Cristo, mas como a um Senhor que tem direito e poderes sobre si no âmbito da carne, dos nervos, do sangue, das emoções, dos sentimentos, dos instintos, de todos os canais abertos: abjetos e proporcionadores de prazer e vida. (PÁDUA, 2014, p. 28)

Com essa cena, fica notório como a antirreligiosidade do velho não fora apenas uma tentativa de justificação, em um momento de emoção à flor da pele, do seu ato no momento anterior, visto que em outras partes da narrativa é evidente como não há um respeito ou seguimento à cultura da religião Católica. Isso leva o velho a profanar a imagem sagrada de São Sebastião, um santo cuja representação se dá através de uma pintura, criada por volta de 1536 e 1538, de Gregório Lopes, mostrando um jovem preso a um tronco de madeira, sendo torturado. A imagem, embora tenha uma significação de pudor, sacrifício e castidade, é interpretada pelo velho como um objeto de desejo, haja vista que o santo representado está com apenas vestimentas cobrindo sua genitália.

Apesar da forte presença do desejo como constituinte desse modo de vida, essa ética do desejo construída pelo velho tem suas raízes na racionalidade. O leitor nesse momento deve indagar sobre como a racionalidade pode ser usada para alimentar desejos. A afirmação vai ficando clara, conforme a leitura dá margens para o leitor perceber que o protagonista usa da racionalidade para entender como os mecanismos sociais de tolhimento dos desejos funcionam. Além disso, ele não enxerga um valor maior na tradição cristã para o qual pudesse entregar sua vida e dedicar-se a ele. O protagonista está diante de uma doutrina forte e coercitiva, a qual, segundo Foucault (2014, p. 41), “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ele serve em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar os indivíduos e entre si e diferenciá-los”. Em outras palavras, as doutrinas servem para normatizar as condutas dos sujeitos, colocando os que estão dentro dela como certos e os externos a ela são vistos como errantes.

Olhando para as ideias de Foucault e para as atitudes o velho, é inegável que ele se põe do lado de fora dessa estrutura e ressignifica o sentido de estar vivo. Ora, em nome do que ele iria negar-se enquanto sujeito que se sente o próprio deus de sua vida? Então, “seria esse o sentido de ‘Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?’, quando, ao vislumbrar que o esclarecimento se faz em liberdade, põe como tarefa demover de importância a última tutela, a religiosa”. (SILVA, 2017, p. 182), ou seja, o velho ao fazer esse movimento de quebra com a doutrina religiosa através de uma nova perspectiva, pode, enfim, se considerar um sujeito esclarecido, haja vista que ele é o senhor das suas ações.

A ética constituinte dessa virilidade, portanto, por mais que esteja ligada diretamente aos desejos, traz uma nova forma de ver o mundo, não aceitando dogmas ou verdades impostas pelo tempo. Assim, a virilidade, tomando como base a obra, não está mais presa aos ditames das instituições de poder, pois, agora, a partir da utilização de uma visão de mundo desiludida, para entender que o modo de vida dominante, na verdade, não tem sentido algum para o velho. Os termos são ressignificados e os campos semânticos mudam, o viril não é mais o homem que teme, mas sim o homem livre e racional.

A virilidade, nesse sentido, se constrói a partir de dessa nova visão de mundo para moldar uma nova ética baseada nos desejos. Essa nova perspectiva do desejo

entra em cena com a finalidade de entender como a sociedade ainda funciona nos trilhos das ideias patriarcais. No entanto, é necessário pensar em alguns outros pontos para ter a ética do desejo mais consolidada. Conforme pontuei, a razão norteia essa ética, portanto, há um sujeito autônomo em suas decisões, logo a liberdade ou nos termos kantistas o esclarecimento é um dos seus elementos constituintes, mas e a universalidade das ações?

Aqui, outro paradoxo se estabelece, posto que o desejo é algo individual, mas, por outro lado, para que a raça humana e a vida em sociedade continuem sendo preservadas são necessárias ações que não estejam focadas apenas no eu, mas no bem coletivo. Numa primeira visada, pode parecer que essa ética construída pelo velho se contraponha ao projeto pensado por Kant, no entanto, eles se assemelham. Neste ponto, gostaria de encerrar este tópico com o discurso do personagem com o qual comecei, Rebeca, filha de Moises. Ela disserta sobre o funcionamento de uma vida assim e como isso não afeta o outro “se eu quero, é! Se estou falando de mim, inventando minha vida, construindo um lugar de felicidade para mim e se os meus atos nada ferem ao outro, posso [...] viver ao meu modo.” (PÁDUA, 2014, p. 152), ou seja, por mais que o protagonista da obra tenha o hedonismo como bússola da sua vida, em momento algum tem o objetivo de ferir ao outro, os desdobramentos negativos da obra se deram pelas escolhas infelizes que fez quando ainda não tinha noção ou coragem de seguir seus desejos.

Com base nesses apontamentos, fica evidente que a mudança não é com relação ao outro, mas com relação a si. Ela reside em seu código de virilidade, mostrando que, embora não se estenda a todos os homens heteros ou gays da atualidade, há um sintoma social para o andamento dessa ética do desejo cujas características são uma nova perspectiva de mundo para entender os mecanismos sociais, a liberdade ou esclarecimento na tomada de decisões e, por fim, seus atos, embora tenham o foco na individualidade, preservam a universalidade e o bem social, haja vista que não pretende ferir ao outro.

No início deste capítulo, a empreitada para problematizar a virilidade a partir de masculinidades gays pareceu ser paradoxal, abjeta e sem embasamento. No entanto, com os apontamentos e o desvelamento das ideias atuais sobre sexualidade hetero e gay e, sobretudo, como a gay, pelo menos no que a obra permitiu pensar, constrói um *modus operandi* de vida, respeitando outros sujeitos e

buscando sua plenitude através dos seus desejos e da vazão da sexualidade e afetos. Sendo assim, não é algo surreal dizer que o homem *gay* contemporâneo tem sua virilidade e os códigos que a regem são o desapego às crenças e pudores moduladores dos comportamentos, o retorno da desvinculação entre sexualidade e virilidade e uma vida baseada em uma ética que priorize os desejos.

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações finais representam o sentimento de um pesquisador que adentrou em um campo espinhoso e de difícil acesso e trouxe algumas ideias sobre esse local. Porém, essas ideias trazidas abrem espaço para inúmeras perguntas. Sendo assim, esse não é um fim para a discussões das questões apresentadas nessa dissertação. Muito pelo contrário, esse, talvez, seja o apenas o início de problematizações envolvendo a virilidade desses protagonistas da literatura das últimas décadas.

Enquanto essas discussões futuras não chegam, pensemos na presente dissertação e na construção de uma virilidade à moda desses protagonistas. Em *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012), o objetivo era entender como, a partir das suas práticas culturais, era possível reconhecer um conjunto de aspectos que o fizessem viril. Entretanto, isso não poderia ser feito caso a noção de virilidade fosse aquela sedimentada sobre a qual discorri no capítulo 1, pois, mesmo que a obra se construa pela observação de um universo masculinizado e por uma narração sob o ponto de vista de um homem, a *performatividade* do protagonista não corroborava o arquétipo do homem viril calcado durante séculos.

A partir dessa perspectiva, discuti, inicialmente, como o professor era apresentado nas páginas introdutórias da obra, afinal, um *homem de verdade*, nos termos de Nolasco (1997), não poderia ser mostrado apenas como um portador de uma doença, sem alguma descrição de um *status* social ou de uma proeza. Seus únicos aspectos que poderiam ser apresentados para fazer dele alguém próximo ao ideal tradicional seriam a estatura física e sua prática de atletismo. Contudo, isso não veio à tona e esses não-ditos são de suma importância para entender as intenções daquele que narra. Ora, por que selecionar determinados aspectos em detrimento de outros?

É evidente (e óbvio até) que são escolhas do enunciador do discurso, mas isso acaba sendo um ato intencional e, de certa forma, inconsciente, afinal, por que seria importante ressaltar os elementos que fizessem referência a uma virilidade tradicional se o autor não quer passar isso para o leitor? Percebe-se que as categorias literárias, nesse momento, se misturam, porque autor e protagonista, no fim das contas são frutos de um mesmo corpo social. A realidade é transmutada para a obra através da sensibilidade de um homem pertencente ao seu tempo.

Assim, esse homem seria o autor que constrói representações daquilo que vê, ouve, sente e experiencia. Dessa forma, partindo dos pressupostos do momento sociocultural que vivemos, o protagonista é uma representação de várias vozes masculinas que, antes de aspectos épicos, estão preocupados com diversos outros pontos da sua condição de homem. Com isso, entretanto, não nego que ainda estamos longe de um cenário de realmente diferente, mas o caminho das mudanças está aberto.

No momento posterior, apresentei a relação do professor com seu pai, para entender a importância da família na construção dessa virilidade. A cena anunciadora do suicídio do pai deixou evidente como o protagonista, nesse aspecto, possui um sentimento problemático, pois a relação entre eles não parece ser tão boa e isso se explica por alguns motivos, como por exemplo o rompimento do casamento entre o pai e a mãe. O progenitor, como ele próprio assume, vivia abusando de uma vida libertina e isso se comprova pelo fato dele cometer o suicídio por não poder ter mais essas experiências. O conjunto de ações apresentadas parecem distanciar os sujeitos envolvidos nessa trama, levando o professor a aceitar o discurso do suicídio do pai, sem um impedimento efetivo.

A relação problemática entre pai e filho diz muito sobre como o professor pensava sua condição masculina, visto que a *performance* do seu progenitor não o representava, em outras palavras, o protagonista não enxergava o pai como um homem cujo comportamento fosse um exemplo. No entanto, isso não é suficiente para afirmar que há uma má relação, mas a obra permite pensar dessa forma pelo modo como, de certa forma, o suicídio do pai ecoa para ele. Não há menção de algum problema, saudade ou qualquer sentimento consequente do ocorrido. Essa virilidade, então, não parece criar um vínculo forte familiar ou então defender a todo custo aqueles com os quais apenas laços sanguíneos são compartilhados.

Se a diferença da virilidade do pai para a do filho já era grande, a do avô, Gaudério, se distanciava mais ainda de ambos, uma vez que era um homem honroso, com virtudes e fiel à mulher, embora se metesse em brigas, mas essas eram feitas para lavar sua honra caso algum outro homem o desafiasse. Seu filho, todavia, não segue esse padrão, ele apenas segue por caminhos que configuram uma virilidade diferente. Isso deixa claro como a virilidade sofre transformações dentro da própria obra, pois ela não é passada de geração em geração, pelo

contrário, há uma interrupção e uma ressignificação de valores do avô para o pai, do pai para o filho, construindo, assim, no mínimo, três virilidades diferentes.

Essas nuances da sua virilidade se expandem para outras cenas da obra, pois a questão familiar volta com seu irmão que se envolve com sua noiva e ambos abandonam o professor. Esse ponto é um dos mais importantes do romance para que seja possível repensar essa virilidade, afinal, ainda estamos no campo relacional no que diz respeito à família. Entretanto, e a mulher? Aquela que, durante séculos, foi vista apenas como um ser pertencente ao homem e que deveria ser usada para a reprodução, proibida dos prazeres e desautorizada em seguir suas vontades. A obra de Galera (2012) permite a discussão sobre esse aspecto, trazendo essa violação da monogamia, a qual era e ainda é um elemento presente nas relações de afeto conjugal. O professor, no entanto, não toma nenhuma atitude contra o ocorrido, apenas se afasta do irmão e de Vivian, sua ex-noiva.

A *performance* do homem viril pedagogizado em séculos passados era dura com relação a isso, visto que a traição era um ato de completa desonra e insulta à virilidade masculina. Porém, esse é mais um elemento que não preocupa o professor, que se distancia sem que pense em vingança ou algo semelhante, configurando uma virilidade muito distante dos seus antepassados, cuja honra jamais poderia ser ferida por uma traição.

Suas *performances* não corroboram nenhum ideal para o homem do ponto de vista tradicional, por ele não tentar salvar o pai, não lavar sua honra e permitir a aproximação entre noiva e seu irmão, porém é perceptível como esses apontamentos são referentes ao outro. A virilidade do professor, então, ressignifica o conceito, pois ela é mais subjetiva do que ordenada por uma força ou pressão exterior que engessam o sujeito dentro de uma *performance*. Subjetiva no sentido de que não há a preocupação com o outro, com a visão do outro, com o achar do outro, mas com seu próprio bem-estar e como isso pode ser alcançado sem preocupações com virtudes de outros modelos masculinos.

O romance *Barba ensopada de sangue* (GALERA, 2012) traz uma narrativa pautada na busca de autoconhecimento, fuga e refúgio, logo não poderia trazer um homem épico, era necessário, nas palavras de Dalcastagnè (2012) apresentar um “sujeitozinho” confuso. Apesar disso, entendo o professor como um homem de seu

tempo, que não precisa lavar a honra para mostrar virilidade, pelo contrário, ele parece dominar muito mais sua racionalidade do que aqueles que consideravam viris.

Diante do exposto, a virilidade apresentada pelo protagonista é construída a partir de alguns pontos. O primeiro deles é a valorização dos afetos em detrimento dos laços de sangue, visto que a morte do seu pai não o marcou tanto, mostrando que se houvesse uma relação de mais proximidade, talvez ele reagiria de maneira diferente. O segundo ponto é sua relação com mulheres, afinal, é evidente como ele não é um homem com uma largueza sexual e busca mulheres para satisfazer esse desejo, o professor, embora solteiro, é muito contido em seus atos, muitas vezes, colocando a razão acima dos impulsos sexuais. O terceiro ponto também se constitui a partir da relação com mulheres, não afetivamente, mas sim do ponto de vista de que a mulher é um ser autônomo e não sua propriedade.

O professor, então, configura uma virilidade distante de uma pedagogização tradicional, aquela cujos valores eram passados de pai para filho. Parece que, pela falta dessa educação, houve uma liberdade *performativa* para que ele se construísse com base no que a sociedade permitia para o homem, sociedade essa que não vê com os olhos da normalidade todos os problemas causados pelo patriarcalismo.

O protagonista do romance de Daniel Galera é heterossexual, algo comum quando se pensa na virilidade, mas o protagonista do segundo romance analisado não. Em Antonio de Pádua o caminho trilhado foi mais árduo, pois teve que desconstruir a imagem da virilidade como sendo ligada apenas ao homem heterossexual. Afinal, por que uma masculinidade *gay* não poderia ser viril? Mas também há o questionamento contrário: por que ser viril? Ora, se a virilidade é o mais perfeito do masculino, por que não podem ser viris? A virilidade não pode ser mais atribuída à violência e aos outros aspectos que regiam as *performances* de homens no passado. A sociedade vem mudando e a virilidade a acompanha.

Ficou claro como os valores arbitrados não só pela Igreja como também pela negação das condutas femininas eram motores para impulsionar essa problemática. Nesse sentido, através da análise das práticas culturais de algumas sociedades, percebe-se que a premissa hétero para a virilidade é convenção e tomava como base os dogmas religiosos e a misoginia.



Esse conjunto de valores era um fardo pesado para o protagonista de Pádua (2014), pois ele era um homem de alma deslocada daquele meio sociocultural em que vivia. Havia um grande problema com relação à família, visto que sua esposa cultivava os valores cristãos em casa, enquanto ele via aquilo como uma castração de vida, por isso buscava prazer nos locais mais inusitados até reencontrar uma antiga paixão, Moises.

No relacionamento entre eles, era perceptível como Moisés ainda mantinha uma posição de não entrega do seu corpo, de ter sua masculinidade preservada, sendo apenas ativo na relação, valor cultivado desde os tempos antigos. O velho, mais aberto para essas questões, não se importava com valores ou posições para manter sua masculinidade. Logo, vê-se que a virilidade dele não se construía na relação ativa ou passiva. Além disso, a visão da sua família é um ponto interessante para se analisar neste momento, pois mostra como a homofobia ainda é presente na sociedade, mas isso não impediu que eles vivessem alguns momentos de plenitude ao lado do outro, embora a esposa do velho acabe assassinando Moisés, motivada tanto pela traição quanto pela não aceitação da condição *gay* do marido, afinal, mesmo que aquele enlace não seguisse adiante, o casamento não prosseguiria por causa da orientação sexual do velho.

A relação conjugal não era pacífica, não havia mais alegria ou prazer naquele quarto, apenas dor e aprisionamento e, a partir disso, o protagonista nega todos os valores que o faziam viver preso àquela condição. Ele percebe como havia uma coerção moral e social para que ele reprimisse seu lado interno e vivesse castrado, então, entendendo isso, começa a praticar sua ética do desejo, vivendo afetivamente apenas para aquilo que o proporciona vontade, desejo e prazer. Sua ética, então, é uma forma de livrar-se das amarras sociais e experienciar o mundo a partir dos desejos, antes tolhidos pelo casamento, pela tradição religiosa que seguia, pela sociedade e até por ele mesmo, por se condicionar àquilo.

É possível então que um homem *gay* seja viril? Sim. Se entendermos que os conjuntos de práticas culturais foram escolhidas arbitrariamente para os homens, a fim de justificar as práticas de alguns, se entendermos que a virilidade é um fenômeno mutável e que estava silenciado há décadas, se entendermos que o viril é uma condição masculina, seja ela qual for. Com essa visão e partindo da

desconstrução de alguns dogmas sociais como os citados agora, qualquer masculinidade pode ter sua virilidade.

O objetivo desta dissertação não é afirmar que o homem é viril como se esse fosse um valor importante para a construção da masculinidade. O intuito foi partir desse mundo à deriva e margeado que parte das masculinidades atuais vivem para dar um nome, um significado a isso. Quantas pesquisas não apontei nesta dissertação – e até as minhas - que colocavam o sujeito masculino, de alguns anos até aqui, como um ser problemático, distante de um ideal tradicionalista, mas ainda reforçador de práticas? Então, na verdade, os protagonistas não parecem reforçar tantas práticas assim, eles vivem de um modo subjetivo, mais livre, sem se importar com práticas culturais passadas.

Liberdade. Talvez essa seja a palavra que motive a subjetividade desses homens héteros ou *gays*. É sabido que a liberdade nunca fora permitida aos sujeitos plenamente. Homens distantes do ideal eram fracassados e escória, logo não exemplos, e toda história é apenas um ponto de vista visto de um ponto, esse ponto era excludente, era patriarcal, era viril à moda tradicional. Contudo, há algumas décadas a história passou a ser vista por outros pontos, trazendo à tona esses esquecidos.

Diante do exposto, é evidente como não há a possibilidade de dizer que este é um final, é apenas uma abertura para novas pesquisas. Afinal, esse estudo abre espaço para novas investigações na literatura, por não contemplar, a título de exemplificação, homens trans. Além disso, com essas mudanças que apontei para essas masculinidades, por que ainda há uma grande persistência da violência contra a mulher na sociedade? E por que só os homens têm uma tendência a agredir? Enfim, essas são questões para as investigações futuras que precisam saltar a barreira das masculinidades e investiga-las.

Por enquanto, fiquemos nessa estação, com essas virilidades que, por mais que sejam ainda problemáticas, livraram eles de sofrimentos maiores, de repressões, de culpas e de castrações. Aqui, assim como na pesquisa que motivou esta, as palavras de Pádua se fazem precisamente necessárias, mas não para dizer que os modos de vida próprios, se não ferirem ao outro, podem ser construídos cada um a seu modo, porque esse foi o lema que impulsionou as descobertas aqui feitas,

esses homens, agora, foram bravos, não por alguma batalha, mas bravos porque felizes, afinal “foram ao extremo por uma felicidade deles [...] São exemplos de pessoas que souberam viver e nos deixaram a lição, a bela lição de se lutar por seus ideais, eu não posso fazer menos, você não pode fazer menos [...]” (PÁDUA, 2014, p. 152).

## REFERÊNCIAS

- AIRIAU, Paul. A virilidade do padre católico: certa ou problemática?. In.: CORBIN, Alain (org.). **História da virilidade 2**: o triunfo da virilidade, o século XIX. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 302-320.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ANDRADE, Jorge. **A Moratória**. 15.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. vol. 32. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- BAUBÉROT, Arnauld. Não se nasce viril, torna-se viril. In.: COURTINE., Jean Jacques. **História da virilidade 3**: a virilidade em crise?. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**. n. 19. dez. 2007.
- CAMARGO, Flávio Pereira. O desejo homoerótico no conto “Passional ao extremo”, de Antonio de Pádua. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 107-1180, 2018.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Reflexões sobre a sexualidade masculina. **Reverso**, Belo Horizonte. v. 35, n. 66, p. 83-92, dez. 2013.
- CONNELL, Robert Willian. **Masculinities**. Berkeley Los Angeles: University of California Press, 1995.
- CONNELL, Robert Willian. MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. v. 21, n. 1. 2013, p. 241-282.
- COSTA, Jhonatan Leal da. Buscas de identidade e crises de alteridade em mosaicos azuis desejos, de Antonio de Pádua. In: **XIII Encontro da ABRALIC**. 2012, Campina Grande. Anais. Campina grande, 2012, p. 1-17.
- COSTA, Jhonatan Leal da. SOARES, Ricardo. “Obscenidade” em cena: o desnudamento da homoafetividade e da solidão em conto de Antonio de Pádua. **XIII Congresso Internacional da Abralic**, 2013. Campina grande. Anais, Campina Grande, UEPB, 2013, p. 1-8.
- CUSCHNIR, Luiz; MARDEGAN JR, Elyseu. **Homens e suas máscaras**: a revolução silenciosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. **Diálogos Latinoamericanos**. Aarhus, nº 3, p. 114-30, 2001.

DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada: a honra como temade cultura e na sociedade ibero-americana. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n. 2, p. 47-111, 1994.

.DUMÉZIL, Bruno. O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 125-152.

DUNPHY, Richard. **Sexual politics**: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

ESKRIDGE, Willian Junior. **A history of same-sex marriage**. Virginia: Law Review, 1993.

FACCHIN, Michelle. Barba ensopada de sangue: realismo e subjetividade. **REVISTA DE LETRAS**. v. 17, n. 21, jul./dez. 2015 – UTFPR – CURITIBA.

FERRY, Luc, “Crítica da razão prática”. In. \_\_\_\_\_. **Kant**: uma leitura das três “críticas”. Tradução Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 74-130.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. ed. 24. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. ed. 1. São Paulo, Paz&terra, 2021

FREUD. Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GALERA, Daniel. **Até o dia em que o cão morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GALERA, Daniel. **Mãos de Cavalo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GALERA, Daniel. **Cordilheira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Coleção Amores Expressos).

GALERA, Daniel. **Barba ensopada de sangue**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

GARCIA, Sandra Maria. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In.: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G; MEDRADO, Beatriz (orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. 34. ed. São Paulo: ECOS, 1998, p. 31-50.

GIACOMETTI, Fabiana Aparecida Prenhaca. **O nome do homem casado**: Um estudo sobre a cultura masculina e a função social do sobrenome. 2019. 136 p. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 10, n. 1, 2005, p. 47-57.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 1995.

HOMERO. **Ilíada**. Trad.: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Prática autoficcional: tentativas de apreensão de um conceito. **EM TESE** – Reflexões impuras: fronteiras entre ficção, crítica e teoria literária. v. 20, n. 3, 2014.

LEHNEN, Leila. Os sofrimentos dos jovens protagonistas em três romances de Daniel Galera. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (Orgs.). **O futuro pelo retrovisor**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 167-184, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

JANUÁRIO. Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção**: gênero, corpo e publicidade. Covilhã: Labcom, 2016.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: 2007.

KANT, Immanuel. **O que é esclarecimento**. Prússia. 1784. Disponível em: <https://www.airtonjo.com/download/Kant-Esclarecimento.pdf>&gt;. Acesso em: 03, dez. de 2020.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da homossexualidade**. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KRISTZMAN, Lawrence D. A virilidade e seus outros: a representação da masculinidade paradoxal. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 217-41.

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MELO, Itamar Mateus Muniz de. **Homens na literatura brasileira**: masculinidades ora negadas ora incorporadas. 2019. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates. (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.

NOLASCO, Sócrates. Um “Homem de Verdade”. In.: CALDAS, Dário (org.). **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 13-30.

NOLASCO, Sócrates. O apagão da masculinidade. In.: **Trabalho e sociedade**. ano 1. n. 2. 2001.

**ORDENAÇÕES FILIPINAS**. Livro II. Rio de Janeiro, 1870. Disponível em: <<http://www.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/l5p1188.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVERIA, André Maciel de. **A literatura de gênero gay em *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão***: contos homoeróticos de Antonio de Pádua Dias da Silva. 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

PÁDUA, Antonio. **Por enquanto... Outra Estação**. São Paulo: Scortecci, 2014.

PEREIRA, Luciano Motta da. O retorno do autor e as escritas de si na ficção brasileira contemporânea. **Anais do IX SAPPIL** - Estudos de Literatura. 2019. UFF, n. 1, p. 435-455, 2019.

PIGENET, Michel. Virilidades operárias. In.: CORBIN, Alain (org.). **História da virilidade 2**: o triunfo da virilidade, o século XIX. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 249-301.

POMBO, Mariana. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 447-470, 2018.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

RIBEIRO, Felipe Fernandes. Até o dia em que o cão morreu, de Daniel Galera: a rebeldia do cansaço na sociedade das coisas úteis. **Fórum Lit. Bras. Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 11. n. 22. p. 94-159, 2019.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Gilvan de Melo. Da literatura de cordel ao imaginário da modernidade: a criação do cangaceiro urbano. **SocioPoética**. Campina Grande – PB. v. 1, n. 16, p. 130-149, 2016.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In.: VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean Jacques; CORBIN, Alain. **História da Virilidade**: 1 a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis RJ: Vozes, 2013, p. 17-70.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Representações do masculino no imaginário do cordel. **Revista Investigações**: Linguística e teoria literária. Recife, v. 19, n. 1, p. 9-34, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre rapazes e homens**. Campina Grande: EDUEPB, 2006.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão**: contos homoeróticos. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Eis o mistério da fé. Olinda**: Livro Rápido, 2009.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Abjetos**: desejos. Olinda: Livro Rápido, 2010.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mosaicos azuis desejos**. São Paulo: Giusti, 2011.

SILVA, Reginaldo Oliveira. "A ética de Kant entre diacronia e sincronia na história da moral". In. NOGUEIRA, Simone Marinho; SILVA, Reginaldo Oliveira. **Pequenos ensaios sobre grandes filósofos**. Campina Grande: Eduepb, 2017.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. v. 1. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.

SOUZA, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). **DOSSIÊ** – Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais. Londrina, v. 14, n. 2, p. 123-144, 2009.

TAKEDA, Anna Caronlina Botelho. A obsessão pela virilidade em *Mãos de cavalo*: poder e ruína. **Estação Literária**. Londrina. v. 16. p. 153-164, 2015.

TREVISAN, José Silverio. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In.: CALDAS, Dário (org.). **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança, identidade, crise e vaidade. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 51-92.

THOMASSET, Claude. O medieval, a força e o sangue. In.: In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 153-202.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 71-124.

VIDAL, Gore. **A árvore da liberdade**: notas sobre nosso estado patriarcal. The Nation, 1990.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: VIGARELLO, Georges. (org.). **História da Virilidade**: 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-50.

XAVIER, Luiz Gustavo Osório. **Homens à deriva**: a representação da masculinidade em dois romances de Daniel Galera. 2020. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.